

convergência

NOVEMBRO • 1997 • ANO XXXII Nº 307



convergência

- VIDA RELIGIOSA BRASILEIRA RUMO AO TERCEIRO MILÊNIO À LUZ DA VIDA E DA MISSÃO DE JESUS SEGUNDO O EVANGELHO DE SÃO MARCOS
- COM SANTA TERESINHA PARA UM NOVO MILÊNIO
- BATISMO E SEGUIMENTO PECULIAR DE CRISTO
- A VIVÊNCIA ENTRE MASCULINO E FEMININO NA VIDA RELIGIOSA – CHAVES DE LEITURA
- ANÁLISE DE CONJUNTURA JULHO/AGOSTO DE 1997

SUMÁRIO

EDITORIAL	517
Ir. Carmelita de Freitas, FJ	
PALAVRA DO PAPA	520
INFORME CRB	524
VIDA RELIGIOSA BRASILEIRA RUMO AO TERCEIRO MILÊNIO À LUZ DA VIDA E DA MISSÃO DE JESUS SEGUNDO O EVANGELHO DE SÃO MARCOS*	530
Ir. Ana Roy	
COM SANTA TERESINHA PARA UM NOVO MILÊNIO	539
Frei Cláudio van Balen	
BATISMO E SEGUIMENTO PECULIAR DE CRISTO	546
Pe. Carlos Palmês, SJ	
A VIVÊNCIA ENTRE MASCULINO E FEMININO NA VIDA RELIGIOSA – CHAVES DE LEITURA	555
Pe. Victor Hugo S. Lapenta, C.S.S.R.	
ANÁLISE DE CONJUNTURA JULHO/AGOSTO DE 1997	567
Pe. Virgílio Leite Uchôa	

NOSSA CAPA

A ilustração para os próximos anos chama a atenção para a participação e o envolvimento da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no projeto de evangelização "Rumo ao novo milênio". Trata-se de uma fotografia tomada do mural artístico confeccionado em pedras de variadas cores numa parede interna, junto à capela da sede da CRB Nacional. Inspirado no logotipo escolhido pela Comissão Central da Santa Sé para o Jubileu, presidida pelo Cardeal Roger Etchegarray, a partir de um concurso vencido pela estudante de arte italiana Emanuela Rocchi, o artista plástico José Antonio Abreu, de Igarapé, MG, compôs o mosaico com grande expressão e beleza. Nele se destacam o globo terrestre, os cinco continentes representados pelas pombas, a cruz estilizada e as palavras: CRISTO, ONTEM, HOJE, SEMPRE, sinalizando o anúncio principal do projeto (Pe. João Roque Rohr, SJ).

ASSINATURA PARA 1997:

BRASIL: taxa única

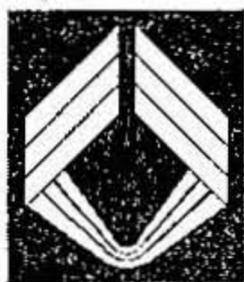
Terrestre ou aérea R\$ 55,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) R\$ 5,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

Cinelandia • Tel.: (021) 240-7299

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

VER E ANUNCIAR: A FIGURA BÍBLICA DA SENTINELA

Uma das figuras bem conhecidas na história do Povo no Antigo Testamento é a figura da sentinela. Situada estrategicamente em lugares altos e de amplos horizontes, incumbe-lhe a delicada missão de observar, discernir e anunciar para defender a vida do povo. Tal missão implica numa vigilância perscrutadora do horizonte, onde se fazem perceptíveis os sinais, ou até mesmo os indícios de que algo importante para a vida do povo está prestes a suceder. Mas não lhe basta captar os sinais. A sentinela deve interpretá-los, quando mal são perceptíveis no horizonte longínquo. Por isso, a sentinela está treinada para ver, para ver a grandes distâncias, para ver com precisão. Seu olhar inquiridor, aguçado pelo amor ao povo e a fidelidade à missão, está em alerta permanente: — “Sobre a atalaia, meu Senhor, estou firme ao longo do dia, e no meu posto de guarda permaneço noites inteiras”.

É sobretudo em tempo de guerra, de ameaça para o povo, quando o papel da sentinela se torna mais relevante e, ao mesmo tempo, mais arriscado: deve expor a vida para salvaguardar a segurança e a vida do povo, que parecem pender da acuidade do seu olhar e da presteza da sua palavra.

Às vezes, no Antigo Testamento, a função da sentinela é associada à função do profeta. Assim, Ezequiel se considera um vigia para o povo, investido dessa função pelo próprio Javé: “A palavra de Javé

me foi dirigida nestes termos: Filho de Homem, eu te coloquei como sentinela da Casa de Israel”. Habacuc, na veemente defesa do povo contra seus opressores, se identifica com a sentinela: “Subirei ao meu posto de guarda, estabelecer-me-ei na minha marulha, me porei à espreita...”

O mais específico da função da sentinela é, portanto, a capacidade de ver, de ver corretamente, e de anunciar o que vê, sem se deixar enganar pelas aparências ou por qualquer tipo de engodo, sempre em função da defesa daqueles que dependem da sua vigilante perspicácia. Testemunha fiel, que não se deixa comprar nem subornar, a sentinela é a visibilização da misericórdia entranhável de Javé para com o povo, em meio às vicissitudes e ameaças da sua história.

Essa atitude de permanente vigilância, de contínua “conversão” do olhar é também constitutiva da vocação cristã. Jesus a descreve com uma parábola, na qual a lâmpada acesa é o símbolo do olhar transparente e vigilante que deve caracterizar seus seguidores chamados ao “banquete do Reino”.

Seguidores de Jesus, os religiosos e religiosas estamos chamados a ser permanentemente na Igreja e no mundo sentinelas do Reino. Ou, em expressão de Paulo VI, a estar na “vanguarda da missão”, capaz de discernir com lucidez e perspicácia as interpelações e os desafios que se perfilam no horizonte da história, e que po-

dem ser ou “boa-nova” para o povo, ou ameaça e atentado à sua vida e dignidade. Quando os fariseus e os saduceus pedem a Jesus um sinal, Ele os remete aos sinais dos tempos, e questiona com veemência sua “cegueira”, sua incapacidade de discernir os sinais do Reino que chaga, que já está presente, e que submete a juízo seja a cegueira dos que não querem ver, seja o endurecimento do coração diante do que se vê.

Cada momento histórico tem os seus “sinais” que remetem a intervenções misericordiosas de Deus na história dos povos. Para ser fiéis a sua vocação de sentinelas do Reino na Igreja e no mundo, particularmente nesta virada de milênio, os religiosos e religiosas devem viver a contínua “conversão” do olhar, que lhes permita enxergar e anunciar na arena da história, muitas vezes ambígua e desconcertante, o paradoxo das bem-aventuranças, a “lógica” maior do Reino de Deus, os sinais da misericórdia infinita do Pai. A encruzilhada histórica que estamos vivendo parece pedir com mais urgência tal atitude.

Neste mês de Novembro, CONVERGÊNCIA oferece aos leitores um rico material de reflexão na perspectiva dessa dimensão profunda da sua vocação de consagrados e consagradas a serviço do Reino, num mundo prestes a transpor os umbrais de um novo milênio.

O texto de Ir. Ana Roy – “Vida Religiosa brasileira rumo ao Terceiro Milênio, à luz da vida e da missão de Jesus segundo o Evangelho de Marcos” – constitui uma inspirada reflexão sobre as raízes evangélicas da Vida Religiosa e sua missão na comunidade eclesial. Como sentinela fiel e perspicaz, a autora aponta para os sinais da permanente e sempre nova irrupção de Deus na história dos povos, exortando a Vida Religiosa deste final de milênio a ser particularmente sensível a estes sinais para

recuperar sua força profética a partir da sua própria fragilidade, numa viva experiência da ação paradoxal do Espírito que a conduz: “levanta-te Vida Religiosa, humilde, frágil. Desce da montanha confiante e vencedora, já que tua força está na tua pequenez. Nos caminhos estreitos, nos caminhos da fragilidade encontramos aquele que está te precedendo”.

A figura de Santa Teresinha, cujo centenário da morte a Igreja comemora este ano, é focalizada com maestria por Fr. Cláudio van Balen, no seu interessante artigo “Com Santa Teresinha para um Novo Milênio”. Para o autor, “na insegurança da aridez moderna, há uma luz à qual nos podemos e devemos agarrar”, como Teresinha, que “se agarrava à fé, sem dela fruir o enlevo”.

O artigo do Pe. Carlos Palmés – “Batismo e seguimento peculiar de Cristo” – estabelece com profunda clarividência a relação fundamental entre o batismo e o seguimento de Jesus na Vida Religiosa. As considerações do autor ajudam a dissipar antigos preconceitos e projetam luz sobre a importante questão da identidade da vocação religiosa na Igreja. A partir do seu batismo, e optando por determinados meios de vivê-lo mais plenamente, “o religioso, no meio do povo cristão, está chamado a ser um testemunho profético de que Cristo vive no meio de nós, realizando a misericórdia e entregando a vida por seus irmãos”.

Pe. Víctor Hugo Lapenta, no seu artigo – “A Vivência entre Masculino e Feminino na Vida Religiosa – Chaves de Leitura” –, trata o tema da relação homem-mulher na Vida Religiosa com a competência que lhe é peculiar. Como indica o autor, o texto está redigido especificamente para os psicólogos, mas a sua leitura poderá ser proveitosa para aqueles que vivem o projeto de vida consagrada.

O texto do Pe. Virgílio Leite Uchôa – “Análise de Conjuntura – Julho – Agosto de 1997” – apresentado na 39ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente da CNBB em agosto, constitui para Religiosos e Religiosas importante matéria de reflexão sobre a atual conjuntura que vive

o País. Na opinião do autor, a “análise de conjuntura tem sentido na medida em que se torna um instrumento de ação e não apenas um exercício retórico de coleta de informações”. É precisamente nesta ótica que CONVERGÊNCIA, com autorização do autor, publica o texto.

PALAVRA DO PAPA

XII JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

A FRATERNIDADE EXCLUI A VONTADE DA POTÊNCIA E O SERVIÇO ELIMINA A TENTAÇÃO AO PODER.

A segunda parte desta «Festa da Juventude» teve início com a leitura do Evangelho (Jo 13,1-15) feita por um jovem deficiente, e a passagem bíblica serviu como tema de fundo para a reflexão proposta pelo Papa às novas gerações. Ao concluir este primeiro encontro com a Juventude, João Paulo II saudou de novo os milhares de jovens e, em seguida, transferiu-se para a sede da Nunciatura Apostólica, onde ficou hospedado. Eis o texto da meditação do Santo Padre:

Queridos Jovens

1. Acabamos de escutar o *Evangelho do lava-pés*. Mediante este gesto de amor, na noite de *Quinta-Feira Santa*, o Senhor ajudou-nos a compreender o sentido da *Paixão e da Ressurreição*. O tempo que

juntos viveremos está relacionado com a *Semana Santa* e, em particular, com os três dias que nos recordam o mistério da *paixão*, da morte e da *ressurreição* de Cristo. Isto está relacionado também como processo de *iniciação cristã* e do *catecumenato*, ou seja, da *preparação dos adultos para o batismo*, que na Igreja primitiva possuía um valor fundamental. A liturgia da *quaresma* assinala as etapas da *preparação dos catecúmenos para o Batismo*, celebrado durante a *Vigília pascal*. No decurso dos próximos dias, acompanhemos Cristo nas últimas etapas da Sua vida terrestre e contemplemos *os grandiosos aspectos do mistério pascal*, para afirmarmos a fé do nosso Batismo; manifestemos todo o nosso amor ao Senhor, como Pedro o fez, dizendo-Lhe por três vezes à margem do lago, depois da *Ressurreição*: «Tu sabes que Te amo!» (cf. Jo 21,4-23).

Na *Quinta-Feira Santa*, mediante a instituição da *Eucaristia* e do *sacerdócio*, bem como através do *lava-pés*, Jesus demonstrou claramente aos Apóstolos congregados o sentido da sua *Paixão* e da sua *Morte*. Também os introduziu no mistério da nova *Páscoa* e da *Ressurreição*. No dia da Sua *condenação* e da sua *Crucifixão* por amor dos homens, entregou a própria vida ao Pai, para a *salvação do mundo*. Na *manhã de Páscoa*, as santas mulheres e em seguida Pedro e João, encontraram o túmulo vazio. O Senhor ressuscitado apareceu a *Maria Madalena*, aos discípulos de *Emaús* e aos Apóstolos. A morte não teve

a última palavra. Jesus saiu vitorioso do túmulo. Depois de se terem retirado no Cenáculo, os Apóstolos receberam o Espírito Santo, que lhes concedeu a força de serem missionários da Boa Nova.

2. O lava-pés, manifestação do amor perfeito, constitui o sinal de reconhecimento dos discípulos. «Vós deveis fazer a mesma coisa que Eu fiz» (Jo 13,15). Jesus, Mestre e Senhor, deixa o Seu lugar à mesa para tomar o do servo. Inverte as funções, manifestando *a novidade radical da vida cristã*. Demonstra humildemente que *amar com palavras e atos consiste antes de mais em servir os próprios irmãos*. Quem não aceita esta condição, não pode ser discípulo. Pelo contrário, quem serve recebe a promessa da salvação eterna.

Desde o nosso Batismo, renascemos para a vida nova. A existência cristã exige que *progridamos ao longo do caminho do amor. A lei de Cristo é a lei do amor*. Transformando o mundo à maneira de um fermento, essa desarma os violentos e cede o lugar deles aos mais fracos e aos pequeninos, chamados a anunciar o Evangelho. Mediante a recepção do Espírito, o discípulo de Cristo é impelido a pôr-se ao serviço dos seus irmãos na Igreja, na família, na vida profissional, nas numerosas associações e na vida pública, a nível tanto nacional como internacional. Este processo é, de alguma forma, a continuação do batismo e da confirmação. *Servir é o caminho da felicidade e da santidade*: assim, a nossa vida torna-se um caminho de amor rumo a Deus e aos nossos irmãos.

Ao lavar os pés aos discípulos, Jesus antecipa a humilhação da morte na Cruz, mediante a qual há-de servir o mundo de maneira absoluta. Ele demonstra que o *Seu triunfo e a Sua glória passam através do sacrifício e do serviço*: este é o caminho de todo o cristão. Não há maior amor que dar livremente a própria vida pelos amigos (cf. Jo 15,13), pois o amor salva o mundo,

constrói a sociedade e prepara a eternidade. Assim, sereis os profetas de um mundo novo. *O amor e o serviço sejam as regras primordiais da vossa vida!* No sacrifício de vós mesmos, havereis de descobrir o que recebestes e, por vossa vez, receberéis a dádivas de Deus.

3. Estimados jovens, como membros da Igreja, compete-vos dar continuidade ao gesto do Senhor: *o lava-pés prefigura todas as obras de amor e de misericórdia* que os discípulos de Cristo realizarão ao longo de toda a história, para fazer com que aumente a comunhão entre os homens. Hoje, também vós sois chamados a comprometer-vos neste sentido: aceitando seguir Cristo, vós anunciais que o caminho do amor perfeito passa através do dom total e constante de vós mesmos. Quando os homens sofrem, quando são humilhados pela miséria ou pela injustiça e são espezinhados nos seus direitos, apressai-vos em servi-los; a Igreja convida todos os seus filhos a empenharem-se a fim de que cada pessoa possa, antes de tudo, viver e ser reconhecida na sua dignidade originária de filho de Deus. *Cada vez que servimos os nossos irmãos, não nos afastamos de Deus; muito pelo contrário, encontramos-Lo no nosso caminho e servimo-Lo*. «Aquilo que fizeste ao mais pequenino dos meus irmãos, foi a Mim mesmo que o fizestes» (cf. Mt 25,40). Desta forma, damos glória ao Senhor, nosso Criador e Salvador, fazemos crescer o Reino de Deus no mundo e contribuimos para o progresso da humanidade.

A fim de evocar esta missão essencial dos cristãos para com cada homem, particularmente para com os mais pobres, eu quis rezar no Trocadero, no santuário dos direitos humanos, desde o início da Jornada Mundial da Juventude. Hoje rezemos juntos, de maneira especial pelos jovens que não dispõem da possibilidade nem dos meios para viver dignamente e receber a educação necessária para o seu crescimen-

to humano e espiritual, devido à miséria, à guerra ou à enfermidade. Estejam certos do afeto e do apoio da Igreja!

4. *Quem ama não faz cálculos, não buscar vantagens.* Age secreta e gratuitamente em benefício dos seus irmãos, sabendo que cada homem, quem quer que seja, tem um valor infinito. Em Cristo, não há pessoas inferiores ou superiores. Não existem senão *os membros de um único corpo*, que querem a felicidade uns dos outros e desejam construir um mundo hospitaleiro para todos. Mediante gestos de solicitude e através da nossa participação ativa na vida social, testemunhamos perante o nosso próximo que desejamos ajudá-lo a tornar-se ele mesmo e a dar o melhor de si próprio, para a sua promoção pessoal e para o bem de toda a comunidade humana. A fraternidade exclui a vontade da potência e o serviço elimina a tentação ao poder.

Prezados jovens, trazeis em vós mesmos capacidades extraordinárias de dom, de amor e de solidariedade. O Senhor quer reavivar esta imensa generosidade que anima o vosso coração. Convido-vos a ir beber na fonte da vida que é Cristo, a fim de inventardes todos os dias os meios para *servir os vossos irmãos no seio da sociedade em que vos compete assumir as vossas responsabilidades de homens e de fiéis.* A humanidade tem necessidade de vós nos campos sociais, científicos e técnicos. Procurai aperfeiçoar incessantemente as vossas qualificações profissionais, a fim de exercerdes a vossa profissão com competência e, ao mesmo tempo, não negligencieis o aprofundamento da vossa fé, que há-de iluminar todas as decisões que tereis de tomar em vista do bem dos irmãos, na vossa vida pessoal e no vosso trabalho. Enquanto quereis ser reconhecidos pelas vossas qualidades profissionais, como não havereis também o desejo de crescer na vida interior, manancial de todo o dinamismo humano?

5. *O amor e o serviço dão sentido à nossa vida, tornando-a bela*, pois sabemos *porque e por quem* nos empenhamos. É em nome de Cristo que foi o primeiro a amar-nos e a servir-nos. O que há de mais importante do que estarmos conscientes do fato que somos amados? Como deixar de responder com júbilo à expectativa do Senhor? O amor é o testemunho por excelência que abre à esperança. *O serviço aos irmãos transfigura a existência*; manifesta que a esperança e a vida fraterna são mais vigorosas que toda a tentação ao desespero. O amor pode triunfar em todas as circunstâncias.

Desconcertado pelo gesto humilde de Jesus, Pedro diz-Lhe: «Senhor, Tua vais lavar-me os pés?», «Tu nunca vais lavar-me os pés!» (Jo 13,6.8). Assim como ele, também nós precisamos de algum tempo para compreender o mistério da salvação e às vezes recusamo-nos a percorrer o caminho estreito do amor. Só quem se deixa amar pode, por sua vez, amar. Pedro permitiu que o Senhor lhe lavasse os pés. Deixou-se amar e só então compreendeu. Queridos jovens, fazei a experiência do amor de Cristo: tomareis consciência daquilo que Ele fez por vós e então havereis de compreender. Somente quem vive em intimidade com o seu Mestre pode imitá-lo. Quem se nutre do Corpo de Cristo encontra a força do gesto fraterno. Assim, entre Cristo e o Seu discípulo entretetece-se um relacionamento de proximidade e união, que transforma profundamente o ser, para dele fazer um servo. Estimados jovens, chegais a perguntar-vos como servir a Cristo. No lava-pés, encontrais *a via real para alcançar Cristo*, imitando-O e descobrindo-O nos vossos irmãos.

6. Mediante o vosso apostolado, propondes aos vossos irmãos *o Evangelho da caridade*. Lá onde o testemunho da palavra é difícil ou impossível, em um mundo que não o aceita, através da vossa atitude tornais presente Cristo servo, pois

a vossa ação está em consonância com o ensinamento d'Aquele a Quem vós anunciais. Trata-se de *uma forma eminente de profissão da fé*, que foi praticada com humildade e perseverança pelos santos. É um modo de significar que é possível sacrificar tudo à verdade do Evangelho e ao amor dos próprios irmãos, como Cristo o fez. Ao conformarmos a nossa vida com a Sua, vivendo como Ele no amor, adquirimos a verdadeira liberdade para respondermos à nossa vocação. Isto às vezes pode exigir o heroísmo moral, que consiste em empenhar-se com coragem no seguimento de Cristo, com a certeza de que o Mestre nos indica o caminho da felicidade. É somente em nome de Cristo que se pode ir até ao extremo do amor, no dom e no desapego.

Caríssimos jovens, a Igreja tem confiança em vós. Conta convosco para serdes testemunhas do Ressuscitado durante a vossa vida inteira. Agora ireis aos lugares onde se hão-de realizar as diversas vigili-

as. Festivamente ou em meditação, dirigi o vosso olhar para Cristo, a fim de penetrardes no sentido da mensagem divina e encontrardes a força para a missão que o Senhor vos confia no mundo, quer esta seja num compromisso de leigo, quer na vida consagrada. Vivendo assim a vossa existência quotidiana, com lucidez e esperança, mas sem tristeza nem desencorajamento, partilhando as vossas experiências, haveis de perceber a presença de Deus, que vos acompanha com docilidade. À luz da vida dos santos e de outras testemunhas do Evangelho, ajudai-vos uns aos outros a confirmar a própria fé e a ser os apóstolos do ano 2000, recordando ao mundo que o Senhor nos convida à Sua alegria e que a verdadeira felicidade consiste em dar-se por amor dos irmãos! Oferecei a vossa contribuição à vida da Igreja, que tem necessidade da vossa juventude e do vosso dinamismo.

Joannes Paulus II

1. ENVIADO DO PAPA REZA NO SANTUÁRIO E ANUNCIA A DATA PARA A CANONIZAÇÃO DE ANCHIETA

O representante do Papa João Paulo II no Congresso Eucarístico Nacional, Dom Carlo Furno, visitou o Santuário Nacional de Anchieta, ES no dia 9 de julho, acompanhado por outros dez bispos. A comitiva foi recepcionada pelo Prefeito Edival Petri, pelo pároco da cidade, Pe. Raimundo Resende e pelo sacerdote jesuíta *Pe. Licurgo Tomiozzo*.

Dom Carlo ficou muito à vontade em Anchieta, brincou com as crianças que pediam sua bênção e rezou compenetrado por alguns minutos diante do belo altar original de 450 anos, agora restaurado, no *Santuário de Anchieta*.

Depois, o enviado do Papa percorreu as dependências do museu e da cela onde morreu o sacerdote há 399 anos. Dom Carlo expressou admiração quando contemplou a relíquia sagrada (um pedaço de osso do corpo de Anchieta), a única relíquia do santo fora do Vaticano que se tem certeza de sua autenticidade.

O Prefeito de Anchieta, Edival Petri, entregou ao cardeal um livro artístico sobre a vida de *José de Anchieta*, um dossiê completo sobre os trabalhos da Comissão de Preparativos da Festa dos 400 anos e um documento, pedindo que Dom Carlo interceda junto ao Sumo Pontífice, para que o processo de canonização seja finalmente completado e *Anchieta* declarado santo, garantindo, assim, o direito às honras dos cristãos católicos do mundo inteiro.

Na saudação ao Prefeito, Dom Carlo Furno agradeceu a acolhida em nome do

Papa, e garantiu que vai transmitir os anseios do povo capixaba à Sua Santidade. "Só não posso garantir que o Papa possa atender ao convite, porque a sua agenda é realmente muito carregada".

Mas, em seguida, o cardeal surpreendeu a todos, revelando certamente o que pensa a cúpula da Igreja Romana. "*Anchieta* já é um santo, tanto que vocês rezam missas para ele aqui neste Santuário. O Vaticano espera apenas um sinal do céu, um milagre, para que seja declarada sua santidade. Quem sabe que, quando o Brasil comemorar os 500 anos de descobrimento, este país já tenha o seu santo", disse.

E, mostrando um profundo conhecimento da vida e obra de *José de Anchieta*, o cardeal revelou também que a honra de ter *Anchieta* como santo pertence majoritariamente ao Brasil: quando alguém da comitiva lembrou o fato de que *Anchieta* recebe homenagens em três países (Brasil, Portugal e Espanha), Dom Carlo foi taxativo: "Mas foi o Brasil quem o santificou. Foram as obras dele nesta terra que o tornaram um bem-aventurado". Um sinal de que o Vaticano entende muito bem a questão *Anchieta*, e quer homenagear o Brasil com o anúncio da sua santificação. A canonização tem, agora, uma data no calendário. Faz sentido. Homenageia-se o Brasil e os brasileiros no ano em que se comemora o 5º Centenário da civilização brasileira. E homenagem mais honrosa é impossível: declarando-se santo a um dos personagens mais importantes do País.

Alguns acham que o ano 2000 pode estar longe demais. Não está! A partir das comemorações do 4º Centenário, em junho de 1997, são apenas três anos, ou, rigorosamente, 34 meses. Um tempo apenas adequado para se preparar a maior celebração religiosa que este País jamais teve.

A cidade de Anchieta entra, assim, num turbilhão de emoções. Depois da visita Dom Carlo, o enviado do Papa, nada será como antes. A cidade reivindica, com justiça, o título de Guardiã Eterna da cela onde morreu o *Padre Anchieta*. E, mais

importante ainda, o povo anchietense guarda a memória do maior missionário que o Brasil conheceu. A memória de *Anchieta* é um patrimônio caro, cultural e espiritual.

A cidade, com certeza, pode esperar, mês a mês, um número cada vez crescente de pessoas, devotos e simples turistas, que virão de todos os lugares para tocar nas antigas paredes de pedra do templo, ou para contemplar as relíquias sagradas do Apóstolo do Brasil.

Transcrito do Boletim "Jesuítas - Notícias" - da BAHIA.

2. PADRE ANTONIO VIEIRA

Nasceu a 6 de fevereiro de 1608, em Lisboa. Filho de Cristóvão Vieira Ravasco e Maria de Azevedo. Veio menino ainda com os pais para o Brasil. Estudava no Colégio da Bahia, quando entrou na Companhia na mesma cidade, a *5 de maio de 1623*. Ensinou Humanidades e Retórica nos Colégios da Bahia e Pernambuco voltando à Bahia, onde concluiu os Estudos de Filosofia e Teologia, e tirou o grau de Mestre em Artes. Ordenou-se Sacerdote nesta cidade, a *10 de dezembro de 1634*, e fez a Profissão solene em São Roque (Lisboa), a *21 de janeiro de 1646*, recebendo-a o Pe. Francisco Valente. Iniciou a carreira de pregador não sendo ainda Padre, e exercitou-a durante mais de 60 anos.

Distinguiu-se na resistência contra a invasão holandesa. Ao dar-se a Restauração de Portugal em 1º de dezembro de 1640, logo que se conheceu no Brasil, foi enviado pelo Vice-Rei na embaixada com que o Brasil prestou homenagem a D. João IV com quem *Vieira* se uniu logo em estreita amizade. El-Rei nomeou-o pregador régio, ocupou-o em diversas embaixadas a França, Inglaterra, Holanda e Roma. Nesta época da sua vida pública, em que lhe não faltaram combates e emulações violentas, *Vieira* revelou-se tam-

bém decidido defensor dos cristãos novos, cujo comércio tinha por útil e necessário a Restauração de Portugal. Em *1652*, embarcou para as *missões do Maranhão e Pará*, com o cargo de Superior e depois Visitador, período que durou 9 anos, interrompido por uma viagem a Lisboa a agenciar leis conducentes à liberdade dos índios. Por causa desta liberdade, *foi expulso da Missão*, no motim de 1661.

Em Lisboa manifestou-se pelo partido da Rainha, protetora da Missão. Como desforço da oposição política triunfante, desterraram-no para o Porto, em 1662, e denunciaram-no à Inquisição, com fundamento em diversos escritos seus, sobretudo o que redigiu nas margens do Amazonas, intitulado "Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo", enviado secretamente à Rainha, em que falava, para a consolar, na ressurreição de El-Rei D. João IV.

Preso pela Inquisição, em 1665, e mantido em custódia em Coimbra, defendeu-se com coragem e saiu livre, em 1668. Voltou a Lisboa, donde passou a *Roma* no ano seguinte. Aí deslumbrou a Corte pontifícia com sermões e discursos, e persistiu no combate contra os estilos da

Inquisição portuguesa. Voltou de Roma a Lisboa em 1675 com um Breve do Papa que o isentava da Inquisição de Portugal e mais Reinos.

Nunca perdeu de vista a Missão do Maranhão, onde desejava ir acabar a vida e o pediu expressamente, em 1679. E, enfim, embarcou, em 1681, *para a sua Província do Brasil*, onde, no Colégio da Bahia e, sobretudo, na Quinta do Tanque, junto à mesma cidade, viveu os últimos anos da longa vida, que Deus lhe deu, *de quase 90 anos*, ocupado na preparação para a imprensa das suas obras, e ainda com o ofício de *Visitador Geral do Brasil e do Maranhão*, com a faculdade de o ser sem sair da Bahia. *Antônio Vieira*, de temperamento impulsivo, sustentou, com a sua palavra, falada e escrita, ásperas batalhas, que em favor da Pátria, quer da liberdade

dos oprimidos (Índios e Cristãos novos); e entre as suas virtudes está a de ter recusado a honra da mitra episcopal, para se conservar fiel à vocação num momento difícil da sua vida religiosa. *Diplomata, político, reformador social, apóstolo e protetor dos Índios, administrador, pregador e literato.*

Os dotes literários, de propriedade, de pureza, vivacidade e energia, asseguraram-lhe a imortalidade: é grande entre os oradores de todas as nações, e considerado *o maior escritor da língua portuguesa em prosa.*

Faleceu, a *18 de julho de 1697*, no Colégio da Bahia.

Fonte: História da Companhia de Jesus no Brasil, do Pe. Serafim Leite, Tomo IX, pág. 192-193.

3. DO 6º ENCONTRO DAS PEQUENAS COMUNIDADES INSERIDAS DO NORDESTE ÀS(AOS) PARTICIPANTES DA ASSEMBLÉIA REGIONAL DA CRB RECIFE

Cantemos ao Deus da Vida que faz brilhar suas maravilhas na caminhada de todas e de todos que se empenham em fazer acontecer sinais de sua glória em nossa história!

É com muita alegria que abrimos o coração para nos comunicar com vocês e contar um pouco de nossa experiência durante o 6º Encontro das Pequenas Comunidades do Nordeste.

“VIDA CONSAGRADA DO NORDESTE: RECRIANDO NOSSA HISTÓRIA E INSERÇÃO”

Foi o tema inspirador da grande avaliação dos 30 anos de caminhada da Inser-

ção no Nordeste. Três eixos temáticos nos ajudaram a aprofundar questões vitais para a vida das Pequenas Comunidades hoje, na perspectiva de NOVAS RELAÇÕES:

- “Autonomia, Alianças e Comunhão”
- “Gênero e Poder”
- “Novas Formas de Inserção”

Vínhamos construindo o Encontro há mais de um ano, em vários momentos fortes, como reflexões nas Comunidades, Encontros de Sub-Regiões, Encontros de Articuladoras e Assessorias, além da divulgação do Boletim das Pequenas Comunidades, “O NOSSO CHÃO”. A pesquisa realizada sob a orientação da companheira e Socióloga Valéria Rezende da Congregação Irmãs de Nossa Senhora, foi fator importantíssimo para atingirmos o objetivo que nos tínhamos proposto. Contamos

ainda com a valiosa assessoria de nossa amiga e irmã **Ivone Gebara**, entre outras(os) companheiras e companheiros.

O chão onde aconteceu a última etapa do nosso Encontro foi **Lagoa Seca – PB – Convento dos Franciscanos** que nos acolheu durante 4 dias – 3 a 7 de setembro de 1997.

Participaram integralmente cerca de 280 irmãs e alguns irmãos. Contamos com a presença significativa de mais de 20 Provinciais ou suas Representantes, que responderam com solicitude o nosso convite especial.

De vários Estados chegaram para participar do Encontro mais ou menos 25 irmãs, recebidas por nós como convidadas (Maranhão, Pará, Bahia, Ceará, Piauí, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul).

A CRB Nacional fez-se representar pela **Ir. Nair Gomes** do GRIMPO Nacional, que nos apoiou e estimulou com sua participação.

Marcaram sua presença de apoio à caminhada da Inserção no Nordeste os Bispos das Dioceses da Paraíba – **D. Marcelo Pinto Carvalheira** e **D. Luiz Gonzaga**

Fernandes como também **D. Antônio Soares Costa**, Bispo de Caruaru e Presidente recém-eleito da CNBB NE II.

A presença jovem da VRI foi marcante em Lagoa Seca, durante o Encontro. Essa força jovem deu um tom de muita animação, mas também de seriedade nas reflexões. As formandas procuraram se articular em momentos especiais para refletir sua caminhada própria.

Estamos preparando um “Número especial de **O NOSSO CHÃO**”, para sair em novembro, contendo notícias mais detalhadas e alguns conteúdos do Encontro.

Cabe-nos ainda uma palavra de agradecimento sororal às Congregações que contribuíram, enviando-nos sua colaboração financeira. Esse gesto de partilha foi muito valioso, ajudando-nos a ter mais condições para assumirmos as despesas do Encontro.

Vamos continuar **fazendo História** como Vida Consagrada no Nordeste, na perspectiva de “**Uma Sociedade em que TODAS(OS) caibam**”.

Abraçamos vocês com ternura e amizade.

4. “RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA DA MULHER NA VIDA RELIGIOSA FEMININA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE”

O que podemos dizer deste projeto?

Um grande sonho!

Sonho, partilhado em seus objetivos; esboçado em suas linhas fundamentais; modificado em alguns aspectos; aperfeiçoado no seu esquema para melhor compreensão do processo da pesquisa. E os frutos vão surgindo pequenos, todavia, assegurados pelo empenho das pessoas, equipes e grupo que, a cada passo do Projeto, esforçam-

se para que a participação vá se efetuando através da adesão das Congregações que se abrem a esta releitura da nossa história de mulheres que optam pela Vida Religiosa.

Assim podemos dizer, que este Projeto da CLAR, assumido pela CRB-Nacional, ganha amplitude porque, nas diferentes Regiões do Brasil, contamos com Religiosas que constituem as Equipes de Dinamizadoras em contato com Irmãs das

várias Congregações que respondem como Pontos de Ligação.

A comunicação se mantém com todo este grupo atuante; as reuniões, os encontros vão se realizando; as informações são partilhadas, anunciadas e, neste conjunto, a "Recuperação da Memória Histórica da Vida Religiosa Feminina da América Latina e do Caribe", abre espaços, atravessa fronteira, constrói laços, suscita comunhão.

5. PRIMEIRA SEMANA SOCIAL DE SERGIPE

Resgate das Dívidas Sociais para humanizar a sociedade

Nos dias 14 a 17 de agosto de 1997, em Aracaju - SE, reuniu-se a **Primeira Semana Social de Sergipe**.

Os debates se deram em torno das dívidas sociais, entendidas como toda privação dos diferentes bens econômicos, sociais, políticos e culturais, socialmente produzidos. São dívidas contraídas ao longo da história e agravadas com a atual política econômica de perfil neoliberal.

As dívidas sociais relativas à **terra, saúde, marginalização e violência e emprego e renda** foram os grandes temas debatidos durante o evento.

Procuramos descobrir possíveis caminhos de superação e resgate destas dívidas.

Dívidas Sociais de Sergipe

O povo de Sergipe tem dívidas sociais históricas e atuais a cobrar.

Na questão da **Terra**, a dívida com os pequenos agricultores, os sem-terra e os assalariados rurais, consiste em terem sido excluídos do acesso à terra, ao crédito e às condições de trabalho, fruto de uma política agrícola e agrária voltada para os interesses de latifundiários e de grandes grupos econômicos.

Nós, Religiosas, buscamos uma apropriação de nossa História na qual Deus se manifesta, como protagonistas do processo, desejando que a pesquisa se converta em meio de reflexão, de questionamento, de Kairós para a nossa Vida Religiosa no tempo que se chama hoje.

Nosso compromisso é com o Reino, anunciando a Boa Nova de Jesus: Amor, Vida, Justiça, Misericórdia, Verdade, Paz, Libertação!

Na **Saúde**, a dívida se revela, principalmente, pela inexistência de uma política eficiente voltada para as populações mais carentes; pela não valorização dos profissionais de saúde; na má aplicação de verbas orçamentárias específicas para o setor.

Quanto ao tema **Marginalização e Violência**, as principais dívidas estão relacionadas ao descaso, apesar de alguns esforços de autoridades públicas, bem como à carência de políticas públicas eficazes e à impunidade, principalmente das elites. O sistema de ensino é deficitário e não promove a cultura e o sabor populares; o Estatuto da Criança e do Adolescente se transformou numa bela carta de princípios; o êxodo rural contribui para o crescimento de cinturões de miséria.

Com relação ao **Emprego e Renda**, a dívida social se refere à grande concentração de renda, aliada à exploração dos trabalhadores e ao desemprego, fruto da perversa política neoliberal. O Estado não planeja nem incentiva pequenos empreendimentos. O salário mínimo é insignificante.

A Igreja também reconhece a sua dívida, por nem sempre ter assumido, com renovado ardor profético, a causa dos pobres.

Propostas:

Para resgatar as dívidas sociais com o povo sergipano, a Primeira Semana Social de Sergipe propõe às comunidades cristãs e a todos os setores do Estado e da sociedade civil:

- a) Garantir o acesso à terra, através do apoio às diversas formas de organização e de luta pela efetivação de uma verdadeira reforma agrária, acompanhada de uma adequada política agrícola e creditícia de incentivo à produção, armazenamento e comercialização agrícolas.
- b) Incentivar e assegurar a implantação e o funcionamento da municipalização da saúde, com a instalação democrática dos respectivos Conselhos Municipais, objetivando ampliar e fiscalizar a aplicação dos recursos destinados ao setor.
- c) Implantar uma política educacional efetiva e de acordo com as diversas realidades, que inclua a erradicação do analfabetismo e do trabalho infantil; amparar e proporcionar melhores condições de vida para as crianças e adolescentes das famílias carentes e valorizar os idosos e as mulheres, assegurando-lhes dignidade.
- d) Viabilizar políticas de repartição de renda e criação de empregos que possibilitem a superação da exclusão social e de práticas discriminatórias, notadamente o nepotismo.

Compromissos:

Objetivando a realização das propostas apresentadas, comprometemo-nos a:

- a) Apoiar e participar efetivamente das Pastorais Sociais no Estado, em especial reativar a CPT.
- b) Realizar Semanas Sociais paroquiais e diocesanas.
- c) Denunciar nos meios de comunicação social e em manifestações públicas a cultura da morte, divulgando experiências em defesa da vida.

- d) Participar do Grito dos Excluídos e de outras mobilizações sociais de defesa dos direitos dos marginalizados.
- e) Fiscalizar as ações dos políticos, tendo como base os princípios éticos, denunciando os desmandos administrativos.
- f) Desencadear processos de formação de leigos e agentes de pastoral, estimulando o engajamento social e político.
- g) Apoiar a constituição de Conselhos Municipais de Saúde, de Direitos da Criança e do Adolescente e outros, além de exigir o funcionamento dos já criados, com a participação ativa de lideranças comunitárias e da sociedade civil nas decisões políticas.
- h) Mobilizar e conscientizar o povo no processo de indicação e eleição dos políticos comprometidos com as causas populares.
- i) Apoiar todas as formas de lutas, organização e pressão dos trabalhadores rurais pela efetivação de uma verdadeira reforma agrária.

No limiar do terceiro milênio assumimos o compromisso de lutar pelo resgate de todas as dívidas sociais. O novo milênio reacende a expectativa que Jesus proclamou: *O tempo chegou, o Reino está perto, mudem de vida, acreditem nesta Boa Nova!* (Mc 1, 15).

Na perspectiva do Jubileu, que retoma esta esperança, coloca-se a Primeira Semana Social de Sergipe como proposta para encontrar caminhos que apontem para a construção de uma sociedade democrática, alicerçada na justiça e na solidariedade, onde todos possam viver dignamente.

A mensagem de Jesus deve se tornar, com a nossa participação, força transformadora das estruturas sociais para que todos tenham vida e vida em abundância (Jo 10,10).

Aracaju – SE, 17 de agosto de 1997

Os participantes da Primeira Semana Social de Sergipe

VIDA RELIGIOSA BRASILEIRA RUMO AO TERCEIRO MILÊNIO À LUZ DA VIDA E DA MISSÃO DE JESUS SEGUNDO O EVANGELHO DE SÃO MARCOS*

Ir. Ana Roy

Mulheres "de pé" em todos os Calvários humanos, sem palavras, mas com o perfume que reconhece a dignidade do outro, o bálsamo que suaviza a dor e o odor de Cristo que reconstitui vidas encolhidas.

INTRODUÇÃO

Por volta do ano setenta do primeiro milênio, Marcos lança o seu evangelho com a finalidade precisa de dar uma resposta à pergunta: "quem é Jesus"? Seu texto dirige-se às primeiras comunidades cristãs debilitadas pela perseguição vigente, com o intento de firmar e sustentar a fé da primeira geração.

No limiar deste milênio, em plena crise mundial, não teriam também nossas próprias Comunidades necessidade de uma palavra forte, profética para serem confortadas e "reavivadas no dom que nelas habita"? É o desafio que a esta assembléia lança o autor do mais antigo dos evangelhos. Uma releitura do texto sobre nossas situa-

ções confere a essas poucas páginas, uma singular atualidade para iluminá-las.

A tradição iconográfica associa a pessoa de Marcos, a sua obra à imagem simbólica do leão: este, hoje como ontem continua rugindo. Seu rugir, porta-voz da palavra do Galileu, se eleva contra todas as feras que escravizam e oprimem o ser humano. No mesmo tempo sua coragem reflete novidade, alimenta a utopia, cria uma aura de liberdade salvífica para todos os pequenos e humildes de coração prontos a "caminhar nas estradas de Jesus". Ele vai a nossa frente, diz Marcos; Aquele que andava pelos caminhos poeirentos da Galiléia, Jesus de Nazaré, o Messias, o Filho de Deus. Este Jesus, critério último e decisivo de todas as nossas opções; este Jesus a quem queremos seguir para reinterpretar hoje a nossa VR, tendo a Ele como eixo de tudo.

Minha proposta é modesta e despretensiosa: seguiremos e meditaremos os testemunhos sucessivos que Marcos nos apresenta para penetrar pouco a pouco no mistério de Jesus, fonte de toda renovação. As declarações das testemunhas, suas afirmações sobre a Pessoa de Jesus se relacionam com os questionamentos, as expectativas

* Palestra pronunciada à Assembléia Geral das Superiores Gerais das Congregação Brasileira. Fortaleza (CE), 26-30/08/97.

da VR em afã de renovação, neste momento pós-sinodal, no rastro de "Vita Consecrada", rumo ao terceiro milênio.

Destaco cinco momentos para a reflexão: o testemunho de Marcos e a refundação da VR; o Batismo de Jesus e a crise de identidade na VR; o testemunho de Pedro e a VR frente aos novos mesianismos; a transfiguração de Jesus e o frágil discipulato da VR; o testemunho do Centurião, das mulheres e a responsabilidade feminina da VR na missão.

São caminhos abertos para aprofundar intuições.

Esta lista não esgota as grandes questões que nos atingem. Mas os testemunhos no evangelho de Marcos projetam luz sobre os assuntos que nos ocupam e lhes sugerem uma abordagem de fé, na busca de uma mística evangélica apta a dar à VR hoje uma figura mais significativa e mais convincente para nossos contemporâneos.

1. TESTEMUNHO DE MARCOS AOS SEGUIDORES DE CRISTO (Mc 1,1)

Boa Notícia... Início da Novidade exclusiva que inaugura uma nova ordem de sociedade, uma mudança radical...

Marcos entra de cheio. Sua notícia traz Alguém, uma presença fascinante: "Jesus, O Messias, o Filho de Deus". Essas palavras circulavam nas casas dos primeiros cristãos, animavam, renovavam a fé colocada à prova no paganismo romano.

Hoje estamos desconcertados pela proliferação das notícias, a imediatez das informações a ponto de tornar-se difícil para nós discernir realmente algo novo que possa mudar alguma coisa. O noticiário banaliza tudo sem a menor preocupação de chamar atenção sobre tal ou tal evento, senão os escândalos.

Não era assim para os leitores de Marcos. Basta lembrar que a palavra "evangelion", isto é, Boa Notícia, era uma expressão toda especial, especificamente reservada a dois tipos de acontecimentos significativos: O nascimento de um filho e a vitória sobre o adversário. Através deste tipo de anúncio bem conhecido, os primeiros cristãos souberam interpretar o cabeçalho da Obra de Marcos.

"Início da Boa Notícia de Jesus". Para esses cristãos, iluminados pela Ressurreição, não versava apenas sobre o nascimento de Jesus, mas sobre o seu renascimento pascal, ou seja, a sua grande vitória sobre a morte. Aí está a Boa Notícia fundamental, reforçada ainda pela resistência, impregnada de vitória, dos pequenos grupos que começavam a nortear sua vida sobre os ensinamentos e as práticas do Nazareno Ressuscitado. Aliás toda a mensagem de Marcos é princípio de resistência contra qualquer furacão, que ameace destruir a esperança.

A pedagogia "leonina" do autor parte da fonte e a ela pretende reconduzir seus leitores. Isso significa hoje, a tarefa urgente de voltar à fontes de nossas famílias religiosas, todas alicerçadas sobre a mesma pedra de fundação que resiste a todas as enxurradas.

Aliás, cada Congregação em sua fundação constitui na História, o começo de uma Boa Notícia, portadora de uma graça inédita, original, própria, apta a manifestar ao mundo, tal ou tal aspecto da personalidade de Jesus. A fidelidade, porém, ao carisma inicial nos leva a uma constante refontalização do seguimento de Jesus, em nossos Institutos. Nossas Congregações brasileiras, por serem mais jovens que muitas outras européias, não carregaram o mesmo peso do tempo e não viveram do mesmo modo o processo de acumulação de bens, de obras, de êxitos, de vantagens, de posição social e eclesial. Que chance! Eu me permito exortar a vocês: sejam Boa Notícia, hoje; sejam a Novidade que o Espírito lhes inspira! Com criatividade

espiritual, deixem os modelos vindos de outras terras, outras culturas. O “prêt-à-porter” do marketing não cabe na Vida Religiosa. Criem uma VR com o cunho do Continente, com o rosto e o coração brasileiro, alegre, jovial, acolhedor. Tratem de ir às fontes. Da nascente carismática correm palavras e gestos aptos a traduzir nossas famílias religiosas e borbulham fórmulas capazes de tocar nossos conterrâneos.

“Refundar, disse Padre Edênio, consiste em ir à raiz do nosso projeto histórico, para recriar desde aí uma nova figura histórica”.

A dinâmica da novidade obedece a leis. Do mesmo modo que a pedra caída no fundo do rio dá sinais na superfície, assim sucede com a refundação da VR. Faz descer o coração congregacional até a pedra fundadora. Logo este toque repercute no corpo todo em lances e relances leves, esperançosos. Alarga-se o espaço, abrem-se novos horizontes ligando o passado com o presente no único movimento do Amor – Fonte. É preciso garimpar nas águas claras de nossos começos o diamante da nossa profundidade original, a graça inicial saída deste chão da Santa Cruz e não de um outro.

A carta do Papa, aliás, faz-se insistente neste sentido: “Os Institutos são convidados a repropor corajosamente o espírito de iniciativa, a criatividade e santidade dos fundadores como respostas aos sinais do tempo, visíveis no mundo de hoje” (VC 37).

Ao repor a intuição fundante dentro de nossas situações, com destemor e simplicidade, assumiremos com mais garra os caminhos inseguros e despojados da Galiléia. O grito de vitória saído do túmulo vazio na madrugada pascal passou por cima de todos os tempos e de todos os espaços. Proponho mais uma vez uma imagem, aliás, bem nossa, pois as coisas do coração só podem passar pelo símbolo: o grito entusiasta do time vencedor. Então ouçamos este “evangelho” de Marcos, esta Boa Notícia como um Gôol... imenso e vibrante

que a VR em torcida unida faz repercutir em todo canto para alimentar a esperança. Sim Ele ganhou definitivamente, nosso verdadeiro campeão mundial: Jesus, O Messias. O Filho de Deus. Eis a única notícia que dá sentido a todas as outras. Não temos outra a esperar rumo ao Jubileu.

2. O PAI TESTEMUNHA E DECLARA

“Tu és o meu filho amado

Em ti todo o meu prazer...” (Mc 1, 9-11)

Marcos visa o essencial, a identidade de Jesus que revela seu mistério. Cada cristão deve ser iniciado para confessar a filiação divina de Jesus, cerne da Boa Notícia. Marcos leva seus leitores à beira do rio Jordão. Lá, naquele tempo, João Batista, no seu apelo as novas relações de justiça, de partilha, de respeito mútuo, suscitara um movimento religioso importante. Multidões vinham ao encontro do pregador para serem batizadas. Jesus, tão inserido cultural e religiosamente no seu povo, se pôs a caminhar para o Jordão, juntando seus passos aos dos pecadores, peregrino anônimo, que nada distingue dos outros, seguindo as pegadas da miséria e da esperança humana.

E Marcos conserva a mensagem que o Pai dirige pessoalmente a Jesus: “Tu és o meu filho amado... em ti tenho todo meu prazer”. Experiência extraordinária: Jesus na sua consciência humana, no seu coração de homem, se dá conta de sua relação filial com o Pai. Não é que a realidade objetiva lhe tenha sido ocultada. Aliás, filhos e filhas de Deus, “bem sabemos que o somos, porém, aquilo que somos não é manifesto...” Naquele dia, para Jesus, tudo é evidente, em plena luz. No simbolismo teofânico dos céus abertos por cima das águas, Jesus, de modo privilegiado, na atividade amorosa do Pai, se deixa envolver pela ternura paterna. O conhecido “Car-

pinteiro de Nazaré" deixa que o Pai o identifique em função de sua missão.

Cada Congregação religiosa, por sua vez é "filha amada do Pai", alvo da complacência e da alegria de Deus. Contudo, jamais se falou tanto de crise de identidade, de falta de identificação; e essas dúvidas atingem também a VR produzindo um certo mal-estar. Tal problema nem deveria ter vez na vida religiosa.

Para progredir na verdadeira inteligência da vida consagrada temos que renunciar a toda definição e como Jesus, nos deixar identificar, nos deixar atrair, nos deixar possuir pelo Pai. Um longo caminhar! A nossa verdadeira identidade, aliás, não é uma realidade adquirida, estática, sem mudanças. Ela é dinamismo, conquista. Se nosso Deus é Aquele que chama para enviar, nossa identidade, então, é sempre dinâmica.

A Congregação não é hoje o que será amanhã, mesmo se passar por vales escuros. Ela é identidade aberta a possíveis surpresas, ainda por nós desconhecidas, que os acontecimentos irão desvelar para o além das aparências. Basta acolher a vida, jamais retê-la; doar a vida nunca possuí-la; receber a profundidade que se revela em cada pessoa: Nosso Deus habita todos os encontros que Ele nos preparou em nossas estradas. Mística e missão se apelam mutuamente para construir nossa identificação e configurar a nossa identidade. Afinal o específico da VR na sua proposta de viver a radicalidade do batismo, não seria simplesmente significar a vocação batismal comum a todos os cristãos? João Paulo II nos lembra: "A missão peculiar da Vida Religiosa é manter viva nos batizados a consciência dos valores fundamentais do evangelho... suscitar continuamente na consciência do Povo de Deus a exigência de responder com santidade de vida ao amor de Deus" (VC 33). Aí está a missão que nos identifica.

Isso convida a VR apostólica, conforme seu próprio carisma, a uma presença

no mundo amplamente inserida, comprometida com os novos "areópagos" modernos para que todo ser-humano, homem e mulher, jovem ou velho, qualquer que seja sua situação, possa alcançar o conhecimento de Cristo e nEle se identificar como filho e conseqüentemente como irmão.

Para sermos fiéis a nossa identidade, voltemos então humildemente ao Jordão, como Jesus, na fila do povo. Somos viajantes como os outros e com eles, manifestando assim a peregrinação de cada vida humana e do povo todo. Por termos reconhecido o chamado e a promessa que nos faz viver, partimos sem nada, num caminho de aventura, mas que jamais se distancia dAquele que o abriu.

Não temos nada; tudo é "nosso" e o "nosso" é de todos e para todos. No entanto cabe a nós manifestar esta liberdade que nos identifica através das iniciativas e das criatividades que nos sugerem nossos votos, únicas bagagens que levamos para a viagem.

Assim fez Jesus que logo depois de sua consagração batismal e do seu retiro no deserto, tomou o rumo da Galiléia para anunciar a chegada do Reino, libertação para todos.

3. PEDRO TESTEMUNHA:

"Quem sou Eu?... Tu és o Messias"
(Mc 8,30).

Marcos não perde de vista o seu objetivo. Fez da pessoa de Jesus o seu alvo. Que todos cheguem "ao conhecimento que está acima de todo conhecimento", que ninguém seja iludido por falsos profetas ou falsos messias, permanece a meta do seu evangelho. "Prestem atenção... fiquem vigiando" repete o evangelista (Mc 13,37). Não há seguimento possível sem identificação; não há, porém, identificação possível sem seguimento; é no embate dos acontecimentos que podemos descobrir o evangelho da verdade e na convivência que podemos re-

conhecer aquele em que “depositamos a nossa confiança”. Naquela época, marcada por uma forte expectativa messiânica era fácil deslizar em representações errôneas de libertador e libertação. “Cuidado para que ninguém engane vocês” insiste Marcos com a veemência do leão (Mc 13, 5).

Jesus sonda as opiniões: “quem dizem os homens que Eu sou?” e aos seus lança a pergunta que engaja a existência de cada um de nós: “Para vocês, quem sou EU?” Isso acontece num vilarejo da região de Cesária (Mc 8,27). O local é significativo. Longe do centro, afastado das influências políticas, econômicas, ideológicas, os primeiros seguidores são convidados a tomar posição. Minuto de verdade. Precisava tomar distância com os círculos de idéias, com as visões diversas para que cada um desse uma resposta livre. Onde levamos hoje nosso pessoal, nossas formandas para que possam se declarar e se apaixonar pelos Senhor Jesus? No entusiasmo de um temperamento generoso e sustentado pela sedução do primeiro encontro, Pedro sem hesitar professa: “Tu és o Messias”. Adesão sem reserva, abertura incondicional que a própria vida e as circunstâncias colocaram à prova. Toda profissão de fé deve passar por lágrimas, conversões, purificações. Pedro pagou o preço de seu medo e de sua covardia.

Nossas Congregações todas nasceram sobre uma profissão de fé na Pessoa de Jesus, reconhecido com único Messias. Salvador de nossas vida e de nossos Institutos. Homens e mulheres, nossos fundadores e fundadoras confessaram Jesus libertador e lhe prometeram fidelidade a qualquer custo. Confessar é entrar numa aventura de fé e aderir até as últimas conseqüências que o testemunho acarreta. Confessar é apostar sobre a maneira como Jesus realiza a sua ação messiânica de misericórdia, de compaixão, através dos conflitos, da rejeição constante, do sofrimento, da morte. Confessar é assumir até o fim o “escândalo” de sua prática: “Se alguém quer me seguir,

tome a sua cruz... entregue sua vida por causa de Mim e da Boa Notícia assim se salvará” (Mc 8,34). Que impacto produz hoje esta palavra frente a todos os falsos messianismos que nos solicitam: consumismo, hedonismo, conforto, fenômenos das seitas, milagrosismo e tantos outros...

De todos os horizontes, dos mais diversos universos, filosófico, ideológico, religioso, vozes se elevam para conclamar o absurdo de nossas sociedades que prepararam um futuro desumano e assustador; vozes denunciam a distorção que aparece entre o futuro pseudo-messiânico preparado pelas grandes potências internacionais e o futuro real da humanidade altamente ameaçada por rejeitar o messianismo do humilde Nazareno, pregador ambulante e incansável da justiça, da fraternidade igualitária e da repartição dos bens.

O projeto da mundialização neoliberal pode alçar com arrogância a bandeira do “sempre mais”; mas é um sistema, ou “messianismo” ilusório, que favorece uma minoria e descarta a grande maioria dos pobres condenados à miséria e à fome. “Fora do mercado mundial não há salvação” acenam os protagonistas poderosos da livre circulação dos capitais. “Vende tudo, dá o dinheiro aos pobres, diz Jesus, terá um tesouro... (não nos bancos) mas sim no céu” (Mc 10,4). Duas práticas... dois caminhos opostos...! Escolhamos. Como e onde investimos nossos bens e nossas energias? Nossas instituições são palavras de vida, de novidade messiânica para os feridos e os desesperados? Assumir a prática de Jesus, hoje, exige opções claras. As escolhas feitas não transformarão o mundo, mas serão sinais, sacramentos de nossa resistência ao sistema, por fidelidade à prática de Jesus.

Existem meios para construir uma ordem social... mundial de relações fraternas. Nisso a vida religiosa deve ser campeã. Compete-nos criar essas relações, reavaliando nossas estruturas, nossas obras,

nossas inserções em função da centralidade da mensagem de Jesus: a paixão pelo Reino, enquanto luta pela integridade de vida para todos. Em grande mutirão, a VR deve dizer “não” à mundialização dos produtos, das coisas e “sim” à mundialização das relações interpessoais, na co-habitação das diferenças de cultura, de raça, de credo; na solidariedade e no respeito das diversidades. Jesus Messias nunca hesitou em questionar a ordem estabelecida vigente para proclamar uma mensagem nova, por cima das leis quando se tratava do bem da pessoa humana (Mc 2,23-28).

O caráter relativo ou absoluto da lei se define em função do ser humano cujo paradigma é o excluído, o menor, o oprimido. Um ano jubilar só pode ser este ano de graça para os pobres, a partir da história e da prática de Jesus, toda de serviço, de perdão, de “amor mundializado” porque universal. A pergunta de Cesaréia nos interpela: Vida Religiosa, para você, “quem sou Eu”, no fim deste milênio? Só poderemos responder na releitura de nossa prática, disponíveis, no dia a dia a entrar sempre mais na praxe de um messias humilde de coração, revestido de pobreza e destituído de poder.

4. O TESTEMUNHO DADO AOS APÓSTOLOS

“Escutai-o” (Mc9,2).

A revelação do Filho Amado na transfiguração confirma a cena do Batismo, mas vai além. No rio a voz do Pai se dirigia a Jesus; na montanha ela fala para os apóstolos e os conforta no status de discipulado, condição fundamental do seguimento que Marcos colocava como primeira, na hora do chamamento dos doze. “Ele os chamou para que ficassem com Ele”, isto é, para que permanecessem ouvintes, discípulos, aprendizes (Mc 3, 14). Na elaboração acurada de seu texto, Marcos insere o evento da Transfiguração após a confissão de

Pedro, e dos anúncios da paixão. Fina pedagogia espiritual! Há uma relação evidente entre o acontecimento de Cesaréia e o do Tabor. Não basta professar a fé em Jesus Messias. É preciso experimentar o Amado para assumir o seu estilo de vida. “Seis dias depois... depois da Confissão de Pedro, Jesus os levou sobre uma montanha alta e lá foi transfigurado”... deixou-lhes perceber num instante sua glória, intuir a sua divindade. Momento de plenitude, de êxtase: “seria bom ficar aqui”, plantar as tendas do “estar com definitivo...” A visão porém deixa lugar à nuvem, o ver ao ouvir: “Escutai-o”. O peregrinar apostólico nesta terra não se realiza no face a face, mas sim no passo a passo... até no Calvário. Faz-se necessário descer na planície, no chão dos homens, atentos a “ouvir” e “escutar” seus apelos, seus clamores, seus anseios.

O mesmo “Escutai-o” grita alto para nós hoje. João Paulo II o lembra com insistência: “Chamados a escutar Cristo, os filhos e filhas da Igreja não podem deixar de sentir uma profunda exigência de conversão e santidade” (VC 35). Se cada cristão é convidado ao discipulado da escuta, os religiosos se comprometem a modelar sua existência sobre a de Jesus a partir de uma escuta atenta, diligente, amorosa de sua palavra em todos os momentos da História. Lá, no Tabor, o “é bom estar aqui” demora pouco e logo Jesus reconduz os seus ao “aqui” poeirento, lamacento do chão humano; ao “aqui” pluralista e multiforme da missão; ao “aqui” inseguro, frágil onde “o impossível dos homens cede o lugar ao possível de Deus” (Mc 10,27). Neste “aqui” evangélico permanente “aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mc 13,13).

Então levanta-te, Vida Religiosa, humilde, frágil. Desce da montanha confiante e vencedora, já que tua força está na tua pequenez. Nos caminhos estreitos, nos caminhos da fragilidade, encontrarás Aquele que está te precedendo. Quais seriam esses caminhos de fragilidade? De que fragilidade se trata?

ED
-
C
E
O
BO
T
E
>
E
O
O

a) Fragilidade amada, imagem de Deus

Nosso Deus está sempre descendo. Não hesita em se desfazer do seu semblante divino para caminhar conosco com um rosto humano pobre, frágil, vulnerável. Feliz fragilidade escolhida pelo Deus transcendente das teofanias!

Hoje a VR está se defrontando com a sua própria fragilidade: nossas faixas etárias falam por si; nossos noviciados reduzidos; nossos efetivos enfraquecidos marcam também saídas; nossas instituições carentes do pessoal religioso para responder as necessidades. Que significa isso, crise ou Kairós? Talvez ambos? Estamos perdendo uma certa visibilidade social, uma certa figura histórica, uma certa relevância da qual estávamos gozando, há pouco. Não seria graça? Perguntemo-nos! Havia representatividade, significância, naquele que era conhecido como "o Carpinteiro, o filho de Maria?" (Mc 6,3). Havia ainda dignidade humana, naquela sexta-feira, quando foi desprezado por todos?

Quem quiser seguir Jesus terá o mesmo destino que Ele, (Mc 9,35), trilhará os mesmos caminhos. Então porque ter medo de nossa fraqueza atual? Na incapacidade de nossa carne e nossa fé, Ele, que atravessou a morte, transfigura toda fragilidade. Se as forças nos faltam, hoje, para manter tal ou tal frente missionária, as energias de nossos corações são suficientes para esperar que Jesus se despose com a nossa pequenez e a fortaleza. O documento papal o afirma: "O primeiro dever da Vida Religiosa é tornar visível as maravilhas realizadas por Ele na **frágil** humanidade das pessoas que Ele chama" (VC 20). Aí está um dos apelos mais forte e confortante para o nosso tempo. Exorciza a angústia ou o desânimo. A VR não é "O" caminho mais seguro que nos leva ao Pai; ela é, antes do mais, "um" caminho que testemunha um amor que toca a todos na sua fragilidade. O carisma evangélico da Vida Religiosa consiste em viver como Jesus na fragilidade amada, desposada e oferecida. Nisso a VR proclama que toda vida humana,

com seus limites é o tempo e o espaço do encontro com Deus que a transfigura.

b) Fragilidade partilhada, palavra de diálogo e comunicação com todo homem e toda mulher

Assumir a nossa fragilidade e nos dar conta de nossa pobreza diante de Deus e dos irmãos é constante estímulo para viver relações purificadas de auto-suficiência, nunca marcadas de autoritarismo impositivo. Cria uma atitude relacional humilde apta a suscitar resposta nem sempre tematizada, muitas vezes mediatizada por gestos simples e frágeis: "Quem vos der de beber um copo de água por serdes de Cristo, será recompensado" (Mc 9,41). Cria também um coração compassivo que carrega toda fraqueza: "Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão..." (Mc 6,34) e na mais radical pobreza, o milagre da partilha-fartura aconteceu.

A verdade de nossos diálogos, na sua dimensão evangélica se avalia nas situações de impotência, de carência, de inadaptação, pois aí, nos é concedida a graça transfigurante que dá sentido a todas nossas inserções. No seu estilo de diálogo com todos, Jesus aparece como sinal de contradição, incompatível com o espírito do mundo. Basta contemplá-lo com os doentes (Mc 3, 46), os marginalizados (Mc 2,40), os estrangeiros (Mc 7,24-30), os pecadores, as mulheres, as crianças, cada um recebe a palavra que possa entender. Viver da prática de Jesus, hoje, é manifestar que a força do Cristo passa por um amor humilde, vulnerável, solidário com os pequenos e os fracos. Na sua refundação-refundição, a VR quer manifestar o tipo de relações que emerge da experiência da Transfiguração: "Não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus".

c) Fragilidade escolhida, tradução da "discreta caridade" conforme a fórmula cara a João Paulo II

Para se tornar fragilidade optada, desposada, nosso ser deve passar pelo crivo de

um amor sempre mais fundante e mais abrangente. A força do amor é sua discriminação, sua disponibilidade silenciosa e desprovida de qualquer cobrança ou interesse. Assim amou Jesus. Trabalhou com as mãos nuas e o coração transpassado pelo sofrimento que encontrava. Nunca a menor cumplicidade com os poderosos da sua época, sejam políticos ou religiosos (Mc 11,33).

Longe de ser passiva a “discreta caridade” exige coragem, auto-domínio e engaja um combate pela justiça e a verdade que denuncia o erro mas nunca condena quem o cometeu. É linguagem de respeito sem limites que a ninguém discrimina, expressão máxima da castidade religiosa. A fraqueza optada traduz também a “discreta caridade” de Deus para com seu povo; caridade que se adentrou em todo limite, toda fragilidade para restituir a todos a dignidade dos filhos. Certo dia, Clodovis Boff dizia: “a tarefa da Vida Religiosa não é de transformar o mundo, sim de transfigurá-lo”, ou seja, captá-lo, entendê-lo mas além das aparências. Isso inicia na opção sincera, alegre, serena de nossa própria fragilidade. Somos as servas discretas do cotidiano, sem outra grandeza a partilhar, do que a esperança que se renova a cada manhã.

5. UM PAGÃO TESTEMUNHA:

“Este homem era o Filho de Deus”
(Mc 15,39).

Em correspondência e coerência com seu prólogo, Marcos conclui seu texto como havia começado, tal uma construção simétrica. Do início ao fim do seu evangelho vai correndo a Boa Notícia para chegar às extremidades do mundo. O último testemunho que Marcos apresenta nos vem de um pagão! Eis o tempo do vinho novo, barris novos estão preparados para recebê-lo! No alto do Calvário, Jesus acabou de morrer... os seus o abandonaram. O centurião estava “frente a cruz”, detalhe que Marcos faz questão de sublinhar. O soldado “frente” ao patíbulo

da vergonha e da rejeição...! Quem pode sondar as conversões que se forjam numa consciência humana? Frente ao crucificado, o homem se prosta: o verdugo se faz discípulo; na desfiguração humilhante da morte, ele transfigura sua vítima e reconhece o rosto de seu Senhor: “Este homem era o Filho de Deus”. Chegou o hoje da graça, da gratuidade, da gratidão. Rompem-se as fronteiras que separam os povos, as crenças, os credos. A confissão de fé do centurião ecoa pelas nações afora. A salvação não é mais privilégio de um povo, abrange a todos os homens, sem distinção, mediante a fé.

Não longe do soldado, Marcos coloca as mulheres. Teriam elas ouvido a profissão daquele homem? Elas seguiam a Jesus desde a Galiléia; a presença delas nesta hora é um magnífico ato de fé e seu silêncio orante e adorante fala alto à VR. Mulheres humildes, amorosas, vulneráveis e fortes, “de pé”, elas manifestam a qualidade do seu seguimento e de sua dedicação. Presentes à morte, acompanhando corajosamente o sepultamento, o coração delas pode acolher o impossível prometido a quem acredita. Nas caladas da noite, a morte é vencida: Boa Notícia... Vitória! A vitória, porém, não passa por um poder estrondante, sim pela fragilidade do Vivo que se havia entregue sem reter nada, nem corpo, nem coração. Então o inesperado aparece; do túmulo vazio surge o canto da maior notícia do mundo: o ar se enche de alegria, o jardim de perfume mais suave do que a fragrância dos aromas destinados a embalsamar o defunto. “Não tenha medo... Ele **RESSUSCITOU!**” (Mc 16,6). Mulheres, primeiras ouvintes e mensageiras da Maior Notícia! Mulheres servas do Evangelho – Vida – Vitória! Mulheres provedoras do “nardo precioso” a anteceder toda ressurreição (Mc 12). Mulheres anunciadoras da Precedência de Jesus em todas as Galiléias do mundo.

Marcos nos oferece uma parábola visível de nossa vida religiosa feminina, nesses últimos versículos. Vibra nosso ser de mu-

lher consagrada. Abrasa-se nosso coração que aponta para uma missão rumo a este novo milênio. Missão que adquire os traços seguintes: Mulheres "de pé" em todos os Calvários humanos que nos rodeiam, sem palavras outras do que o perfume que reconhece a dignidade do outro; o bálsamo para suavizar toda dor; o odor do Cristo para reconstituir e ressuscitar a vida encolhida. É tarefa para nossa vida de mulher e de mulher Consagrada. Mulher e Consagração, aliás, são duas palavras que não pertencem ao universo da razão; são realidades que arrancam da lógica do símbolo, da graça, da relação, da comunhão, da utopia: "Ó mulher, tua fé é grande" (Mc 7,29). A pátria, aliás, da mulher consagrada ressuscitada é um país que não existe, que temos de fazer aparecer em todos os alhures do planeta... É um rosto negro, branco, índio a ser amado; é uma lágrima a enxugar, um faminto a saciar; é um espaço esquecido que chama por esperança; é presença terna para todos, libertada de preconceitos, discriminações... Conforme a palavra de João Paulo II é missão universal, pois "a pessoa Consagrada está em missão por força de sua própria Consagração" (VC 72). Vamos, então, pelo mundo inteiro, que começa à nossa porta, para partilhar a Grande Notícia.

CONCLUSÃO

Rumando para ano 2000, detivemo-nos sobre alguns testemunhos que Marcos nos oferece para firmar nossa fé neste Jesus que nos seduziu e que o mundo está buscando. No seu empenho de refundação, a VR constitui em si uma Boa Notícia de esperança que deve se alimentar com entusiasmo. A ela cabe dar um testemunho novo em continuidade com aquele dos apóstolos, das mulheres, do pagão, nos primórdios do Cristianismo.

Para concluir essas reflexões provisórias, queria lembrar um testemunho do nosso continente, do nosso tempo. Dom Oscar Romero, numa homilia referente aos cães mudos (Is 56,10), dizia: "Não podemos calar, enquanto Igreja profética, num mundo tão corrupto e injusto. Mereceríamos o nome de cães mudos. De que pode servir um cão mudo para guardar a casa...?" (8 de julho de 1979). O sentido é claro; a imagem chama atenção. "Neste mundo não podemos calar"... Para guardar a casa comum da humanidade e a humanidade na casa comum, o cão deve latir, o leão rugir, a Vida Religiosa arriscar uma interpretação forte e se posicionar numa contestação evangélica que incomoda.

O tempo urge. Amanhã será tarde demais.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A autora apresenta no seu texto cinco grandes tópicos de reflexões. Depois de uma leitura meditativa do texto, procurem comentar comunitariamente aqueles tópicos que mais questionam a vida e missão da própria comunidade.
2. O texto fala dos caminhos de fragilidade que a Vida Religiosa está chamada a trilhar hoje. Quais deles lhe parecem ser mais condizentes com a

realidade que vive sua comunidade (provincia ou Congregação)? Que despojamentos são mais necessários para trilhar estes caminhos de fragilidade?

3. Como o texto do Evangelho de Marcos pode ajudar sua comunidade a renovar seu compromisso de seguimento neste momento histórico que estamos vivendo?

COM SANTA TERESINHA PARA UM NOVO MILÊNIO

(02/01/1873 - 30/09/1897)

“Creio que nunca busquei outra coisa que a verdade”

Frei Cláudio van Balen
Belo Horizonte - MG

“Na noite desta vida, me apresentarei a vós com as mãos vazias e só vos poderei oferecer meus desejos. Meu Deus, eu vos amo”.

ALGUNS DADOS

Teresinha nasceu no dia 02 de janeiro de 1873, filha de um conceituado relojoeiro e de uma proprietária de pequena empresa de crochê. Em 1887, ingressou num mosteiro carmelita, em Lisieux, onde dez anos foram suficientes para que o papa Pio XI a declarasse Santa, em 1925, passando ela a exercer uma influência marcante no setor de teologia, missão e espiritualidade.

Os seus dez anos de vida religiosa a confinaram num espaço de alguns poucos metros quadrados, onde não realizou nada de aparentemente grandioso, passou por muita dor humana e abraçou uma pobreza sem igual: a fragilidade da condição humana, em comunidade, com suas mil e uma contradições. Suas intuições geniais em matéria de fé e espiritualidade adquiriram pleno brilho no contraste com sua história pessoal, suas decisões centrais e suas crises de fé.

Em poucas palavras, a grande lição que nos deixou: a verdadeira religiosidade não se constrói tanto onde se fala bonito de Deus nem onde se reza num clima de pretensa transcendência, mas onde as pessoas, no obscuro estremecer deste mundo, constroem relações abertas, buscando o fundamento de tudo: o amor gratuito de Deus, Pai de misericórdias. De fato, sua simplicidade foi resultado de um amor desprezioso, aparentemente um pouco piegas e realmente cheio de imaginação e força criativa que a colocou em busca do mais difícil e mais fácil: refletir na pequenez humana a grandeza do Deus infinito.

Menina bonita, perspicaz, inteligente e sensível, não cabia em si de tanto bem-estar e felicidade. Mas ao perder a mãe, tendo quatro anos de idade, começou a mostrar-se traumatizada pela perda, vendo-se prisioneira de si mesma e, perdida numa sensibilidade incontrolável, num banho de lágrimas, extorquia compaixão. Nove anos depois, numa noite de Natal, em 1886, quando ela externava uma alegria infantil pelo sapato natalino com seus presentes, teve de assimilar uma mal humorada observação de seu pai, sempre tão meigo: “Ainda bem que este ano é a última vez!”

De maneira dolorosa, ela percebeu que estava na hora de abandonar o período de infância. E desta vez ela deu conta de

renunciar às lágrimas e mostrar-se forte e corajosa. Em seguida, conseguiu vitória sobre vitória, atribuindo, mais tarde, a essa noite “a graça de sua radical conversão”. E seu amadurecimento avançou muito. Como todo adolescente, acarinhava um sonho sem fronteiras que, no seu caso, era definitivo e se caracterizava por um centro único e bem definido: o amor por Jesus e sua Mensagem de libertação. Ele passou a ser o seu “meio divino”, onde sua presença amiga se fazia transparente em tudo e todos, e cuja luz “brilhava no seu coração”; único guia que a “instruía em segredo sobre as coisas de seu amor”.

Em seus escritos, ela cativa por suas alegorias, onde manifesta admirável tato pedagógico inserindo as grandes linhas do nosso “ser cristão” nas entrelinhas da cotidiana existência humana. Seu mérito é ter lembrado, por seu testemunho de vida, que santidade não é luxo, um privilégio de poucos, um desempenho reservado a especialistas, mas vocação universal enquanto graça oferecida a todos, sem distinção.

Já na sua primeira Comunhão, ela sentiu como se fosse uma gota de água assimilada pelo oceano do amor divino. Mas sob influência de uma catequese escolar rigorista, em conluio com sua excessiva sensibilidade, Teresa sofreu muito por dúvidas cruéis a respeito do valor de seus atos, julgando sempre estar em algum pecado causando ofensa e tristeza a Deus. (Que alívio quando, em 08/09 de 1890, o padre Prou, num retiro, lhe garantiu que suas faltas “não causavam tristeza a Deus”!).

A partir do milagre natalino, ela iniciou o processo de libertar-se dessa angústia, percebendo que a decisão cabia à graça e não ao desempenho humano. Agora podia esquecer-se de si e tecer relações abertas com os outros. A experiência da gratuidade do amor – também graças à leitura de um livro de Arminjon – “Fim do Mundo presente e os Segredos da Vida

Futura” – despertou nela um desejo incontido de “amar Jesus apaixonadamente e dar-lhe provas de amor”.

Desta forma, aos 14 anos, ela começou a resgatar o tempo perdido e rapidamente iniciou o terceiro período de sua vida, “o mais belo de todos”. Libertada de si, passou a dar mais atenção ao mundo que a cercava: família, amizades, estudo e viagens que lhe abriam novos horizontes com a oferta de descobertas insuspeitas. Nas noites, em seu Belvédère, podia partilhar e aprofundar suas descobertas, em diálogo com sua irmã Celine, que ela chamada de seu “outro eu”. Sentia-se tão envolvida pelo amor de Jesus que tinha certeza que ninguém nunca mais conseguiria menosprezá-la”.

CAMINHADA SOFRIDA

Após vencer muitos obstáculos – teve de passar por grandes desafios! – frente a seu pai, o Carmelo, o padre confessor, o bispo e até o apelo ao Papa, conseguiu transpor o limiar do mosteiro, no dia 09 de abril de 1888. Beijou seu pai e despediu-se dos familiares. Sua segunda mãe, a irmã Inês a precedera, seguida, anos depois, pela irmã Maria. Assim, aos 15 anos de idade, ela conquistou a maturidade dos 20. E agarrada a esta certeza: “Eu sou dele, ele é meu”, encarou sem ilusões e com realismo extremo tudo o que a esperava na vida conventual, onde outras correções se encarregariam de provocar-lhe ulterior purificação e contínuo aprofundamento.

Com o deserto ela sonhara, e o Carmelo era esse lugar, essa experiência ousada, longe do aconchego burguês de sua família e das belezas deste mundo, que ela conhecera um pouco em sua viagem pela França, Suíça, Itália e Roma. Teresa sabia onde começar, ignorava onde ia terminar. Investiu toda a sua vida neste grande risco do amor.

Na sobriedade do mosteiro, com seu limitado repouso e aparente monotonia na

vida cotidiana, com o formalismo na convivência, junto com algumas irmãs que se destacavam, outras mais comuns e também algumas de natureza ferida e muito suscetíveis. Nesse tipo de vida, com suas longas horas de oração e solidão, ela percorria o seu caminho pessoal, onde a aventura conduzia a um futuro com rosto imprecisamente delineado, e o amor tinha de ser investido preferencialmente nas colegas mais carentes.

No deserto, o grão de areia simbolizava-lhe o estar escondida, a importância do pequeno a ser percebido e valorizado só por um olhar amoroso; e ainda a secura experimentada na oração, o estar debaixo dos pés e ser pisada por todos, e no amor estar vazia de si para servir de apoio para Deus e pertencer a Jesus. Ela pedia para ser grão de areia, “subtraída aos olhos de todos, esquecida e somente visível para Jesus, capaz de ter na fraqueza uma companheira de seu amor”. Mais tarde, sua irmã Inês a caracterizará pela virtude da “humildade e pelo cuidado de ser fiel nas mínimas coisas”.

RUMO À DESCOBERTA

Seu espírito de guerreira – fazer, lutar, sofrer, somar para poder oferecer e assim merecer – teve de ser purificado e transformado pela experiência da própria fragilidade e a descoberta da gratuidade do amor que se contenta com as “mãos vazias”, na total receptividade. O fundamental é receber e deixar ser conduzido. Ela teve de pagar um bom preço para chegar, serena, a esta conclusão: “Eu teria igual confiança, mesmo que tivesse cometido toda espécie de crimes. Eu sinto que toda essa montanha de ofensas não passaria de um pingo de água que cai num fogo ardente”. Eis a nova visão.

O importante é não ser dona de nada, nem do próprio amor. Como Zaqueu, é

preciso descer para estar com Jesus e esvaziar o coração de si mesma. Ela foi descobrindo elementos sutis e refinados de orgulho e amor próprio e abraçou melhor a chamada “pobreza espiritual”, entregando-se à primazia do amor gratuito de Deus, a quem cabe a iniciativa em tudo. Isso possibilitou dar leveza à sua humana impotência banhada e transformada pela graciosa onipotência do amor divino.

Ela guardou na estante o “livro de contabilidade” de merecimentos: “É Jesus que faz tudo e eu nada”. “Nem sempre faço tudo o que me proponho, mas não me deixo desencorajar. Entrego-me nos braços de Jesus”. Em vez de tecer uma coroa, multiplicar boas obras e juntar méritos, basta “só dar alegria a Jesus”. Em Isaías, ela encontrou a síntese: “Como a mãe afaga o seu nenê, assim eu vos consolarei. Vou carregar-vos no colo e embalar-vos nos meus joelhos”.

Atenta a essa dimensão fundamental da Salvação, a gratuidade e, portanto, a universalidade, Teresa saboreava textos bíblicos que lhe confirmassem ser a graça que conduz à santidade, onde a humana pequenez, envolvida pela confiança, é o recipiente. Só Deus pode salvar; e ele o faz na gratuidade de seu amor. Teresa sente-se superada em sua expectativa e só deseja cantar a divina misericórdia.

A título de ensaio, bailemos nas ondas dessa gratuidade percorrendo alguns textos bíblicos que lhe eram muito caros.

“Meus olhos viram a Salvação, que preparaste diante de todos os povos: luz para iluminar as nações” (Lc 2, 30). “Porque de sua plenitude todos nós recebemos, e um amor que corresponde ao seu amor” (Jo 1, 16). “Quando deres uma ceia, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. Serás feliz porque eles não têm como te retribuir” (Lc 14, 13s). “Se alguém tiver sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, do seu interior manarão rios de água

viva" (Jo 7, 38). "Vocês foram salvos pela graça. E isso não se deve a vocês, mas é dom de Deus. Isso não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho" (Ef 2, 8b-9). "A graça de Deus manifestou-se para a salvação de todos os homens" (Tito 2, 11). "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação" (2 Cor 1, 3).

E podemos concluir com a Santa de Lisieux: Por que preocupar-se consigo de modo aflitivo e colocar-se no centro, se é o próprio Deus que nos deseja e pode curar, elevar e enriquecer com seus bens espirituais? Por que perder a paciência com imperfeições alheias e escandalizar-se por tanta resistência, se somente a graça nos pode dar valor e abrir caminhos para uma vida mais digna? Por que, apoiado em si mesmo, ficar cambaleando sem avançar em quase nada e ainda ferir outros com nossos tombos, se Deus pede licença para nos carregar, levando-nos para onde ele quer?

Por que, improdutivo, cavar tão fundo desgastando-se inutilmente e querer subir, sem antes ter decidido, se unicamente a confiança com entrega nos faz desemboçar na plenitude de Deus? Por que cultivar essa seriedade que sugere sermos donos da situação e responsáveis últimos da santidade, se Deus nos deseja como crianças perto de si e sob a sua bênção? Por que teimar em ser e aparecer grande, sendo um verme, e julgar-se autor de um cálculo só com acertos, se tudo em nós e fora de nós fala do pequeno e contraditório, sendo Deus o único Senhor? Por que colocar lá no alto perfeição e justiça, sempre inatingíveis, se unicamente a entrega confiante à misericórdia nos mantém em pé, na abertura fraterna e na reconciliação que Deus gratuitamente nos oferece? Assim, Teresa, nos estimula para que, longe de sermos aprisionados numa religião de desempenho, vivamos a liberdade interior na religiosidade da confiança em Deus e do amor solidário para com os irmãos.

ESSÊNCIA

E aconteceu. No domingo da festa da Trindade, 06/09/1895, durante a celebração eucarística, fica muito claro para Teresa: amar é deixar ser amado por Deus, e não mais perder-se na pretensão de orgulho e vaidade de fazer-se expiação em oblações e sacrifícios, como aprendera da mentalidade jansenista. Deus mesmo há de ser para ela a santidade, e não um sistema de esforços por sua própria conta. O problema agora é: deixar Deus tomar posse de sua alma, de sua vida, de seu modo confiante de ser, de sua alegria de conviver. Aliás, "numa fração de segundo, ele pode preparar-me para si".

Próprio de todo início, provocado por entusiasta opção, é a alegria com generoso devotamento que envolve a pessoa com um sentimento de segurança. Depois, impõe-se a necessidade de um aprofundamento e da caminhada frente a obstruções mais sérias como um teste que urge a pessoa a confirmar sua vontade de avançar na decisão abraçada. Foi este também o caminho de Teresa.

Partida de si, a fim de mergulhar no ideal escolhido, ela foi convidada e pressionada a fazer a viagem para dentro de si, numa fé pura e de incondicional confiança. E confrontada com um túnel escuro, numa paisagem árida, ela se assustou com o fantasma do nada, a ponto de ter medo de ofender a Deus. O que antes lhe parecia um "ver transparente", agora se lhe impõe como um "muro". Acontece que por cima do mesmo e pelos lados, a mão do Senhor lhe era estendida, mas sem aquela costumeira firmeza e alegria dos consolos. Ela já não goza da fé, mas com vigor age a partir da mesma, conservando em tudo a mesma autenticidade. Entregue à pequenez, ela teve de abandonar essa ansiedade, algo como câimbra para dentro, onde fazia o jogo do heroísmo dispondo-se a derramar até a última gota de sangue para pro-

var que o Céu existe ou escrevendo com seu próprio sangue o Credo. Agora, na aridez de uma solidão, ela viu a luz se apagar, o “elevador” deixar de funcionar, mergulhada por longos dezoito meses numa noite de dúvida. “O pensamento do Céu, que antes me dera tanta alegria, agora somente passou a ser uma fonte de luta e tormento”.

De Jesus mesmo, ela nunca duvidou; nele encontrava o seu sustento. Graça, fé e a certeza da bondade de Deus eram as forças que a conduziam em suas trevas. Por pior que fossem os fantasmas que a visitavam, ela se agarrava à fé, sem dela fruir o enlevo. Aqui, certamente, ela nos precede e estende a mão, no limiar do novo Milênio, onde assistimos ao desgaste da miragem racionalista, ao esvaziamento de ideologias e à impotência das Igrejas para se fazerem real inspiração para o momento histórico. Na insegurança da aridez moderna, há uma luz à qual nos podemos e devemos agarrar.

A grandeza de Teresa está em ter progredido na aprendizagem do “apostolado do lugar”, onde testemunhou fé e bondade de um coração atencioso, com uma palavra oportuna, o respeito por todos, sua presença amiga nos serviços e a solidariedade na convivência cotidiana. E tudo isso, com uma incomum criatividade, própria do amor. No final, deixou-nos esta herança evangélica: “Tudo é graça!” Já não há lugar para angústia. “Confio que meu exílio seja curto. Não que eu já esteja pronta, sinto que nunca o estarei, se o Senhor não me transformar. E ele o sabe fazer num instante. Não preciso tomar nenhuma providência. Jesus mesmo tem de pagar todas as despesas da viagem e o ingresso para o céu”.

Esta caminhada na vida espiritual a fez amadurecer tanto, desviando-a do costumeiro voluntarismo tenso e autocentrado para uma entrega confiante, onde a dadivosidade de Deus encontra todas as

portas abertas. “Na noite desta vida, me apresentarei a vós com as mãos vazias e só vos poderei oferecer meus desejos”. E na véspera do dia 30 de setembro de 1897, Teresa reconhece: “Creio que nunca busquei outra coisa que a verdade. Sim, eu entendi a humildade de coração. Creio que sou humilde”. E ao pôr do sol, deslizando para dentro do grande mundo do silêncio, ela plasmou suas últimas palavras que bem traduzem todo o seu viver: “**Meu Deus, eu vos amo!**”.

PEQUENO CAMINHO – RIQUEZA DE SEMPRE

Nos últimos dois anos de sua experiência religiosa, Teresa foi liberando Deus para situar-se de modo mais simples, verdadeira e humilde em relação com ele e detectando a irradiação gratuita da graça com as inesgotáveis possibilidades e apelos. Ela percebeu que é impossível cancelar ou destruir totalmente a imagem de Deus na pessoa humana; e que a missão do Redentor não se limitou à nossa carência, mas acentuou a gratuidade do amor divino que sempre tem sido inclusivo e sem fronteiras.

Ou seja, Deus nunca abandonou o pecador à sua pequenez, mas sempre o conservou elevado à condição da filiação adotiva com um destino de glória eterna. A graça nunca deixou de ser comunicada em clima de Aliança. Jesus convida, pois, a todos para trocar desconfiança e preconceitos por uma abertura fraterna, onde abandonamos o isolamento a favor de uma interação cada vez mais ampla, banindo toda exclusão. Sua mística certamente poderá ajudar para abrir portas e fazer reconhecer: “Pela encarnação, Deus se introduziu na história do homem. A eternidade entrou no tempo, o tempo se faz uma dimensão de Deus” (João Paulo II, em “Tertio Millennio”).

As "missões divinas" no evento salvífico, que é a História, repercutem na dignidade de toda ação humana que, em Cristo e no Espírito Santo, torna nova a Criação, fazendo acontecer a segunda vinda de Cristo. Desta forma, pessoas e atividades hão de orientar-se para a sua misteriosa verdade e a sua real grandeza, desdobrando-se, a partir do aqui e agora, na eterna plenitude de Deus e reforçando a solidariedade na convivência para conjugar sempre fé com vida e agir com ética.

A descoberta de Santa Teresinha, mais do que testemunhada nos escritos do Novo Testamento, lembra que há um acontecer da Salvação em cada pessoa e no conjunto da própria história, atravessadas por sua comunhão com Deus, num clima de onipresença da graça. A mal interpretada pequenez humana, à luz do pecado original, nos afastou da luz da verdade salvífica. Com urgência, somos convidados a realizar a dignidade batismal e fazer da própria existência uma verdadeira celebração. E nesta perspectiva, o anúncio do Evangelho e a pertença à Igreja podem tornar-se realmente interessantes, eloqüentes e mais atraentes.

Isto requer uma união cada vez mais lúcida e profunda com o Cristo, sob a ação do Espírito, sempre inserido na realidade aberta ao novo. Quem sabe, neste último milênio, o pecado se alastrou do comportamento dos cristãos para as estruturas suscitando a elaboração de "compêndios de confessores", o próximo milênio há de produzir "compêndios de fé inserida", que orientarão cristãos reconciliados por caminhos de perdão e paz, de solidariedade e justiça. Isto possibilitará uma Igreja em estado de missão, como fraternidade aberta a culturas e religiões. Ali o Cristo será revestido de um rosto mais atraente, onde ecoará a voz dos pobres e oprimidos, a voz dos diferentes e libertadores, manifestando a alegria de Jesus.

Eis o que Teresinha continua proclamando: Deus é a fonte de vida e salvação,

gratuitamente, para toda a humanidade, e Jesus veio ao mundo como testemunha de Deus para todos que, no amor à vida, se conduzem pela fome e sede de justiça, fraternidade, verdade e paz. É hora de irmos ao encontro dos "outros", dentro e fora de nós, em raças, culturas e religiões, a fim de completarmos juntos a integridade da Criação. Muros foram derrubados e preconceitos ainda precisam ser superados, pois há um só Senhor, uma só fé e um só batismo; e todos vivemos sob o impulso da mesma esperança, embora os caminhos possam ser tão diversos.

* * * * *

Senhor Deus, nós vos agradecemos pela imensa dádiva que Santa Teresinha representa. Pelo testemunho de sua vida e mensagem, sentimo-nos confirmados na confiança da fé, na certeza de vosso amor e na generosidade da presença missionária. Vejamos simbolizado o vosso mistério na vida desta nossa irmã; e na singeleza da rosa, a ternura de vosso coração. Amém

SÚPLICA ARDENTE

(Intercessão Teresiana)

Senhor, viajando no vosso sonho de unidade — "Que todos sejam um, ó Pai, como nós o somos!" —, cultivemos sempre o que é a essência e o arquétipo de toda espiritualidade: sentir-nos familiarizados com todos que singelamente vos buscam.

Vivamos de tal maneira a fé religiosa, o humanismo e o sentido de viver que, independentemente de religião e raça, inspiremos ar puro no meditar e orar, no relacionar e fazer, nos esforços de viver bem o nosso existir e lidar.

Senhor, antigamente uma igreja com torre alta, no centro, simbolizava uma visão cristã e vos anunciava como ponto central, convergência e meta da nossa convivência.

Saibamos agora criar algo diferente, acima de todo Credo e Religião, que congregue e inspire todos que se põem a caminho impelidos pela Espirito de vossa sabedoria.

Despojados de respostas prontas e normas rigorosas que durante séculos elaboramos, mostremo-nos solidários numa caminhada onde, partilhando dúvidas e experiências, aprendamos a tocar as raízes do viver num clima de calorosa e humilde fraternidade.

Seja o nosso amor à humanidade e o respeito a cada pessoa o nosso novo centro, real forum e foco inspirador, onde pessoas de todos os Credos possam encontrar-se na diversidade e crescer em direção a uma incomum unidade sob o comando da liberdade criativa de vosso Espirito e a entusiasta colaboração da Igreja.

Juntos comprometidos na solidariedade, juntos na oração e meditação, aprendamos a integrar o puramente cósmico com o integralmente humano na vossa divina realidade.

Em silêncio e diálogo, meditaremos na vossa Lei e buscaremos a vossa presença além de preceitos e instituições a fim de promover com boa vontade, sabedoria, amorosidade e justiça a união fraterna entre grupos e os povos.

Ao vosso Espirito abriremos a porta quando nos reunirmos para sonhar e refletir, orar e crer, confiar e agir em clima de colaboração e amizade, juntos a caminho, também graças a rica diversidade.

Desta maneira, acima de credos e ritos, num vazio ilimitado e numa limitada plenitude, desejamos sentir-nos acolhidos no espaço e na dinâmica de vosso Espirito para a descoberta do grande Mistério que fará respeitarmo-nos mutuamente, em pureza religiosa.

Em tal espaço de fé e amor, sem a resposta perfeita, mas com a sempre nova inspiração religiosa, no respeito à identidade de cada um e em sintonia com o vosso Projeto de Libertação, renascemos para a paz e colocaremos os fundamentos para uma convivência de reconciliação mundial.

Livres diante de "deus" e da "religião", seremos realmente os ramos na videira que é Cristo, nosso Irmão Universal, e provaremos o que São Paulo testemunhou: "Já não vivo só eu; com todos, Cristo vive em mim". Assim seja!

(Cf. MET LEGE HANDEN, de Koen de Meester, Seculier Instituut van de Karmel, Gent, 1987).

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Para o autor, a grande lição que Santa Teresinha nos deixou é esta: "a verdadeira religiosidade não se constrói tanto onde se fala bonito de Deus nem onde se reza num clima de pretensa transcendência, mas onde as pessoas, no obscuro estremecer deste mundo, constroem relações abertas, buscando o fundamento de tudo: o amor gratuito de Deus, Pai das misericórdias". Você concorda com esta afirmação. Partilhe

com a comunidade o que ela significa para você.

2. De acordo com o texto, quais são as principais etapas do itinerário espiritual de Santa Teresinha? O que este itinerário significa para o cristão, a cristã de hoje?

3. Depois de rezar a partir da oração que o autor coloca no final do seu artigo, procure partilhar seus sentimentos com seus irmãos, suas irmãs de comunidade.

BATISMO E SEGUIMENTO PECULIAR DE CRISTO

Pe. Carlos Palmês, SJ

Enfatizar o batismo nada tira à predileção que supõe a vocação religiosa dentro do povo de Deus. Facilita-nos viver certos rasgos da identificação com Cristo.

I. UM SÓ BATISMO – UM SÓ SENHOR

Toda consagração deve ser entendida em referência explícita e imediata a Jesus Cristo. Consagrar-se é aproximar-se, configurar-se, iniciar a identificação com Cristo, o UNGIDO, o Único Consagrado. Cristo veio ao mundo para consagrar-nos, ou seja, para fazer-nos partícipes da união de sua divindade, para submergir-nos na profundidade da relação do Filho com o Pai no Espírito Santo: “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito”. O cristão deve assimilar o batismo ao longo de sua vida, mediante o seguimento de Cristo que o conduz a viver a filiação e a fraternidade.

O Religioso/a, ao fazer a consagração “peculiar” de seus Votos, acrescenta algo à consagração batismal? Seu seguimento de Jesus é diferente do de outros cristãos? É a mesma coisa ser leigo ou ser religioso? Antes de expor o que é o seguimento de Cristo próprio do religioso, será preciso dissipar confusões que vimos arrastando de uma longa tradição.

Os Religiosos/as, somos de uma raça superior?

Essa foi a convicção vigente na Igreja desde o século V até o Vaticano II. Considerava-se que havia duas categorias de cristãos: uma inferior - a dos leigos - que se contentavam em cumprir os mandamentos, o indispensável para salvar-se. E outra categoria superior - a dos religiosos - que aspiravam à perfeição.

Essa mentalidade ficou consagrada em uma carta do Papa Urbano II, no final do século XI (1092), na qual afirma que desde o princípio há duas classes de vida na Igreja: uma que é **inferior**, a dos frágeis que caminham na planície, que usam os bens da terra e contentam-se em redimir seus pecados com lágrimas e esmolas; e a outra que é **superior**, a dos fortes que ascendem aos cumes da perfeição e adquirem méritos eternos com sua oração ardente de cada dia (Cf. PL, vol. 151, col. 338. Paris).

O Vaticano II, tanto nesse ponto como em muitos outros, foi revolucionário opondo-se a essa divisão de classes e reassumindo a doutrina dos primeiros séculos. Os primeiros monges que foram ao deserto, fugindo da corrupção do Império Romano, no século IV, não pretendiam ser diferentes do resto dos cristãos, mas simplesmente viver seu batismo. Nem eles, nem os santos padres aceitavam uma distinção entre salvação e perfeição. Buscava-se uma salvação que é plenitude de vida e

que inclui a perfeição a que é chamado todo batizado.

São Basílio (século IV) não queria chamar os monges com este nome, mas simplesmente com o de cristãos. São João Crisóstomo (século IV) afirma claramente que todos os cristãos somos chamados à perfeição e que essa distinção entre monges e seculares é uma invenção dos homens, que não tem qualquer base na Escritura. Um dos acertos de Lutero foi repetir a mesma coisa, doze séculos mais tarde, afirmando que esta distinção de categorias entre os cristãos é desconhecida no Evangelho, pois todos os batizados estamos chamados ao seguimento de Cristo.

O Vaticano II rejeita a diferença das classes

O Concílio, dando um salto por cima de 15 séculos de tradição, afirma que “todos os fiéis, de qualquer estado ou regime de vida, são chamados à plenitude da vida cristã e à **perfeição da caridade**”.

Isto leva a perguntar-nos: Qual é a relação entre a consagração batismal e a consagração religiosa? Que acrescenta a religiosa à batismal? Então, ser religioso ou ser leigo é a mesma coisa?

O Vaticano II (PC 5; LG 44) responde-nos que “a consagração religiosa constitui certamente uma **peculiar consagração**”, mas que “**tem suas raízes na consagração batismal e expressa-a mais plenamente**”. Em LG 44, descreve mais concretamente em que consiste essa peculiaridade: em extrair da consagração batismal um fruto mais abundante, **liberando-se** - pela profissão dos conselhos evangélicos - dos impedimentos que poderiam afastar-lhe do fervor da caridade e dedicando-se mais intimamente ao **serviço divino**.

Recolhendo o conteúdo desses textos, podemos afirmar:

1. Que a consagração religiosa **nada acrescenta de essencial** à consagração batismal, própria de todo cristão. Ela tem suas raízes no batismo que é “a consagração”. É uma ratificação da mesma, é compromisso de vivê-la em plenitude. Com isto excluem-se as diversas categorias de cristãos, pois da consagração batismal provém o chamado a viver a perfeição da caridade.

2. Contudo, a consagração religiosa tem uma **peculiaridade** que não está incluída na consagração batismal nem na Confirmação, (VC 30) e é o compromisso de viver em pobreza, castidade e obediência. Não se refere ao conteúdo fundamental do Seguimento de Cristo - próprio de todo cristão -, mas aos **meios** que o religioso coloca para viver o batismo. Com isto exclui-se também o cair no **igualitarismo**, como se a Vida Religiosa não tivesse um valor próprio e como se fosse a mesma coisa optar pela vida leiga ou pela Vida Religiosa. Desde o tempo dos Apóstolos até hoje, tem havido grupos de homens e mulheres que têm optado por viver o seguimento de Cristo com certas características que expressam radicalidade e profetismo e uma dedicação exclusiva aos interesses do Reino.

Não se deve cair em nenhum dos extremos: ou ressaltar tanto a peculiaridade, fazendo-nos voltar a crer-nos de uma raça espiritual superior à do resto dos cristãos; ou insistir tanto na igualdade, fazendo-nos esquecer o “excesso” de certos aspectos que não estão exigidos para todos os batizados.

A Exortação Apostólica VC (n. 30-32) acentua a **peculiaridade** da vida consagrada, já que o Batismo e a Confirmação por si mesmos não comportam a chamada ao celibato, à renúncia da posse de bens e à obediência a um superior. E até fala de uma “primazia objetiva da vida consagrada e, segundo parece, recorda com uma certa saudade o título de estado de perfeição”. Em compensação, os Superiores/as Gerais ressaltam a **igualdade**, recordando

que “a vida consagrada, profundamente enraizada no batismo, é uma consagração compartilhada por todos os batizados” e que a Igreja é “convocação santa” com multiplicidade de carismas... para que cada um viva... o próprio chamado à santidade, na comum dignidade da consagração batismal” (UISG, Contribuição ao Sínodo, p. 10; USG, II, 3). Não é tão fácil ser coerentes com a novidade do Concílio que proclama a igualdade, depois de tantos séculos de crer-nos os melhores.

3. Esses meios peculiares ajudam o cristão, que optou pela Vida Religiosa, a expressar mais plenamente sua consagração batismal e a vivê-la com maior coerência e profundidade.

Um luminosa contribuição de Santo Tomás

Os gênios têm intuições que atravessam os séculos. São Tomás, em pleno século XIII, mostra claramente em que está a perfeição cristã e em que não está. Desenvolve-o extensamente em S.Th. 2a. 2ae, q. 184.

“A perfeição da vida cristã consiste na caridade, no amor de Deus...e no amor ao próximo” (a.3). Ou seja, a perfeição está em viver a filiação e a fraternidade, em plenitude. Viver como filhos de Deus e como irmãos de todos os homens. Esse é o fim ao qual temos que tender e para esse fim não se marcam medidas; quanto mais intenso, mais concreto, mais profundo, mais absorvente seja o amor a Deus e ao próximo, mais perto estaremos da perfeição. É verdade que “nem no amor de Deus nem no do próximo pode-se alcançar a perfeição na presente vida” (a.2), porque “não é possível estar amando sempre de modo atual a Deus e ao próximo”.

Portanto, a perfeição não está nos conselhos. Eles são apenas meios ou instrumentos que ajudam a viver a caridade. Eles “ordenam-se a remover os obstáculos dos atos de caridade” (a.3). A respeito de Deus,

orientam-se a evitar não só o pecado grave, senão também “tudo que impede que o afeto da alma dirija-se totalmente a Deus” (a.2). E a respeito do irmão/ã, consiste não só em “excluir todo afeto contrário ao amor do próximo”, mas, também no amar, além de amigos e conhecidos, “inclusive os estranhos e até os inimigos. E isto é próprio dos filhos de Deus” (a.2).

E para confirmá-lo, traz o texto de um monge do deserto, o Abade Moisés: “Os jejuns, as vigílias, a meditação das Escrituras, o despir-se e privar-se de todos os bens, não são a perfeição, senão instrumentos dela, pois não está neles o fim dessa forma de vida, mas através deles se chega ao fim” (a.3).

CONSEQÜÊNCIAS

1. A conseqüência não é desvalorizar a Vida Religiosa como caminho de perfeição, mas valorizar também a dos leigos e de todos os batizados. É inegável que os meios próprios da consagração religiosa são uma grande ajuda para liberar-nos dos impedimentos para viver o amor. Precisamente dirigem-se a despojar-nos dos anti-valores mundanos da ambição do dinheiro, do prazer do sexo, do individualismo. Mais: esses campos explicitados nos votos de pobreza, castidade e obediência, não são os únicos. Entram também outros aspectos, como a vida comunitária, a total dedicação ao apostolado, a intensa vida de oração, a entrega completa do tempo, da liberdade, dos talentos, da faculdades e sentidos, da pessoa toda com todas as suas capacidades e relações. Quer-se renunciar a tudo aquilo que pode impedir ou frear o amor a Deus e ao próximo e comprometer-se em assumir tudo aquilo que ajuda a crescer na fé, na esperança e na caridade. Ou seja, a consagração religiosa não fica nos compromissos jurídicos dos votos, mas é uma atitude interior de entrega incondicional por amor. E isto é viver a plenitude do batismo.

2. Outra consequência é que não tem sentido falar de “**estados de perfeição**”. Isto suporia aceitar que há estados de vida aptos para caminhar à perfeição e outros que não o são. Ao falar de estados de perfeição, Santo Tomás refere-se a atos exteriores eclesiais, ou o que hoje chamaríamos estruturas eclesiais, em contraposição ao crescimento espiritual interior que é o que vale diante de Deus (Cf. S.Th. 2a. 2ae, q. 184, a.4). Por isso nem todos que estão em estado de perfeição são perfeitos. A santidade está no coração do homem que vive centrado no amor. Da mesma forma, o pecado não está nas estruturas que o facilitam, mas no homem que vive centrado no egoísmo (Mc. 7,14-23).

Se os cristãos de qualquer estado de vida estão chamados a viver a perfeição da caridade, é claro que dentro do próprio estado – e sem pedir emprestado aos Religiosos – , têm os meios apropriados para alcançá-la. Esses meios podem ser, por exemplo, a vivência do batismo e a prática de outros Sacramentos, a responsabilidade na educação dos filhos, tornar real a comunidade Igreja, paróquia, família; a honestidade nos negócios ou no exercício da profissão, o compromisso com a justiça e os direitos humanos, pertencer a movimentos apostólicos ou sociais, etc. Também há seculares canonizados – ainda que bem poucos, devido aos preconceitos clericais – que viveram em plenitude sua vocação cristã.

II. CONSAGRAÇÃO BATISMAL – CONSAGRAÇÃO RELIGIOSA

Dado que a consagração religiosa tem suas raízes na batismal e que não é mais do que sua expressão mais plena, então para compreender o que é a consagração religiosa, necessitamos partir da batismal. Podemos afirmar que o batismo é uma **vida nova** que inclui a adesão **pela fé à pessoa de Cristo e à sua Missão**, a partir da **comu-**

nidade dos crentes. Em último termo, o batismo é a resposta ao oferecimento de salvação que Deus faz à pessoa humana, passando assim a ser pertença de Cristo e comprometendo-se em seu seguimento.

São diversos elementos que se penetram e formam uma unidade inseparável: vida nova, fé, identificação com a Pessoa e a Missão de Cristo, comunidade. O batizado, a partir do momento em que está capacitado para isso, deve ir assimilando sua consagração e empreendendo o seguimento de Cristo para ir identificando-se cada vez mais com Ele.

É uma **vida nova** em contínuo crescimento. Por isso deve-se falar conjuntamente de Batismo e Confirmação. O Batismo nos une a Cristo, comunicando-nos a graça fundamental; a Confirmação está referida ao dom do Espírito que se interioriza e converte o crente em testemunha. A imagem mais expressiva é talvez a da *semente*, que é a Palavra de Deus em sentido amplo, ou seja, o conjunto da graça, da mensagem salvífica de Jesus e de sua própria Pessoa. Esse germe vai desenvolvendo-se em nós, na medida em que o vamos acolhendo sem resistências.

A fé está em íntima relação com o batismo, pois ambos tendem dinamicamente à identificação com a Pessoa de Cristo. É a disposição de abertura incondicional à oferta gratuita de Deus Salvador em Jesus Cristo sob a ação do Espírito. A fé é a atitude interior que se exterioriza no ato do batismo.

A **comunidade** é o clima normal onde se vive a fé e o seguimento de Cristo. Não se pode viver de verdade se não é em comunidade. O crente, pelo batismo, começa a fazer parte da comunidade dos crentes, que é a Igreja. E ela é também o lugar privilegiado onde o Reino de Deus torna-se um acontecimento real pela vivência da filiação e da fraternidade.

Todos esses aspectos são essenciais no batismo, mas todos eles se orientam ou

procedem dinamicamente da **identificação com Cristo** que se concretiza no seguimento. Seguir a Cristo até chegar ao cume da perfeição da caridade é o próprio de todo cristão. E o uso dos diversos meios para consegui-lo é o que distingue os diversos estados de vida dentro da Igreja: bispos, sacerdotes, leigos e religiosos.

Por isso, temos de começar vendo os aspectos mais característicos da pessoa e da missão de Cristo, com os quais queremos identificar-nos para depois ressaltar os meios próprios da Vida Religiosa que constituem a "peculiaridade" de nossa consagração.

1. O Cristo com o qual devemos identificar-nos

Identificar-se com Cristo é viver o que Ele viveu e como Ele viveu. Interessa-nos conhecer "seu mistério", o que Ele viveu por dentro, no decorrer de toda sua vida e que depois se concentrou no mistério pascal de morte e vida. É o que todo batizado deve reproduzir em sua própria vida.

Jesus identifica-se com o Pai. Jesus deixou-se invadir totalmente pela divindade, não colocou resistência alguma à ação de Deus Nele. Foi o acontecer de Deus na natureza humana e assim, Nele, realizou-se plenamente o Reino de Deus, que é a soberania de Deus no homem. Na medida de sua abertura ao Pai, Jesus experimentou-se Filho de Deus e irmão de toda pessoa humana. Jesus, ao longo de sua vida, foi crescendo na experiência de sua disponibilidade diante da vontade do Pai que o envolveu totalmente.

E em relação aos irmãos, Jesus foi a expressão da bondade e a misericórdia do Pai. Toda a ação e pregação de Jesus não é mais do que a expressão exteriorizada do acontecer de Deus Nele, tal como Ele mesmo o experimenta em sua proximidade com Deus. Sua humanidade é a parábola do acontecer de Deus neste mundo histórico. E assim sua mensagem, expressada

em parábolas, manifesta que o Reino de Deus já chegou entre nós. Jesus é quem fez acontecer o Reino de Deus. Por isso, "sua mensagem sobre o amor de Deus, que transforma o ser, não poderá ser entendida plenamente, tornar-se eficaz e convencer, a não ser no contexto da vida de Jesus, onde Ele realizou esse amor. Jesus é quem fez acontecer o Reino" (Guilka).

Jesus, Sacramento da bondade e da misericórdia do Pai

Os sumários dos Sinóticos, que apresentam a atuação de Jesus, resumem-na em duas atividades: **pregar** (ensinar, falar, evangelizar) e **curar enfermos** (ou expulsar demônios).

1. Jesus **prega** o que Ele vive. Anuncia o Reino e, como não é possível expressá-lo diretamente, expõe-no em parábolas. A parábola fundamental em Marcos é a do grão de mostarda (Mc 4, 30-32) como uma semente que é a palavra de Deus (Mc 4, 14). Mas o Reino é também a pérola preciosa e o tesouro escondido - o único Absoluto - pelo qual vale a pena vender tudo para comprá-lo. E é a luz que deve ser colocada sobre o candelabro, é o sal da terra e a rede que recolhe muitos peixes... porque a todos oferece e a todos traz a salvação. Mas, além disso, Ele é o Bom samaritano e o Bom Pastor e o Filho, que os maus vinhateiros assassinam. Ele é também o único que viveu em plenitude a utopia das bem-aventuranças e do Sermão da montanha: amar o inimigo, deixar-se esbofetear, bendizer ao que te maldiz, não julgar...

E Jesus **vive** o que prega. Em toda a atividade de Jesus, o que mais sobressai é a prática da misericórdia. É o ponto chave que mais caracteriza sua personalidade, é a transparência do próprio Deus, é a "misericórdia de Deus em pessoa, a soberania de Deus acontecendo" (Baena); ou, como expressa-o L. Dufour, "é o amor típico de Deus que se inclina generosa e humilde-

mente sobre o frágil, toca sua miséria em sua própria carne e levanta-o”.

Os Evangelhos Sinópticos captaram o feito da misericórdia como o rasgo mais característico do proceder de Jesus. Nos vários casos que recolheram, o centro do relato não é a cura em si, mas o grito de misericórdia: “tem compaixão de mim”. Assim, por exemplo, o cego de Jericó, ao aproximar-se de Jesus, clama: “Filho de Davi, tem misericórdia de mim” (Mc 10, 47; Mt 9, 27; Lc 18, 38). E a mulher cananéia, que havia captado essa “debilidade” de Jesus, não o deixa em paz gritando atrás dele: “Senhor, filho de Davi, tem misericórdia de mim” (Mt 15, 22). “Senhor, socorre-me”. E o pai do endemoninhado epilético: “Senhor, tem misericórdia de meu filho” (Mt 17, 15). Do mesmo modo, os dez leprosos que lhe saíram ao encontro, ao entrarem no povoado, gritaram-lhe à distância; “Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós” (Lc 17, 13) (Cf. Gustavo Baena, S. I. Anotações inéditas).

A fragilidade humana, a miséria dos enfermos, dos pobres, dos marginalizados era o que afetava a Jesus, comovia-o entranhavelmente e levava-o a fazer algo por eles. A palavra grega, que usa especialmente Mateus, é “splagnízomai” (**compadeceu-se**). Assim, diante da multidão, porque andavam como ovelhas sem pastor (Mt. 9,35); ou porque estavam famintos e enfermos (Mt. 14,14; 15,34), “mudos, cegos, coxos, mancos e pessoas com outras muitas enfermidades”, com os cegos de Jericó que gritavam cada vez mais forte para que os curassem, enquanto as pessoas faziam-nos calar para que não molestassem, Jesus **compadeceu-se** deles, tocou-os em seus olhos e curou-os (Mt. 20,34). A palavra empregada, tomada da medicina, significa que ocasionava a Jesus dor física, que era uma dor que o afetava nas entranhas. Doía-lhe a humanidade doente: os enfermos, os pobres, os pecadores.

Agora sim, a dor que Jesus sentia, o com-padecer com os que sofriam, levava-o a fazer algo por eles, a colocar seu poder a serviço deles. Em João, a misericórdia está intimamente conectada com a fé. A misericórdia e os milagres abrem o caminho ao dom gratuito da fé. Cristo aparece como o Filho de Deus que nos mostra o rosto do Pai e faz tudo o que lhe manda o Pai. Mais que os próprios milagres, é o amor incondicional e a misericórdia o que mostra que Jesus é Filho de Deus. E é a misericórdia o que torna a pessoa de Jesus fascinante. E assim revela que o acontecer de Deus chega ao fundo do coração e o dispõe à acolhida sem limites da vontade de Deus.

Mistério de morte e vida

Toda a vida de Jesus desemboca e concentra-se no mistério pascal. Essa é a alma do querigma apostólico que Paulo sintetiza em 1Cor 15, 1-4: “Que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras... Que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras”. A imagem que Paulo tem do homem resume-se na antítese: morte-vida. Por uma parte, o problema que ameaça o homem é a **morte**, causada pelo pecado. O pecado não são os atos concretos pecaminosos, mas é como um poder pessoal que habita no interior do homem e domina-o e escraviza-o. E, em compensação, a **vida** provém da salvação realizada por Cristo, liberando o homem da tendência do mundano que o conduz à morte definitiva. É uma liberação feita pelo Espírito de Deus que age a partir de dentro do próprio homem.

2. Identificação do cristão com Cristo

No **batismo**, o homem incorpora-se a Cristo com uma **morte** semelhante à sua, que destrói o indivíduo pecador para não ser mais escravo do pecado, dos maus desejos, da injustiça (Rm 6, 1-14). É despojar-se do “homem velho” (Cl 2, 11), da “vida

terrena" (Cl 3, 5), das "práticas da carne" (Gl 5, 24). É morrer à "mentira", ou seja, à vida de desobediência que despreza a vontade salvífica de Deus. No batismo, o crente identifica-se com a morte de Cristo pelo poder do Espírito do Ressuscitado (2 Cor 4, 7-12). Essa é a **abnegação** evangélica, que não é mais do que a outra cara do amor. É entregar a vida a serviço dos irmãos. Na liturgia do batismo, é simbolizada pelo despojo das vestimentas para submergir-se nas águas do batismo.

O batismo é também identificação com Cristo na **ressurreição**, na "vida nova em Cristo" (Rm 4, 25; 1 Cor 15, 13-22). É "o homem novo" (Ef 4, 24-25), a "nova criatura" (2 Cor 5, 17). É uma transformação interior radical, a dos "nascidos do Espírito" (Jo 3, 3-6). Esse tipo de vida tem **características** que devem distinguir a vida dos cristãos:

1. Sentir-se filho de Deus. O batismo nos dá o direito de chamar Deus de "Pai". Somos filho no Filho e isto há de levar-nos à confiança filial daquele que se sabe querido e conduzido por Ele na vida. Faz-nos sentir "parrésia", ou seja, audácia, segurança, confiança gozosa em Deus nosso Pai (Ef 3, 14-17). Por isso ao dirigirmo-nos a Ele, "atrevemo-nos a dizer" Pai Nosso. Viver o batismo é não só chamarmos, mas sermos verdadeiramente filhos de Deus (1 Jo 3, 1). E não apenas sê-lo, mas **sentirmo-nos** filhos de Deus. Todos os homens são filhos de Deus, mas o próprio do batizado é descobrir essa filiação, tomar consciência dela e convertê-la numa gozosa vivência. Então, sente-se a ânsia de colocar confiavelmente a própria vida nas mãos do Pai e deixar-se conduzir por sua Providência.

2. Espírito de simplicidade. Pedro exorta a ser como "crianças recém-nascidas", sem malícia nem falsidade (1Pd 2, 1-2). E Paulo insiste em que "sejam crianças sem malícia" (1Cor 14, 20). É o contrário da vida de mentira e pecado; é ter simplificado a própria

existência, tomando como norma única de conduta a vontade de Deus, sem pretender servir a dois senhores; é usar a linguagem do "sim, sim; não, não"; é ter entendido o "mistério da simplicidade" dos primeiros cristãos que não permitem servir a Cristo e ao mesmo tempo oferecer incenso aos ídolos.

3. Alegria cristã. É a alegria dos testemunhas da Ressurreição, uma alegria plena, interior, permanente, que não suprime os sofrimentos e desenganos desta vida, mas dá-lhes um sentido salvífico que produz paz e serenidade. Alegria de tom nupcial, inclusive para os cristãos que eram levados ao martírio.

4. Vida sob a condução do Espírito. Na pregação apostólica, o batismo apresenta-se como a entrada na esfera do Espírito. É ele que, a partir de nosso interior, nos faz exclamar "abba, Pai" (Rm 8, 15). Essa ação do Espírito cria em nós uma tensão na alma que se sente, ao mesmo tempo, saciada e dolorosamente insaciável, gozosa pela presença das "arras" e atormentada pela nostalgia do rosto de Deus.

3. Viver a perfeição da caridade

Quando Jesus quer resumir em poucas palavras como chegar ao cume da **perfeição cristã**, diz-nos que devemos ser bons e misericordiosos como é nosso Pai, Deus. Não simplesmente ser bons, mas plenamente bons, bons de verdade. E ser misericordioso com os frágeis, pobres, enfermos... amar sem condições como Ele. E diz-nos que assim seremos reconhecidos como **filhos**: "assim serão filhos de seu Pai que está nos céus, que faz brilhar o sol sobre os maus e os bons, e cair a chuva sobre justos e pecadores" (Mt 5, 45). Então... serão filhos do Altíssimo que é **bom** com os ingratos e pecadores. Sejam **compassivos** como é compassivo o Pai de vocês" (Lc 6, 35-36).

O Pai nos ama quando somos bons, ou quando somos maus, quando agimos jus-

tamente e quando somos pecadores. Assim devemos agir com os demais. Quando nasce um filho/a, os pais sentem-se felizes, se vêem que se parece com eles: “tem os olhos da mamãe, os rasgos do rosto do seu pai”. Também Deus sente-se feliz, quando pode ver em nós os mesmos rasgos do seu rosto que são a bondade incondicional e a misericórdia. São como a carteira de identidade do cristão, o que mostra que somos feitos à sua imagem e semelhança, que temos o “ar de família”, que somos filhos legítimos.

A vivência da filiação expressa-se vivendo a **fraternidade**. O Senhor nos faz descobrir que não é possível amar a Deus sem amar o próximo. Filiação e fraternidade ficam indissoluvelmente integradas. E o que Deus uniu, que não o separe o homem. O amor ao irmão é, como o de Deus, incondicional. Um amor que nos leva a amar o irmão quando nos ama e nos saúda, mas também quando nos pede um empréstimo ou quando nos esbofeteia ou declara-se nosso inimigo.

PECULIARIDADE FELIZ A DO RELIGIOSO/A

O enfatizar o batismo nada tira à predileção que supõe a vocação religiosa dentro do povo de Deus. Facilita-nos viver certos rasgos da identificação com Cristo, que levam à intimidade com sua Pessoa e à dedicação total a sua missão. Não podemos aspirar a viver um ideal mais alto que o que Jesus propõe para todos seus seguidores, mas sim podemos ter o privilégio de usar uns meios especiais que nos ajudam a viver intensamente – “em plenitude” – a consagração batismal.

Dedicação total. A identificação com Cristo realiza-se pelo amor. O religioso/a quer que Cristo chegue a ser o grande Amor de sua vida por uma fusão espiritual com

Ele, na qual se torne verdade o “vivo eu, já não eu, mas o Cristo que vive em mim”. Isto quer expressar-se com a consagração dos votos. Não é só comprometer-se a viver em pobreza, castidade e obediência, mas é uma entrega incondicional de toda a pessoa, com todas as suas capacidades, suas relações, suas energias, seu tempo, de corpo e alma... e movida pelo amor. Quer tomar Jesus, de um modo real, como o único Senhor, o único Absoluto de sua vida.

É uma identificação interior, dinâmica, vital, até compenetrar-se com os critérios, as atitudes e os sentimentos mais íntimos de Cristo, através da contemplação e dedicando-se, em tempo integral, à **missão**.

1. Missão evangelizadora. Nela exercitará a bondade e a **misericórdia** com todos os irmãos necessitados: os pobres, os enfermos, os marginalizados da sociedade. Seguir a Jesus é comover-se perante a miséria do mundo e entregar toda a pessoa para transformá-lo. Por isso a opção pelo pobre não é “opcional” para o Religioso/a, uma vez que nasce da entranha mesma do Evangelho. E o sinal mais claro de que Deus está no mundo é que existem pessoas dedicadas a fazer misericórdia. O apostolado é de todo cristão, mas o “não ter outra coisa que fazer”, a disponibilidade total para ir onde faça mais falta, é próprio do religioso/a apóstolo.

2. Celibato. Jesus exaltou o matrimônio, mas Ele não se atou ao amor de exclusividade de uma mulher para ser assim Esposo de seu povo (Is 62, 5). Dessa maneira mostrou que o amor de filiação e fraternidade são os definitivos e transcendentos. O Religioso/a realiza também essa **ruptura** com o caminho óbvio do matrimônio para dar-se de corpo e alma ao Senhor e viver assim uma comunhão afetiva imediata como o próprio Deus. Não é só uma relação vertical de entrega a Deus, mas tem também uma dimensão horizontal, uma dimensão social de **anúncio** da

fraternidade universal e de **denúncia** dos abusos do sexo e da exploração da mulher.

3. Comunidade. Quando chegou a hora de pregar o Reino, Jesus provocou a **ruptura** com a família e formou uma “família” nova, a dos que escutam a palavra de Deus e que a põem em prática (Mc 3, 33-35); escolheu-os para que estivessem sempre com Ele para enviar-lhes a pregar. Também os Religiosos, dentro da comunidade-Igreja, querem reunir-se nesse novo estilo de convivência para estar sempre “nas coisas de seu Pai” e para dedicar-se por completo à evangelização. Esse estilo de vida comunitária é, por si só, um **anúncio** da comunidade universal, e uma **denúncia** do partidarismo, da desunião, do racismo, da dominação de uns homens sobre outros.

4. Oração. Para Jesus, a comunicação com o Pai na oração era seu gozo mais profundo. Todo cristão está chamado à relação de intimidade com Deus; mas o Religioso quer colocar alguns meios especiais para viver envolto numa atmosfera de oração, que o leve a viver um diálogo de amor ininterrupto com o Senhor e a uma posse afetiva mútua sem mediações corporais. É também um **anúncio**, diante da sociedade, do valor transcendente da vida e uma **denúncia** dos anti-valores mundanos que excluem Deus.

5. Pobreza. Jesus não condenou a posse de bens necessários, mas Ele viveu desprezado de tudo e na insegurança itinerante. Frente à obsessão de grande parte da humanidade de acumular bens materiais, o religioso renuncia à propriedade privada e compromete-se a colocar tudo em comum e a assumir como própria a causa dos pobres. Com sua vida, quer **anunciar** que Deus é o único tesouro, no qual vale a pena colocar o coração, e **denunciar** os abusos do capitalismo neoliberal que adora o dólar e é uma fábrica de pobres.

6. Obediência. Todo cristão deve buscar cumprir a vontade de Deus, já que Jesus esteve sempre ocupado em agradar o Pai e em cumprir sua vontade. O Religioso/a quer converter no eixo de sua vida a busca da vontade salvífica de Deus. Assim, **anuncia-se** um modelo de sociedade baseado no projeto de Deus e **denunciam-se** os abusos de poder das ditaduras políticas e econômicas, assim como a irracionalidade da anarquia e do terrorismo.

O Religioso/a, no meio do povo cristão, está chamado a ser um testemunho profético de que Cristo vive no meio de nós, realizando a misericórdia e entregando a vida por seus irmãos.

Tradução: Magda Furtado de Queiroz

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. No início do seu texto, o autor faz algumas perguntas: — O religioso, ao fazer a consagração “peculiar dos seus votos acrescenta algo à consagração batismal? Seu seguimento de Jesus é diferente do de outros cristãos? É a mesma coisa ser leigo ou ser religioso”? — Depois de uma leitura atenta do

texto, procure responder em comunidade a cada uma dessas perguntas.

2. O autor apresenta Jesus como sacramento da misericórdia e do amor do Pai. Procure partilhar com sua comunidade os sentimentos que esta parte do artigo suscita em você.

A VIVÊNCIA ENTRE MASCULINO E FEMININO NA VIDA RELIGIOSA – CHAVES DE LEITURA

Pe. Víctor Hugo S. Lapenta, C.S.S.R.

Tudo mudou: conhecimentos, conceitos, valores e práticas... Mesmo os conceitos teológicos e morais, os caminhos da espiritualidade são agora tão diferentes, tão menos definidos e seguros!

Em outubro de 1996 o Grupo de Reflexão dos Psicólogos da CRB Nacional, realizou, em Curitiba-PR, um seminário para os psicólogos religiosos a serviço da Vida Religiosa. O tema do seminário foi “Questões de Gênero na Vida Religiosa – Poder, Instituição e Busca de Novos Horizontes”. O texto agora publicado em *Convergência* foi elaborado para um dia de estudos no referido seminário. Embora esteja redigido especificamente para os psicólogos, sua leitura poderá ser proveitosa para aqueles e aquelas que vivem o projeto de vida consagrada. Como parte de um conjunto mais amplo de estudos, esta palestra não pretende traçar um quadro mais completo do tema da vivência entre masculino e feminino na Vida Religiosa. Seu objetivo é o de indicar ângulos de visão que favoreçam a percepção dos sentidos que podem estar presentes em tais vivências.

Conversando com um grupo de religiosos, eu dizia que estava me preparando para participar deste seminário onde deveria falar sobre as relações de gênero na

Vida Religiosa. Um religioso, bastante idoso e respeitado como figura significativa em sua Congregação, logo perguntou: “Mas o que pode e o que não pode?”

Nossa busca, como psicólogos é outra. Procuramos compreender como e porque as coisas se passam desta ou daquela maneira com o sujeito e com os sujeitos, neste ou naquele contexto e momento. Interessam-nos as leis constitutivas da conduta humana e a conduta saudável: – O que é saudável, equilibrado, realizador?

Ao mesmo tempo, como psicólogos a serviço da Vida Religiosa, assumimos o projeto profissional de colaborar para que esta Vida Religiosa se institucionalize em formas favorecedoras de condutas equilibradas, realizadoras, integradas e saudáveis e que os/as consagrados/as tenham possibilidade de viverem de maneira humana e espiritual de melhor qualidade.

A pergunta daquele religioso é a pergunta de muita gente. Na verdade, há uma dificuldade de ordem prática respeitável em equacionar vivências da masculinidade e feminilidade e a Vida Religiosa. Esta é uma instituição em certo sentido totalizante: ela abrange a vida inteira de seus congregados, com orientações práticas e expectativas exigentes para a existência completa. Ela não apresenta apenas normas disciplinares. Ao contrário, elabora uma espiritualidade que vai ao mais profundo dos sentidos, motivações e buscas para a existência toda. As fontes que orientam as

condutas dos/das consagrados/as são muito veneráveis: a Palavra de Deus, a teologia, a espiritualidade, a moral, as tradições mais respeitáveis. A Vida Religiosa constitui-se a partir do próprio Jesus de Nazaré, tomado como inspiração e modelo de vida.

Nestes tempos de rápidas e profundas mudanças também aqueles aspectos que dizem respeito à vida sexual, mesmo dos/as religiosos/as, já não têm mais a segurança e clareza de outras eras. No passado, os religiosos/as podiam na prática agir correta ou incorretamente, mas sempre sabiam com bastante clareza quais os princípios morais, as propostas espirituais e as orientações a respeito da castidade consagrada. Agora, não. Princípios, critérios e valores estão balançados pelas mudanças culturais. A pós-modernidade vem com toda a força, surpreendendo a Igreja e a Vida Religiosa, as quais, a partir do Vaticano II, apenas começam a se entender com a modernidade. Tudo mudou: conhecimentos, conceitos, valores e práticas relacionados com sexualidade, corporeidade, realização pessoal, subjetividade e assim por diante. Mesmo os conceitos teológicos e morais, os caminhos da espiritualidade são agora tão diferentes e tão menos claros, definidos e seguros...

Novos paradigmas agora nos fazem enxergar diferente, pensar diferente, agir diferentemente. Parece mesmo que o roteiro mais adequado para o estudo de nosso tema será o dos paradigmas novos.

Não me proponho aqui apresentar-lhes um prato feito e acabado. Apenas faço um convite para um dia de trabalho (prepararmos juntos nossa alimentação intelectual) – Falar de comida talvez seja prosaico demais. Marc Oraison abre seu livro sobre a sexualidade humana falando de flores, os órgãos genitais das plantas. É uma tentativa de acenar para o sentido belo e profundo da sexualidade em toda a natureza: a vida que se vive e se transmite. (Oraison,

M., *O Sentido Humano da Sexualidade*, Lisboa, Martins, 1967).

Falar de vivência entre masculino e feminino é falar de homens e de mulheres vivendo e relacionando-se. As pessoas é que são masculinas ou femininas. Mais, sabemos hoje que cada pessoa é, ao mesmo tempo, masculina e feminina, com uma proporcionalidade, uma dosagem que varia de indivíduo para indivíduo.

O confronto com nosso tema, levou-me a procurar o tom adequado. O primeiro problema que me coloquei foi: que linguagem empregar para falar sobre a vivência do masculino e do feminino na Vida Religiosa?

Logo ficou muito claro que toda a questão deve ser abordada em termos de linguagem. As questões de gênero, elas mesmas, são sempre dialogais.

A psicologia, filha da modernidade e da ciência, emprega habitualmente o discurso cartesiano, claro, metódico, objetivo. Mas nosso tema e o tempo em que vivemos nos sugerem falar a linguagem da pós-modernidade. Mais do que afirmar, prefiro sugerir, despertar suas intuições. Não buscaremos o discurso científico da causa e efeito. E como nada quero provar, não serei argumentativo. Em vez de olharmos metodicamente o tema, parte por parte, vamos contemplá-lo em seu conjunto por vários horizontes e óticas. Quero falar a vocês, não às suas inteligências apenas.

Há mesmo uma certa desconstrução no que lhes apresento. A preferência pela fala pós-moderna busca a captação das riquezas de nosso tema, assinalando a complexidade das vivências do masculino e do feminino na Vida Religiosa.

Nesta fala tratamos apenas das situações de pessoas que supomos bem estruturadas em sua sexualidade. Não discutimos, nem mesmo queremos olhar as anomalias e desequilíbrios psicosexuais. Também não nos preocupam questões tais

como definir o que é gênero ou se e quantos gêneros existem.

I. OS PARADIGMAS DE LEITURA DA SEXUALIDADE

O paradigma é um modelo de percepção, interpretação e explicação da realidade, principalmente em suas dimensões globais. Ele é um macromodelo de leitura e conseqüentemente também de vivência de realidades significativas. Em resumo, um paradigma é um conjunto de significados e de valores, por meio do qual compreendemos a realidade e com ela lidamos, a partir de como a compreendemos.

As relações Homem X Mulher não são pensadas e vividas de maneira objetiva e absoluta, mas a partir dos paradigmas utilizados para sua percepção e experiência. É assim, mesmo quando não nos damos conta de que estamos empregando a chave dos paradigmas para entender a realidade que vivemos. A compreensão é a atribuição de significados e de valores para as relações, dando-lhes sentido e, conseqüentemente, despertando reações emocionais e caracterizando as condutas relacionais de gênero.

Em certo sentido, uma mudança cultural mais ampla é sempre uma mudança de paradigmas. A realidade começa então a ser vista e vivida com outros olhos e outras práticas. Tomás Kuhn, o lançador do termo nos anos 60, lembra que a mudança dos paradigmas não é apenas a adoção de um novo método ou teoria, mas a mudança de toda uma constelação de crenças, valores e técnicas.

Novos paradigmas normalmente permitem ler e expressar melhor uma nova realidade. Com eles conseguimos perceber dimensões e ângulos que antes não eram considerados. Outros aspectos, antes em evidência, passam para a penumbra. A realidade assume novos sentidos, formas e significa-

ções. O próprio discurso sobre a realidade se modifica e assume outras formas e enfoques.

A pergunta que nos colocamos aqui é: “quais os paradigmas mais adequados para tratarmos de nosso tema? Com que enfoque dele nos aproximamos e com que discurso dele falamos?”

A seqüência dos paradigmas

A psicologia como ciência adota os diferentes paradigmas científicos dos diferentes momentos. O pensamento filosófico e científico ocidental tem percorrido um esquema paradigmático muito claro. Através dele é que têm sido trabalhadas cientificamente as diversas realidades. Os mesmos temas tradicionais da filosofia e das ciências humanas são elaborados diferentemente nos diversos momentos históricos, a partir dos diferentes paradigmas utilizados.

O filósofo Habermas assinala os três grandes paradigmas do pensamento do Ocidente:

PENSAMENTO PRÉ-MODERNO – *paradigma ontológico (a realidade em sua essência e natureza)*

PENSAMENTO MODERNO – *paradigma mentalista (a consciência – a subjetividade)*

PENSAMENTO PÓS-MODERNO – *paradigma lingüístico (a realidade entendida por meio da linguagem). (como um código de)*

(Habermas, *Pensamento pós-metafísico*, Tempo Brasileiro, 1990, citado por Leite Araújo, LB, *Considerações sobre o tema paradigma*, in *Teologia e Novos Paradigmas*, Loyola-Soter, 1996.)

O esquema de Habermas deixa manifesto como a realidade não é vivida em si mesma e neutramente, mas que estamos condicionados até para percebê-la pelos paradigmas do momento. Ou do passado!...

Masculinidade e Feminilidade têm sido vivenciadas historicamente dentro da mesma seqüência paradigmática que tem orientado o pensamento filosófico e científico. Um exemplo: A doutrinação eclesial oficial fala da sexualidade e orienta seus fiéis em termos ontológicos, de pré-modernidade. As reflexões teológicas e as normas éticas do magistério utilizam a chave da "natureza da sexualidade", fala-se de "lei natural"... Já as condutas relacionais e sexuais e o pensar sobre as mesmas das gerações mais novas têm sido guiados pelo paradigma mentalista da consciência individual e da subjetividade. É a virada antropológica que coloca no centro o sujeito humano com sua consciência, sua liberdade, direito à experiência, busca de auto-realização, conduzindo-se por seus próprios princípios. Isso, desde as dimensões mais egocêntricas e hedonistas até aquelas mais doadas e generosas.

O paradigma lingüístico

Caminhamos agora para o paradigma lingüístico como chave de leitura e como modelo de vivência entre masculino e feminino. Assim a grande ótica de entendimento seria: "o que dizem as vivências do masculino e do feminino? Que sentido têm elas para o homem e para a mulher que se relacionam? O que está sendo expresso por e para cada um através desse veículo de comunicação que é a sexualidade humana? O que se dizem mutuamente as pessoas através da vivência de sua masculinidade e/ou feminilidade? O que cada um diz para si mesmo? Qual é a expressão de autoconsciência e de identidade que aí transparece?" Aí está o paradigma central e orientador para entender a vivência do masculino e do feminino nestes tempos de pós-modernidade.

O paradigma mentalista

Em nossos tempos as pessoas para pensarem e viverem a realidade já não se guiam pelas buscas da objetividade metafísica,

já não consideram a natureza e a essência dos seres. O paradigma mentalista leva a atenção para as dimensões psicológicas da existência dos sujeitos. Aí se inserem a subjetividade e a intersubjetividade. O absoluto subjetivismo individualista, tão forte na modernidade, deixa agora lugar para a relação de subjetividades que se encontram.

A cultura pós-moderna busca a relação, a convivência e os grupos solidários e integrados. A forte afirmação da redescoberta do sentido da ótica feminina, tanto no homem como na mulher, leva para formas de vida integradoras e holísticas. A tendência machista de fragmentar e destacar as diferenças é substituída progressivamente pela busca da unidade subjacente e pela harmonia. Sente-se agora que a vida é essencialmente una.

Na sexualidade destacam-se hoje a comunhão e a intersubjetividade, não mais a dominação, a conquista. Toda a força do patriarcalismo, do androcentrismo, da imposição machista está sob suspeita. Basta ver os fatos e notícias cada vez mais frequentes ligados ao dito assédio sexual. A aproximação mútua não se faz no presente pela conquista e pela dominação, mas pelo encontro intersubjetivo.

Outra evidência: um casal agora permanece unido enquanto for proposta mútua estar juntos e houver sentido de integração na convivência. Os vínculos sociais ou religiosos determinam cada vez menos a fidelidade. O que decide são os laços intersubjetivos.

A própria estruturação da família muda rapidamente de configuração: ela não é mais o casal estável e filhos. Vemos famílias com filhos e filhas de diversos casamentos convivendo, e os pais, cada um se relacionando social e tranqüilamente com seus parceiros anteriores...

É nessa linha que surgem aqui e ali as propostas e experiências de comunidades religiosas mistas e de comunidades intercongregacionais.

O paradigma de gêneros

A realidade de gêneros pode ser tida como paradigmática. Em sua realidade eminentemente inter-relacional, de ordem psicológica, ela estaria inserida no conjunto mentalista. Já como um canal de expressão de sentidos, uma linguagem, ela poderia configurar entre os paradigmas lingüísticos.

Seja como for, o mesmo paradigma de gêneros é uma terceira chave de leitura, entendimento e vivência relacional da sexualidade. Ele torna mais claro o entendimento de que a sexualidade humana não é uma entidade puramente natural, determinada pelas realidades e dinamismos corporais e instintivos. Ele nos permite perceber melhor que, ao contrário, a dimensão especificamente humana da sexualidade é fruto da cultura. Desde a primeira infância o ser humano aprende a ser masculino ou feminino, de acordo com os modelos culturais-familiares do meio onde se desenvolve. É nesse contexto que o indivíduo desenvolve sua identidade de gênero, percebendo-se como homem ou como mulher e aprendendo progressivamente a ser e a relacionar-se como tal. Um gráfico pode ajudar a situar o espaço de significação do paradigma "gêneros":

Superestrutura | Significado - sentido - emoções - atitudes - condutas | Cultura
Infra-estrutura | Genética - anatomia - fisiologia - instintos e pulsões | Natureza

"Gênero" é referência àquilo que se situa na superestrutura, no cultural da sexualidade humana.

II. O PSICÓLOGO, A SEXUALIDADE E A FALA

O psicólogo é aquele que escuta

É missão do psicólogo escutar a fala do cliente, tanto a fala oral, de palavra e de conceitos, como as falas todas de sua pre-

sença e de sua conduta. E também de suas ausências e omissões. É ainda tarefa do psicólogo traduzir e comunicar ao sujeito o que este fala sem entender e, às vezes, até sem se aperceber que está falando.

Quando o psicólogo dirige ao cliente sua própria fala (dele psicólogo), poderá oferecer uma oportunidade para o cliente cotejar as duas falas. Mas poderá também silenciá-lo, confundi-lo, levar o cliente a perder a condição de falar sua realidade. Se o psicólogo tenta passar seus valores e critérios próprios, com certeza estará fazendo seu discurso, não escutando ou traduzindo. Poderá estar sendo não psicólogo, mas pedagogo, ou, então, confundindo e condicionando o sujeito.

Para entender a personalidade sexual de alguém é preciso entender a fala da sexualidade, da sua sexualidade:

– Escutar as falas que se trocam no diálogo da masculinidade e da feminilidade.

– No caso dos religiosos/as, escutar também as falas que se expressam no sentido de consagração que a pessoa vive. Esse sentido afeta a própria identidade dos sujeitos e caracteriza o seu estilo de exercício da missão. Alguém bastante desencantado dizia há pouco tempo: "Hoje, os jovens se sentem os camelôs do sagrado (este é vendido para o público – a vida particular do sujeito pouco tem a ver com isso); os mais antigos se sentem funcionários do sagrado (cumprem sua missão quando atendem o público em suas necessidades religiosas – é tarefa executada, não algo que dê sentido e força para a própria existência); poucos passam aos demais suas vivências e convicções".

É preciso, enfim, escutar a harmonia-desarmonia, congruência-incongruência de ambos os diálogos – da sexualidade e da consagração.

À medida que o sujeito descobre e atribui sentido ao seu ser sexuado e à sua condu-

ta sexual e relacional, ele passa a existir como humano e não mais puramente animal. A sexualidade animal não veicula a fala do sujeito. Ela é instintiva. O indivíduo segue simplesmente a programação da espécie. Já a humana é elaborada e construída na cultura. Por isso ela é carregada de sentido. Esse sentido que possui em si e para o sujeito é que leva o mesmo sujeito a ser e a agir dessa ou daquela maneira.

As duas falas

Para entender a fala da sexualidade, é preciso ouvir e entender dois códigos lingüísticos, duas gramáticas diferentes e complementares: a do consciente e a do inconsciente. São duas falas não estanques. Elas se interpenetram. Até mesmo o grande veículo do inconsciente é a fala consciente. A sexualidade é o canal maior por onde o Id fala. Ela é também uma fala do Ego inconsciente.

A linguagem do consciente é aquela que o sujeito quer conscientemente falar: sua conduta sexual tem uma intencionalidade, por meio dela ele está expressando algo. E o expressa pelo menos para dois "ouvintes", ele próprio e seu objeto, o outro/a com quem ou em função de quem vive o momento.

A fala do inconsciente vem expressando o universo interior, não consciente, mas vivo, dinâmico, loquaz em seus impulsos e instintos, em suas buscas e recusas. Trata-se aí de uma linguagem que, em comparação com a do sujeito consciente, parece não lógica, e não é discursiva. Ela se expressa com outra lógica, não a da causa e efeito, do sujeito, predicado, objeto. Por metáforas e metonímias, por justaposições, oposições e transformações ela passa o desejo, o sentir, a vitalidade, a vibração e a energia que borbotam e fluem como vida que se manifesta impulsivamente.

Quando o sujeito tenta calar sua voz interior, ela falará em outro diapasão e outro lugar de expressão. Os mecanismos de defesa, os atos falhos, os sintomas

neuróticos, gritam aquilo que foi proibido ser dito de maneira direta.

A linguagem inconsciente sempre é produto não apenas do momento vivido. O passado, em sua história estruturante da personalidade, aí está. Se circunstâncias presentes não permitem que o sujeito expresse o linguajar que brota do inconsciente, ele começa a balbuciar a linguagem da infância, do passado. As condutas regressivas são essa fala anterior.

Se quisermos então entender o sentido da conduta masculina e/ou feminina, a vivência da masculinidade e da feminilidade, é preciso atentarmos tanto para o universo consciente como para o inconsciente do sujeito.

A fenomenologia

Se empregarmos a abordagem fenomenológica, poderemos ter um outro entendimento da fala da sexualidade. Esta abordagem é aquele modo de observar a realidade pondo atenção não nas coisas em si, mas no modo como os sujeitos psicológicos percebem essas mesmas coisas. Não ficamos nos fatos, mas nos fenômenos, isto é, nos fatos interpretados pela mente de quem com eles se confronta.

A fenomenologia fixa-se mais no discurso do sujeito existente como a revelação de seu mundo. Ela nos lembra que o existente, o sujeito psicológico, não vive no mundo físico, mas no mundo fenomenológico, isto é, no mundo de suas percepções e significados. A fala é a criadora desse mundo pessoal. É nela que transparecem os fenômenos constitutivos do universo próprio do sujeito.

Isso nos leva a direcionar a atenção para o universo fenomênico da sexualidade e do sujeito da sexualidade. Estamos então atentos à consciência do sujeito como ser sexuado e caracterizado pela sua masculinidade e/ou feminilidade. Aí não importa tanto a realidade física e fisiológica do

sexo, mas o sentido, a percepção e o significado disso para o sujeito.

A fenomenologia facilita-nos o confronto com a identidade sexual do sujeito. Esta é mais do que ele saber-se masculino/a ou feminino/a. É a vivência de toda a sua complexidade afetiva que entra em causa. A ótica fenomenológica facilita também a percepção do como o sujeito lida com o corpo próprio e com o corpo do/a outro/a.

III. A VIDA RELIGIOSA

Se quisermos entender a linguagem da sexualidade não podemos restringir nossa escuta apenas ao interior do sujeito. A sua vivência de pessoa sexuada, sua realidade de gênero, se dá num contexto, num ambiente. O contexto sempre marca, estrutura, condiciona, dirige, limita, revigora e sustenta certos aspectos da vivência.

Os condicionantes

Sabemos como toda a conduta humana é extremamente dependente do meio ambiente. Este, o ambiente, desempenha o papel de condicionante, ou seja, de fator que leva o sujeito a agir deste ou daquele modo.

Podemos assinalar rapidamente alguns condicionantes do contexto da vivência da masculinidade/feminilidade dos/das religiosos/as:

- a) A própria dimensão sagrada da consagração, do projeto de vida dos religiosos e das religiosas, com toda a sua força de atingir até o núcleo da personalidade.
- b) A dimensão institucional, das formas e normas da Igreja, dos Institutos, das tradições, das expectativas e exigências dos fiéis e dos infiéis.

Historicamente, a legislação e as normas de vida consagrada sempre foram mais restritivas e suspeitosas que para os mortais comuns. A "fuga do mundo", um lugar histórico de estruturação da Vida Re-

ligiosa, tem sua eficiência em função da sexualidade, procurando opor barreiras entre o mundo pecador, a perversão social e as pessoas consagradas. Ainda hoje vemos grades e clausuras por aí.

- c) A dimensão da reflexão teológica, das ascetes, das espiritualidades e das éticas que orientam a Vida Religiosa.

A consagração

Um específico da Vida Religiosa, com relação à sexualidade, é que a consagração, por princípio e por conceito é oposta às relações de ordem pessoal que sejam possessivas e excludentes de terceiros. Há na consagração um postulado básico de exclusão com relação a tudo que não permita uma dedicação integral da pessoa às coisas de Deus. Isso é da natureza do projeto de consagração.

A Vida Religiosa opõe-se também por princípio à realização da paternidade ou maternidade física, pela mesma razão da dedicação integral. Até recentemente certas concepções teológico-espirituais de origem filosófico-antropológica falha viam a exclusão das relações de amor, da sexualidade e da paternidade, não pelo sentido de entrega total e dedicada a Deus e à construção do seu Reino, a exemplo de J.C., mas como oposição ao prazer e mesmo à realização pessoal, tidos como relacionados ao mal e ao pecado. Houve muito e ainda há algum sado-masiquismo nisso tudo.

Qual o discurso atual da Vida Religiosa sobre a masculinidade/feminilidade? Talvez devêssemos perguntar: "Quais os discursos?" Seria interessante analisar, por exemplo, os textos mais explícitos, tais como as Regras de Vida ou Constituições de uma ordem ou congregação. Li com atenção as constituições de uma congregação masculina para estudar o conceito de evangelização que ali está. Pois, casualmente, notei que no capítulo inicial que fala da razão de ser do instituto e de seu

objetivo inexitem o feminino e a mulher. Em todo o conjunto das constituições, o feminino que aparece é apenas o da referência à devoção à Virgem Maria. Nos Estatutos Gerais do mesmo instituto há uma passagem que se refere às religiosas do instituto feminino como participantes do ministério da Congregação.

A instituição Vida Religiosa pouco sabe da fala inconsciente da sexualidade. Ela institucionaliza seu conjunto de normas e de roteiros de conduta, de permitidos e proibidos, como se a sexualidade e o querer das pessoas fossem conscientes e ponto final.

A consagração, o desejo e a lei

A Vida Consagrada pode ser vista em termos de desejo e de lei.

Os relacionamentos de gênero são por natureza estruturados na conflitividade interna dos sujeitos. Desejo e Lei são duas coordenadas fundamentais do agir humano. A criança nasce impulsionada pelo desejo, (desejo de viver, de ser feliz, do prazer, de satisfação das necessidades, e assim por diante), que se apresenta absoluto e sem limites. A experiência do viver vai ensinando ao ser humano ainda em formação que a satisfação total e absoluta do desejo é impossível, pois a realidade é sempre limitadora, a partir das limitações próprias do ser humano e das limitações da natureza. É a lei da realidade o primeiro limite experimentado pelo desejo humano. Logo em seguida, a criança vai experimentando os limites da educação e da cultura. É a lei humana, familiar e social, que se impõe. E o sujeito humano viverá sempre a experiência do desejo e da frustração, alternando-se com as experiências de realização e de prazer. É parte integrante da realidade humana viver a conflitividade interior entre o desejo e a lei.

A consagração mesma é ambivalente, em termos de desejo e lei. Ela nasce no território do desejo. Aí está sua fonte, pois,

ela é o encaminhamento desejoso do amor na direção da totalidade divina. A vida inteira, em todas as suas dimensões é então jogada na busca do Absoluto do Deus amado, um amor que não será o egoísta fechamento ou a escravização do consagrado ao Deus amante-amado, mas sempre se propõe ser a luz única a iluminar todo o ser e a orientar todo o desejar e o agir da pessoa amante-amada, que se consagra.

Essa luz e essa entrega total abre-se dinamizadora e orientadora para toda e qualquer outra relação afetiva de quem se consagra. É aí que a consagração se faz lei, lei da dedicação absoluta, lei de amor que se expande para qualquer outro relacionamento de querer bem, dando-lhe tonalidade, virtualidade e dinamismo. Mas traçando-lhe direcionamentos e limites.

As coisas do amar estão bem estruturadas quando se dão não pela lei da imposição ou da determinação que vem de fora, lei que obriga pela força dominadora de um terceiro interveniente, no caso a autoridade que obriga ou proíbe, mas acontecem pela lei interior da escolha pessoal, iluminada pela adesão amorosa ao objeto amado, deste modo integradas com os projetos de vida dos parceiros.

É aí que se coloca a questão: a vivência da masculinidade e feminilidade daquele religioso ou daquela religiosa são conduzidos pela consagração enquanto desejo amoroso de consagração, que se faz lei por opção interior do sujeito, ou lei imposta pelos condicionantes institucionais?

Cabe ainda uma consideração: Quem se consagra, consagra-se por inteiro. Mas seu universo inconsciente, não dirigido pela racionalidade e pelas escolhas conscientes deverá sempre ser encaminhado. Quando alguém diz "eu te amo" não é apenas o eu consciente, o sujeito do querer bem quem fala. Todo o seu pronunciar-se está alicerçado no seu inconsciente desejoso. E, se o sujeito se descuida, o inconsciente se faz o dominador e determinante que leva o

sujeito a ser, a amar, a buscar a posse e o ser possuído na comunhão prazerosa do querer-bem, sem a liberdade consciente da escolha. Ou o sujeito se encaminha pelos roteiros da lei da realidade, no caso, da consagração, ou a sede jamais saciada do desejo domina e mata.

IV. O SENTIDO

Somos diferentes dos irracionais especificamente pelo sentido que atribuímos à realidade. Isso acontece também no que se refere à sexualidade; Os animais acasalam-se instintivamente em função da reprodução. Já no encontro de duas pessoas, seja a que nível for, desde um "ôi" quase casual até a mais íntima e profunda comunhão, sempre são duas consciências interrogativas e afirmativas que dialogam, cada uma em seu universo único de percepções e significados, emoções e respostas.

O sentido é o que faz a relação ser o que é, um encontro ou desencontro de pessoas. Quem vive um momento caracterizado pela sua masculinidade e/ou feminilidade, vive-o com o sentido que o momento tem para si e é a partir desse seu sentido que ele dialoga com o outro.

A linguagem da sexualidade fala sempre dos sentidos existenciais do sujeito. Quem, por exemplo, vive um momento extremo de apaixonamento, de atração forte, quem se vê arrastado impulsivamente, com certeza não pensa, não reflete nos sentidos, mas eles ali estão, não a nível consciente, mas de significado profundo até para o próprio apaixonamento e impulsividade.

Vale o mesmo para os encontros comuns: *"Talvez até estas ocasiões de encontro, aparentemente prosaicas, secundárias, transitórias, sejam o lugar de expressão mais significativo da qualidade da relação... Quando esta se estabelece fundamentalmente, as "coisas arrumam-se com bastante facilidade, e o acordo faz-se sem que haja*

sequer necessidade de pronunciar palavras. "As pessoas entendem-se" para além da linguagem. Em contrapartida, quando a relação profunda está em tensão, e por motivações confusas, obscuras ou inexprimíveis, o afrontamento conflituoso estala precisamente a propósito dum pormenor que em si mesmo não tem aparentemente qualquer importância: o lugar dum móvel, o sal que se esqueceram de pôr à mesa" (*Oraison, Marc, O Mistério Humano da Sexualidade, pg. 114*).

Na prática, o gênero marca sempre com algumas características específicas as relações que se estabelecem a partir dele e mesmo as relações que aparentemente nada tenham a ver com a sexualidade. Essas características estarão presentes nas situações concretas em níveis, graus e formas de vários tipos:

- **o prazer** – do bem-estar, da volúpia à beatitude, ao máximo de vitalidade e à experiência de êxtase, de perda dos sentidos, de orgasmo e de pequena morte;
- **a presença** – da percepção aparentemente neutra do outro à fusão, à comunhão integradora de pessoas que se completam, até a interpenetração corporal-física e até a unidade de mentes e de corações;
- **a fecundidade** – seja na geração de filhos, seja pelo estímulo da vitalidade pessoal, da criatividade, da ação transformadora da realidade;
- **o vínculo** – união com o/a outro/a, desde a transitoriedade do momento vivido até a comunhão de vida;
- **o lúdico** – do brincar, do divertir-se, até a seriedade máxima da responsabilidade por si e pelo/a outro/a.
- **a conquista** – da entrega de si à posse do outro/a, do interesse e atração até a sedução;
- **o amor** – com toda a gama e variedade de intensidade, de colorido e de manifestações do bem querer.

Todas essas expressões de sentido vão sempre despertando os tons dos mais diversos sentimentos, do amor ao ódio, da estima à desconsideração, do cuidado e do respeito ao desprezo e espezinhamento, e assim por diante.

V. MASCULINIDADE/ FEMINILIDADE (animus- anima)

A sexualidade está na área de diferenciação da pessoa. E ali ela desempenha o papel central, a partir do corpo ao mais íntimo e profundo do psiquismo.

O desejo da mulher e o desejo do homem não são iguais – até no fundo do inconsciente ele e ela são recíprocos e complementares na diferença. O inconsciente já é marcado pela diferença, é sexuado. Toda a obra de construção da personalidade pela cultura e pela educação, todo o ordenamento da identidade sexual, todo o gênero que se elabora em cada um e cada uma, não se faz às claras e linearmente a nível da consciência. Há um diálogo raramente percebido, mas que às vezes é falado até aos gritos e aos repelões dos desencontros interiores, entre “eu” consciente e id “inconsciente”.

Na ótica junguiana, *“cada indivíduo é bissexual, tanto corporal como psiquicamente; o fator predominante determina o sexo. Se a consciência é masculina, o feminino se encontra no inconsciente e vice-versa. A feminilidade no homem é ao mesmo tempo a predisposição interna para a experiência da mulher, como mãe, noiva e cônjuge. Ela contém a relação natural entre marido e mulher”* (Goldbrunner, **Individuação, a psicologia de profundidade de Carlos Gustavo Jung**, Herder, 1961, pg. 142).

Jung e sua escola utilizam os termos de anima e animus para denominarem essas estruturas que, respectivamente no homem e na mulher, concretizam a presença de traços do outro sexo existentes no psiquismo de todo ser humano.

Mesmo quem hoje não trabalha com conceitos e teorias junguianas não pode ignorar o núcleo das afirmações relativas a animus-anima. São arquétipos de intensa densidade, que marcam toda a estruturação da personalidade e, de maneira especial, da estruturação da identidade sexual e das relações com o outro sexo. São dados tranquilamente adquiridos da Psicologia, embora nem sempre entendidos e utilizados com a densidade da escola analítica.

As pessoas em geral têm pouca ou nenhuma consciência e percepção de seu outro lado sexual. Mesmo os conceitos de masculinidade e de feminilidade, embora de uso corrente, não são clara e pacificamente entendidos por igual. Os diferentes autores, tanto da psicologia como de outros saberes, apontam características diferentes como as mais decisivas e constitutivas de uma e de outra face da sexualidade humana.

Hoje a cultura popular, especialmente os meios de divulgação, não só empregam esses conceitos, como preconizam a necessidade de desenvolvimento da outra parte do próprio eu. Só é pessoa bem desenvolvida aquela que cultiva seu outro lado. A busca desse desenvolvimento tem apontado caminhos muito produtivos, mas também fez muita gente perder o rumo e o equilíbrio na conduta pessoal.

Eis aí um aspecto das falas de gênero para o qual devemos estar atentos.

VI. AS FALAS DA SEXUALIDADE

Convém assinalar alguns significantes mais fundamentais e presentes na vivência da masculinidade e da feminilidade. Aqui não os contemplamos especificamente nos territórios da Vida Religiosa, mas ficamos no genérico e geral da vivência humana.

Poderíamos tentar esclarecer este dicionário ou listagem de falas, tanto em termos de vivência intrapsíquica da masculi-

nidade/feminilidade, como nas situações de relações com o outro e a outra. Contudo, a pretensão é mais modesta, pois não serão especificados os contextos. Nosso objetivo é apenas levantar quais os mais fundamentais espaços de significação presentes sempre. Tais espaços de significação tomam configurações específicas e distintas nos diversos momentos, contextos e vivências pessoais. Competirá a nós, em cada caso, tentar ler o que está sendo dito mais concretamente em cada caso.

Sexualidade sempre quer dizer dois opostos:

- "corte" ou separação
- comunhão, complementação, união, integração.

O Corte – No processo básico e fundamental da estruturação de nossa personalidade começamos sempre pela experiência do "corte" e da "separação". É por aí que a criança passa, no fazer-se pessoa, por aquilo que J. Lacan denomina "o complexo do desmame". Desde o parto, a primeira experiência de separação, à perda do colo, e os sucessivos momentos de distanciamento, vamos experimentando a realidade de sermos únicos e autônomos.

Nesse mesmo processo, um segundo momento se dá no complexo de relações de Édipo, a partir do confronto com a figura paterna que vem romper os laços diádicos da união com a mãe.

Sexo, do latim "seccare", isto é, cortar, separar, é a grande distinção que proclama a divisão da espécie em dois grupos separados, diferentes, parciais. Na e pela sexualidade afirmamos nossa distinção do outro/a.

Cada pessoa tem seu modo próprio de sentir e de expressar sua consciência de unicidade, de identidade pessoal, sexual e geral. Essa consciência contém, ao mesmo tempo, o saber-se, o sentido que o sujeito se atribui ao sentir-se separado e único e

os sentimentos que tal consciência nele desperta. Tanto sentimentos de bem-estar, como de sofrimento.

A consciência da diferença está presente na masculinidade e feminilidade de cada um. Por trás dessa consciência adulta permanece a história de cada um, a partir da descoberta da diferença na remota infância. A descoberta progressiva do próprio corpo leva a criança a se dar conta de sua sexualidade e de que ela o faz igual e diferente. Aí entram todas aquelas formulações psicanalíticas relacionadas com essa descoberta – o complexo de castração, v.g. : o medo da castração no homem, o enigma da castração na mulher. A Psicanálise trabalha por aí na explicação da personalidade da mulher.

A Comunhão – complementaridade e subsidiariedade... A experiência do corte é ambivalente: a separação possibilita a autoconsciência e, ao mesmo tempo, produz a dor da falta e da ausência. Vivemos então na busca da união, pois sentimos a falta e a perda, sentimo-nos parciais e carentes.

A sexualidade é a grande ponte da união, do encontro com quem nos completa, quem preenche o vazio, de quem é o que não somos.

O desejo e o prazer – Masculinidade e feminilidade são formas de ser e também de busca do prazer de ser. Não se trata apenas do prazer físico, da excitação e do orgasmo. Toda a escala emocional do prazer psíquico pode estar presente, dependendo do sentido que toma a sexualidade para o sujeito e das suas vivências do momento. A presença, a lembrança do outro sexo são em si prazerosas. A sexualidade é um território privilegiado do prazer.

O amor – Masculinidade e feminilidade são eminentemente um lugar de experiência e de expressão do amor. Afeto, carinho, ternura, a felicidade da presença amada, o querer bem em suas formas mais profundas e íntimas, tudo pode estar presente nas vivências de masculinidade e de feminilidade.

Na vivência da masculinidade/feminilidade o amor pode aparecer no esplendor de sua forma, bem como na falha e na deformação. A falha egoísta, do narcisismo imaturo, da transformação do outro/a em objeto manipulado. Há uma pergunta que sempre cabe: quem é o/a amado/a real na relação?

Paternidade/maternidade – Masculinidade e feminilidade são por natureza modos de ser e de viver que permitem ao sujeito participar do mistério da reprodução da vida. Esse apelo profundo da natureza e da espécie permanece vivo no inconsciente e com frequência habita o consciente adulto.

A sexualidade fala tanto da consciência da possibilidade/impossibilidade, como do desejo e da busca de existência fecunda. Fala não só da geração física de filhos ou do processo de criação/educação. Na sexualidade pode estar sendo falada, seja como aspiração, seja como realidade vivida a temática da criatividade, da doação de si para sustentar a vida, e assim por diante.

A afetividade - Todo o universo dos sentimentos humanos tem sempre na masculinidade/feminilidade de cada um instrumento de expressão e um modelador dos sentimentos pessoais. Na escuta da sexualidade do sujeito sempre será ouvida a voz,

sussurro ou clamor, das emoções, das paixões, dos estados de ânimo vividos.

Todas essas falas da sexualidade podem aparecer, conforme o ser e o momento de cada um, tanto em termos de realização, como de frustração, de encanto, como de decepção.

* * * * *

Aqui chegamos ao termo de nossa busca de dados para a escuta da linguagem das relações de gênero. Procuramos os paradigmas atuais que nos permitirão verificar melhor os sentidos das vivências hoje entre masculino e feminino. Como vimos, o que importa são os sentidos que tais vivências têm para as pessoas que as experienciam.

Uma vez conhecidas as falas que se veiculam nas relações de gênero, é possível buscar que tais relações sejam cada vez mais saudáveis. Que elas se façam progressivamente conscientes, livres, autônomas ou guiadas pelos valores e princípios assumidos pelas pessoas, responsáveis, integradas no conjunto da personalidade e congruentes com seu contexto vital. Tal contexto, no caso dos religiosos e religiosas, é, em primeiro lugar, o da consagração, comunhão e missão.

Outras colocações em outros momentos deste Seminário devem trazer-nos mais dados para a compreensão das questões de gênero na Vida Religiosa.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O autor apresenta no texto os principais paradigmas de leitura da sexualidade. Estes paradigmas ficaram claros para você? Comente com seus irmãos, com suas irmãs de comunidade como cada um deles pode ajudar a uma correta compreensão e uma vivência fecunda desta dimensão da vida humana.

2. De acordo com o autor, "a vivência de pessoa sexuada, sua realidade de gênero, se dá num contexto, num ambiente. O contexto sempre marca, estrutura, condiciona, dirige, limita, revigora e sustenta certos aspectos da vivência". Como isto se dá no caso daqueles que optam pelo seguimento de Jesus na Vida Religiosa?

ANÁLISE DE CONJUNTURA

JULHO/AGOSTO DE 1997

Pe. Virgílio Leite Uchôa
Assessor Político da CNBB

Análise de conjuntura, instantâneo do movimento da realidade. Revela o interior invisível e identifica as forças em presença.

INTRODUÇÃO

O papel das análises de conjuntura¹

Tem sido uma constante em nossas reuniões a realização de uma análise de conjuntura. Depois de algum tempo é oportuno fixar alguns pontos, capazes de explicitar o sentido destas análises.

A análise de conjuntura, prévia à programação de ações, quer ser um instantâneo que capte o movimento da realidade, revelando o que se passa no interior invisível, mas também identificando as forças em presença.

Ela tem ainda que nos dizer que forças e tensões são mais fortes e mais estratégicas, com efeitos mais duradouros ou mais estruturais no processo de mudança da realidade, para que, na programação de nossa ação, possamos identificar as tendências a reforçar e aquelas que deveremos enfrentar, sabendo a força e a importância de cada uma. Têm sentido na medi-

da em que se torna um **instrumento de ação** e não apenas um exercício retórico de coleta de informações.

A escolha do como agir, da estratégia adotar, dos meios e instrumentos a utilizar, terá portanto como ponto de partida **nosso posicionamento** no conjunto de forças e tensões que agem na sociedade, no processo em curso de modificação da realidade. Nossa escolha de meios e instrumentos dependerá do peso de cada uma dessas forças.

Quase sempre têm sido feitas perguntas, ao longo dessas análises. As respostas a tais perguntas podem ajudar a explicitar qual o posicionamento **pastoralmente** mais adequado.

A primeira pergunta a ser feita é: para onde está indo a realidade que estamos examinando? Para onde vai o mundo, o Brasil, a nossa Igreja? É um "ver" que capta o movimento e o invisível, mas também o conjunto de forças em ação e reação que explicam esse movimento.

A segunda pergunta "julgará" essa realidade: que problemas existem nessas tendências de mudança, ou o que nelas não podemos aceitar, a partir dos critérios que nossa fé ilumina? Que problemas precisariam ser superados ou resolvidos?

E a terceira, referida ao "agir": onde é mais eficaz, estratégico, decisivo, introdu-

1 Reflexão feita em conjunto com Francisco Whitaker Ferreira, Secretário Executivo da Comissão Brasileira de Justiça e Paz.

zir novas forças e tensões, somando-nos ou antepondo-nos a outras forças e tensões que já estão nela agindo, para que a realidade passe a se modificar no sentido que desejaríamos ou preferiríamos.

Se o julgar pode ir se mantendo o mesmo – até que se dêem modificações mais estruturais e profundas na realidade – o mesmo “ver” tem que ser permanentemente atualizado (são as análises de conjuntura) e o “agir” sistematicamente analisado, a partir de critérios de fé, de eficácia e de ética. Caso contrário, poderemos até estar reforçando exatamente a tendência que queríamos modificar.

Entendida dessa forma, uma análise de conjuntura não se esgota nela mesma. Nem deve ser feita uma única vez, ou a cada vez de forma desligada da anterior. Para que tenha alguma utilidade prática, a reflexão que ela enseja precisa chegar até o agir, a partir do que ela nos fez ver, consideradas todas as forças que estão agindo no momento em que a análise é feita e as tendências resultantes que estão prevalecendo.

Por exemplo, ao longo desses últimos meses sempre vem sendo uma constante a percepção de que falta ao país uma proposta mais séria de uma projeto nacional; ou o enraizamento da proposta neoliberal na base das decisões políticas, sob a ótica da economia de mercado globalizada; ou ainda o aumento da exclusão e o progressivo desmantelamento de iniciativas públicas na área do social.

Quando se faz isto de maneira sistemática, organizada, numa linha contínua de raciocínio que nasce no conhecimento do que está se passando e se modificando na realidade que queremos transformar, aos poucos se vai construindo um quadro permanente de referência do nosso agir em conexão com o ver e julgar.

É claro que estas observações iniciais são válidas na medida em que estivermos convencidos da importância transformadora da nossa ação e do nosso testemunho.

1. PANORAMA MUNDIAL

Hong Kong

Hong Kong volta ao domínio da China, após 156 anos de domínio inglês. O acontecimento foi extremamente significativo e ocupou relevante espaço na mídia, nacional e internacional. Resgatou-se uma visível injustiça para com esse enclave colonial no sudeste do continente chinês. Como não poderia deixar de acontecer o governo de Pequim marcou posição. Uma nova correlação de forças se estabelecerá entre os chamados tigres asiáticos. A China desponta, nesse final de milênio, como capaz de trazer surpresas. O pragmatismo interno da China em suas decisões econômicas nas últimas décadas, a fez um mercado emergente com grandes possibilidades e alternativas.

Luxo, riquezas e contrastes sociais marcam a realidade de Hong Kong. Apesar da exuberância da cidade sabe-se que ela é hoje um centro de alto consumismo e de populações marginalizadas e excluídas dos benefícios os mais elementares. A mídia internacional aproveitou-se do fato e fez o seu terrorismo, quase a insinuar que se perde uma ponta de lança do capitalismo avançado no extremo oriente. Insinua que a China não se contentaria, agora com Hong Kong, logo a seguir Macao e quem sabe, num futuro próximo, chegue até Taiwan.

Parece, contudo, que para a China foi um alto negócio. Por enquanto nada muda no cenário econômico e social de Hong Kong. Há um pacto virtual, chamado de “pacto de Fausto”², entre o governador

2 Newton Carlos, “Hong Kong e o pacto de Fausto”, Correio da Cidadania, 26/06 a 05/07/97, pág. 3.

designado pelos chineses e a comunidade empresarial da cidade. A liderança chinesa de Pequim, interessada no crescimento dos negócios, nem incomodará a elite financeira da cidade, nem esta reclamará das eventuais limitações das liberdades civis. Os chineses não querem destruir um capitalismo tão rentável. A cidade é vitrine do mercado livre, a própria imagem do mercado global. O futuro político de Hong Kong é incerto e pessimista são as previsões dos analistas.

Interessante observar, neste contexto, a situação e posição das Igrejas cristãs, presentes em Hong Kong. Diante de uma cidade desigual as Igrejas cristãs são desafiadas a passar da "ação caritativa à ação profética"³.

As elites locais foram formadas pelas escolas dos missionários, completaram seus estudos nas universidades inglesas, assumiram a liderança da indústria e da economia local. A maioria da população é mão-de-obra explorada e não se beneficia dos direitos humanos fundamentais. Os trabalhadores ordinários não gozam de segurança no emprego, nem tem seguridade social, nem aposentadoria. O mercado financeiro está nas mãos de poucos. Hong Kong é um modelo perfeito de desigualdade social. O fosso entre ricos e pobres não cessa de crescer.

No início de 1950, os missionários estrangeiros se depararam com um grande desafio: como ajudar o imenso número de refugiados, vindos da China continental, providenciando escolas e hospitais. Evidentemente, nessas circunstâncias, numerosas foram as conversões e as Igrejas começaram adquirir uma fisionomia chinesa, com ênfase especial na assistência social caritativa. Numa situação dessas, nem sempre se ia a fundo nas causas e raízes das desigualdades sociais. O inegável benefício às populações ca-

rentes, em contrapartida, era anulado por um sistema educacional de alto nível que, inconscientemente "reforçava o sistema elitista da sociedade e exercia a função na preservação e manutenção do status quo".

"Hoje, mais do que qualquer outro momento histórico, Hong Kong tem necessidade de uma voz profética, livre de quaisquer pressões políticas locais e de defesas de privilégios"... "A época colonial chega a seu fim. A massa dos cristãos e cidadãos de Hong Kong espera por uma voz que falará para o povo na nova sociedade".

Como se percebe, também em outras partes do mundo, cristãos estão inquietos.

Como repensar a necessidade do testemunho profético da Igreja, em situações semelhantes em nosso país, onde as desigualdades sociais são crescentes?

Como pastorais sociais, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e o Projeto Novo Milênio podem se tornar instrumentos de denúncias das causas profundas dos problemas sociais?

E, ao mesmo tempo, como fazer de tais instrumentos anúncio das iniciativas positivas existentes na própria sociedade, sinais de uma nova ordem?

Crise monetária

As crises monetárias na Tailândia, Malásia, Indonésia e Filipinas também não deixam de ser um abalo sísmico no quadro do Oriente emergente. Analistas ainda não chegaram a grandes conclusões. É certo que a presença da China, nesse contexto comercial e financeiro não deixa de ser um fator explicativo. Produtos mais baratos em virtude do baixo custo de mão-de-obra e o crescimento econômico acelerado força a um novo equilíbrio de forças. Além

3 Kwok Nai Wang, "Eglises d'Asie, n° 245, junho de 1997, pág. 25-32, citado por "Espérances des peuples" julho-agosto 1997, n° 368, pág. 19.

disso aqueles países fizeram crescer suas economias a partir de investimentos moldados nos interesses do capital especulativo, que determinam, mais do que os governos locais, os rumos financeiros e da própria economia.

A crise monetária nos países de economia emergente no Oriente funcionou como um alerta geral a todas outras situações semelhantes em outros continentes. Recentemente um alerta⁴ mais contundente se fez ouvir, especialmente dirigido às autoridades monetárias do Brasil.

Dornbusch mostra como os fatos vão, aos poucos, mostrando algumas evidências. Afirma "... como algo que há pouco meses mal era um problema, e com certeza não era um grande desastre se aproximando, pode agora ter chegado ao ponto de ebulição". É evidente que o México, anteriormente e agora Tailândia eram vulneráveis ao que aconteceu. Tomar medidas para tornar as economias menos vulneráveis "é um bom começo". E mais ainda... "os bancos centrais simplesmente não têm chance de combater os especuladores de forma vitoriosa, mesmo que usem controles sobre a entrada de capital". É impossível... "manter as taxas de juros altas pois não dispõem de reservas ilimitadas, não têm espaço político avantajado". A alegação de que é importante, a qualquer custo, a moeda nacional sobrevalorizada para evitar efeitos inflacionários, responde, categoricamente, que "inflação é o menor dos problemas que um país tem a enfrentar".

E o economista alerta: ... "o FMI mantém um registro cuidadoso dos alertas e das advertências feitos aos funcionários dos governos dos países com problemas". "O Brasil deve estar recebendo atenção diária. Nenhum país pode se dizer livre do contágio do que aconteceu com a Tailândia".

No entender de Dornbusch o Brasil é sério candidato a uma situação semelhante. O déficit em conta corrente é alto, em números absolutos, em relação às economias emergentes asiáticas e com a moeda sobrevalorizada (em torno de 25%, segundo ele). O mecanismo exato seria defender a moeda com juros altos e flutuação cambial. O governo brasileiro ainda não conseguiu resolver essa equação. Tão logo o consiga, o presidente garante sua reeleição.

E conclui Dornbusch afirmando que "... é melhor antecipar as coisas", pois "pela metade do ano que vem o mercado estará perguntando o que ele vai fazer depois da eleição – um realinhamento cambial?"

A propósito do episódio internacional da queda das moedas nas economias emergentes do Oriente e do alerta à variante nacional, cabe lembrar algumas advertências do sociólogo Alain Touraine⁵ em recente artigo.

A sua análise tem em vista particularmente a situação da França inserida numa economia liberalizante e globalizada. Nem por isso suas intuições deixam de ser interessantes para outras economias mundializadas quando afirma que "uma liberalização da economia sem uma contrapartida social é inaceitável".

É enfático ao dizer que "há de rejeitar um liberalismo econômico desprovido de uma política social de integração nacional e de proteção dos mais fracos". "As políticas propriamente sociais devem ter um objetivo central: diminuir as desigualdades". "Aqueles que não têm um efeito de redistribuição devem ser abandonadas ou limitadas". "Isso requer uma autocrítica corajosa por parte de todos os grandes órgãos de intervenção social, desde a Previdência Social até a educação nacional.

4 Rudger Dornbusch, "Post-mortem sobre a Tailândia", Folha de São Paulo, 03/08/97, pág. 2-6.

5 Alain Touraine, "Por uma nova política social", Correio Braziliense, 09/08/97, pág. 19.

É propõe, após a sua análise, uma nova estratégia política em três aspectos para fazer à ameaça constante da pura e simples economia de mercado:

- Aceitação real das novas condições de vida econômica internacional e reduzir de forma duradoura os déficits do Estado.
- Dar prioridade real à criação de empregos, isto é, passar de uma política de desemprego a uma de emprego, o que implica transformações em todos os níveis em que o Estado intervém.
- Garantir a continuidade entre a antiga e a nova cultura política"... "desde que sejam coerentes entre si as exigências da economia e as demandas sociais".

E conclui dizendo "da necessidade de passar do velho modelo de política social a um novo". E isso rapidamente se não "voltaremos a nos envolver em crises cada vez mais paralisantes socialmente e perigosas politicamente".

Que pensar a respeito dessas condições em nosso contexto econômico, político e social?

Como aproveitar estas idéias, positivas e mobilizadores, para iniciar a discussão política de um projeto nacional?

Como imaginar essas idéias dentro do processo político eleitoral que se aproxima?

2. PANORAMA NACIONAL

Crise na polícia e segurança pública

A crise na polícia mineira foi um imenso estopim. Amplia-se, assim, o leque da deteriorização social. Novos atores entram em cena. Estados falidos, governadores inábeis, como o de Minas Gerais insistem em tratar a questão social como caso de

polícia... Mas os novos atores mostram que a questão das polícias é também uma questão social. E ainda revela como falta no país uma verdadeira política nacional de segurança pública.

Os lamentáveis episódios e as generalizadas greves, no país inteiro revelam policiais vivendo o drama do povo e como apenas foram preparados para reprimir e manter privilégios.

A segurança pública do Estado, amplamente desvirtuada no período da ditadura militar transformou soldados uma sub classe, mal remunerada e a serviço, não do cidadão e de sua segurança, mas apenas da defesa de privilegiados da nossa sociedade.

A situação é extremamente grave e os nossos dirigentes não se dão conta disso. "Está tudo tranquilo"⁶, repete o Presidente Fernando Henrique. No auge da crise das PMs nos Estados o Ministro Sérgio Motta, com a sua bombástica entrevista na revista "Veja", critica ministros, lideranças políticas, criando grande embaraço ao Presidente. E assim, à deriva, o país fica entregue "às pequenas intrigas dos seus figurões".

"Mas os grandes do país não estão nem aí para o verdadeiro desafio à autoridade posto pelo caos no aparelho de segurança. Nem ligam para o fato de que a fatia mais miserável da população paga o preço da insegurança gerada pela greve dos policiais"⁷.

"A responsabilidade é dos governos estaduais, o de Minas em especial, que não atuaram preventivamente; do governo Federal, que desprezou os sinais de que a coisa estava ficando preta; e também dos políticos, que ficam nadando em torno do Serjão em vez de mergulhar em questão tão grave"⁸.

Algumas lideranças dos movimentos sociais e sindicatos manifestaram-se a res-

6 Folha de São Paulo, 25/07/97, pág. 1-1.

7 Clóvis Rossi, "Os anões e a autoridade", Folha de São Paulo, 25/07/97, pág. 1-2.

8 Eliane Catanhede, "O dedo no gatilho", Folha de São Paulo, 25/07/97, pág. 1-2.

peito da crise nas PMs, alguns solidários, outros refletiram sobre os acontecimentos.

“Espero que a solidariedade ajude a diminuir a violência contra os colonos, porque, sabemos muito bem, assim que obtenham os aumentos, os policiais sem consciência social, voltam a cumprir ordens contra os Sem-Terra”⁹. E ainda a respeito do mesmo assunto: “E no caso da polícia é necessária uma reflexão: queremos uma polícia preparada para a cidadania, com boas condições de trabalho e salário e seja amiga da comunidade, quebrando inclusive o velho hábito de ser instrumento do capital contra o povo trabalhador”¹⁰.

Nesse contexto, por que não pensar numa nova PM? “... uma nova formatação para as polícias estaduais primeiro e efetivo passo para o fim das PMs e sua fusão com as demais polícias. Todas elas ressurgiriam em uma só com a função precípua de defender não mais o Estado e seus interesses, mas sim o cidadão e suas necessidades”¹¹.

Aberto o importante debate a respeito da segurança pública cidadã, o Governo apenas corre atrás do prejuízo. Nomeia uma Comissão junto ao Ministério da Justiça e da Secretaria dos Direitos do Cidadão para encaminhar o assunto, cuja gravidade poderia ter sido previamente controlada. Falta vontade política de resolver efetivamente a questão da segurança pública no país. As propostas de emenda constitucional, apresentadas pela equipe governamental se entrecrocaram. Não há consenso entre o Secretário Nacional de Direitos Humanos, o Ministro da Justiça, os Secretários de Segurança e os Governadores.

A crise está longe de se esgotar. Há uma nítida diferença entre o que pedem a

base dos soldados e a cúpula das polícias militares.

A base revolta-se porque quer sobreviver e é, ao mesmo tempo, vítima de um sistema inadequado. A questão policial não é apenas salarial. A crise mostra claramente o esgotamento de um modelo inadequado de se tratar a Segurança Pública. Modelo esse que reflete a ideologia de segurança nacional do regime militar de 1964. A violência policial é disso um exemplo claro e nítido.

A cúpula, nem pensa em projetos de melhor definição de distribuição e justiça salarial, não quer perder privilégios, nem busca uma adequada política de segurança nacional desmilitarizada.

É certo que nos conflitos nos diversos estados houve quebra de hierarquia e desafio da autoridade. Muitos elogiaram a atitude, dura e intransigente, do governo Tasso Jereissati, quando acabou com a mobilização no Estado do Ceará, sem atender as exigências básicas e elementares de remuneração condigna.

É bom lembrar que as atitudes repressivas, como essa do governador Tasso, apenas reforçam a intolerância de um passado recente do país, onde os frutos da ditadura militar foram de triste memória e atrasam o processo de maior justiça social e equacionamento de uma nova política de segurança pública.

“O governo está tentando resolver o problema sem mudar a estrutura do modelo vigente, que é autoritário, herdado da ditadura militar”. É o que afirma o deputado Hélio Bicudo¹², grande especialista da questão de segurança do país.

9 João Pedro Stédile, citado por Jânio de Freitas, “Um desvio inesperado”, Folha de São Paulo, 25/07/97, pág. 1-5.

10 Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, “Painel do leitor”, Folha de São Paulo, 25/07/97, pág. 1-3.

11 Luiz Caversan, “Polícia demais”, Folha de São Paulo, 25/07/97, pág. 1-2.

12 Entrevista, “A semana no Brasil”, Correio da Cidadania, 09 a 16 de agosto de 1997, pág. 4.

Há um projeto de Lei de sua autoria engavetado no Congresso Nacional. Esse projeto contém profundas mudanças no modelo de segurança brasileira. O "lobby" das polícias é muito forte. Porém o governo, com a vontade política determinada, facilmente conseguiria aprovação do projeto.

A questão é delicada e grave. O deputado Hélio Bicudo não tem muita esperança de que o governo promova modificações condizentes com a gravidade do momento. E adverte: "mudar apenas superficialmente não vai resolver o problema. Depois haverá outra crise e mais outra. Isso é preocupante, pois pode pôr em risco a vida institucional e a própria democracia".

Por que não apoiar uma solução mais definitiva da crise nas polícias? Não seria oportuno desengavetar o projeto e trazê-lo à discussão pública?

O que acontecerá quando as outras categorias sociais começarem a se organizar e a reivindicar políticas salariais mais justas?

Mudança no Banco Central

Recentemente houve mudança do presidente do Banco Central. Gustavo Franco, que assumiu no lugar de Gustavo Loyola. Gustavo Franco é ferrenho defensor da política exatamente contrária à defendida por Dornbush em seu artigo, citado anteriormente.

Um episódio, aparentemente insignificante, quando da sabatina ritual a que foi submetido o novo presidente do Banco Central, junto à Comissão de Economia e Finanças do Senado Federal, antes da aprovação final do seu nome pelo plenário, revela a distância entre as nossas autoridades monetárias e a realidade do povo, da miséria e da exclusão. Ao mesmo tempo,

tal episódio permite avaliar os rumos da economia do país.

Uma criança pobre pede esmola a Gustavo Franco à entrada do Senado. Os fotógrafos de plantão captam a imagem. Gustavo Franco caminha sem ao menos se importar com os apelos da criança. Mais tarde um dos senadores, presentes na sabatina, questiona a sua atitude de indiferença. O gestor do dinheiro do país responde que não compete ao presidente do Banco Central resolver o problema dos meninos de rua... É certo que não compete ao órgão Banco Central resolver este problema. Porém, não pode ser indiferente aos clamores sociais.

Para melhor avaliar o que significou a mudança do Presidente do Banco Central, é bom lembrar o recente ataque do ministro Sérgio Motta a diversos ministros e políticos, em entrevista à revista "Veja". Um dos que fora duramente criticado foi exatamente o Sr. Gustavo Franco. Um dos motivos da crítica foi o assunto do destino do dinheiro das privatizações. O ministro Malan e sua equipe, entre os quais encontra-se o novo Presidente do Banco Central, insistem na aplicação de tais recursos na redução da dívida pública e não em investimentos sociais. Firma-se a tendência pela qual, politicamente, o Plano Real ainda é o grande eleitor de FHC.

O Banco é considerado internacionalmente como a "A Pátria dos excluídos"¹³, conforme relatório de um grupo de ONGs "que acompanha o cumprimento de metas do governo perante a Organização das Nações Unidas (ONU)". O relatório chamado de "*Observatório da Cidadania*" afirma que "não há perspectivas de diminuição da pobreza no Brasil". "A dinâmica da economia e o processo de globalização apontam muito mais para a exclusão do que para a inclusão", diz a socióloga Amélia Cohn, autora do texto

13 Warner Bento Filho, "A Pátria dos excluídos", Correio Braziliense, 17/08/97, pág. 10.

sobre o Brasil neste relatório, cheio de dados estatísticos.

Até quando é ético se tolerar o agravamento das tensões sociais, sem alternativas, a não ser a da moeda forte?

MST e mobilizações sociais: conflito anunciado

A questão agrária continua na ordem do dia. Recentemente uma nova medida governamental poderia dar a impressão de reais conquistas para estabelecer justiça social no campo, através de autêntica Reforma Agrária. Qual o que! A chamada "Cédula da Terra", lançada pelo Governo Federal, não passou de um novo ensaio. Tenta formular um Projeto de promover a substituição da desapropriação pela compra das terras. Evidentemente, por várias razões, as lideranças dos movimentos pró Reforma Agrária, Sem-Terra e a CONTAG, rejeitaram este tipo de aliciamento. Acham que não toca na estrutura improdutiva do país, não distribuirá as rendas, pois favorece, uma vez mais, os fazendeiros e pode levar, ao contrário os trabalhadores rurais a sério comprometimento financeiro e empobrecimento.

A respeito do Movimento dos Sem-Terra, nota-se, de um lado a continuidade da coerência das teses fundamentais de sua mobilização. De outro observa-se uma maior agressividade da União Democrática Ruralista (UDR). Esta se reorganiza, ganha espaço na mídia e desafia perigosamente, como retrata a fotografia da tabuleta, colocada numa das fazendas do Pontal do Paranapanema: "UDR: aberta a temporada de caça aos Sem-Terra"¹⁴.

Diante da constante falta de vontade política por parte do Governo em aprofundar a questão das desapropriações,

nota-se nas áreas de maior conflito, como no Pontal do Paranapanema, que estão sendo constituídas milícias armadas. O objetivo é conter o avanço das ocupações. O fato novo é que tudo acontece como se não houvesse nenhum arbítrio e, aos poucos, os direitos sociais passam a ser solucionados, bem ou mal, com a ausência de autoridade pública.

As elites privilegiadas têm a seu favor a mídia. As palavras das lideranças sociais são interpretadas e distorcidas, conforme os próprios interesses. Caso típico foi a recente entrevista de João Pedro Stédile¹⁵. A imprensa deu destaque enfatizando o caráter quase revolucionário, anarquista e de rompimento institucional, eventualmente contidos no discurso de Stédile.

Quando se lê mais atentamente, não o que está contido nas manchetes, mas no corpo da entrevista se percebe melhor o seu pensamento. Aliás suas idéias são simples, corajosas e dinâmicas. Porém devem ser entendidas a partir do contexto em que foram ditas.

Ele afirma que não haverá mudanças se a política continuar sendo, no país, de cima para baixo. A participação, em todos os níveis, é absolutamente fundamental. Acredita que os movimentos sociais organizados devem se preocupar com os problemas da sociedade como um todo. Tentar superar o individualismo, o consumismo e assumir a perspectiva de efetiva solidariedade.

Quando falou de se ocuparem as escolas vazias, entende que se trata de tomar iniciativas concretas para que essas escolas voltem a funcionar. É bom lembrar que, quando deu a entrevista, ele participava do encontro de Educadores do MST, realizado em Brasília. Por tarefas concretas entendia os mutirões de limpeza, de conserto e reparo dos móveis e imóveis. Numa palavra,

14 Jornal do Brasil, 20/08/97, pág. 1.

15 Correio Brasiliense, 29/07/97, pág. 09. Ver ainda ponderações de Dora Kramer, Jornal do Brasil, 29/07/97, pág. 02 esclarecimentos do próprio Stédile, Jornal do Brasil, 29/07/97, pág. 03.

ações que fizessem as escolas, os hospitais, enfim, as cidades voltassem a funcionar.

“Não vamos organizar o povo na cidade, mas queremos que os Sem-Teto se organizem, os desempregados se organizem e façam um movimento de massa para chamar atenção para o que o país está vivendo. E nós vamos nos aliar as eles”.

“Onde já conquistamos terra, temos que fazer ações sociais que recuperem na sociedade valores como o da solidariedade. A sociedade nesse novo modelo está impregnada de consumismo, do individualismo”.

“Então, os Sem-Terra devem ocupar a escola pública para impedir que feche. Embora ela não seja para os Sem-Terra, nós temos que nos preocupar com os problemas da sociedade local”.

Em diversos momentos de sua entrevista, Stédile mostra que aposta num novo modelo de sociedade, diferente do que aí está. Diz mesmo que quem for eleito futuramente deve implementar um projeto nascido da práxis solidária e organizada. Historicamente, diz ele, somente desse modo surgiram as grandes mudanças sociais.

Ao dar destaque a essa entrevista se quer chamar a atenção para algumas tendências no que diz respeito à Reforma Agrária. Têm-se agravado as tensões entre as partes, a mídia manipula tendenciosamente tudo aquilo que diz respeito à mobilização dos Sem-Terra. Há uma generalizada desconfiança por parte dos que controlam a opinião pública sobre tudo aquilo que diz respeito ao sucesso político dos Sem-Terra.

Cada vez mais se percebe que os excluídos, em diversos episódios, se organizam sem contar efetivamente com projetos governamentais. Diante de direitos fundamentais a serem implantados e conquista-

dos parece que a aparência dos eternos esperançosos está se esgotando. Nesse sentido o quadro de ausência do Estado, cada vez mais sentida no social, é algo que causa muita preocupação.

Estaremos amadurecendo entre as mobilizações sociais de todos os excluídos a tendência de ruptura intitucional?

Por outro lado, a realização do 1º Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária em Brasília entre 28 a 31 de julho de 1997 traz esperança. O MST investe na educação de formadores, comprometidos com uma educação popular, aberta socialmente, calcada nos Direitos Humanos, e cheia de esperanças com a constatação de que “há a possibilidade de uma rebeldia organizada e da construção de um novo projeto”. São palavras textuais contidas no “Manifesto ao povo brasileiro”¹⁶, redigido na conclusão dos trabalhos.

Merece, ainda, destaque o alerta da Comissão Pastoral da Terra (CPT). O lançamento da publicação “Conflitos no Campo”¹⁷, edição 1996, com detalhada documentação, mostra a preocupante curva ascendente da violência em conflitos agrários, espalhados no país inteiro. As estatísticas levantadas mostram que “a média de 1996 é a maior dos últimos onze anos de documentação” e “os conflitos cresceram em todas as regiões do país e em quase todos os estados”.

Agenda Parlamentar

O Congresso quer, a partir do mês de agosto, retomar a iniciativa legislativa. É a estratégia chamada *Agenda Parlamentar*¹⁸ uma espécie de resposta às críticas de sua falta de independência na definição da sua pauta. Os parlamentares querem assim

16 Manifesto das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária ao povo brasileiro, folheto manual.

17 Conflitos no Campo, Brasil 96, publicação da Comissão Pastoral

18 Jornal do DIAP, ano IX, Nº 128, julho de 1997, págs. 1,2 e 9.

agindo dar uma resposta aos que julgam estarem sempre a reboque do Executivo.

Tal agenda inclui pontos polêmicos e que mexem profundamente com a estrutura de direitos sociais, particularmente dando continuidade às chamadas reformas constitucionais e outras providências. Mesmo atendendo a prioridades do Governo, querem demonstrar capacidade de articulação, dentro do quadro da vida nacional.

Temas principais:

- A reforma política, prevendo a regulamentação das eleições majoritárias do próximo ano é polêmico pelo fator reeleição. A regulamentação do uso da máquina governamental e o horário político na mídia certamente provocará pressões e discussões acirradas.
- O Sistema Único de Saúde, com particular atenção para a Proposta de Emenda Constitucional 169/93. Tal emenda prevê mais recursos dos estados e municípios para o SUS.
- A Segurança Pública, particularmente importante em virtude das recentes greves na polícia militar.
- A Reforma agrária e Fundiária, cuja importância e atualidade definirão os rumos das mobilizações e pressões sociais.
- A Reforma do Judiciário.
- O Emprego e as Relações de Trabalho.
- A regulamentação do plebiscito e do uso de medidas provisórias.
- A reforma da Previdência Social, cujo substitutivo deve ser votado ainda este mês.

Muitos pontos dessa Agenda Parlamentar interessam ao governo e à sua lógica de desmonte do Estado, tutelador de direitos e garantias individuais. A tendência em flexibilizar as relações do trabalho, privilegia os partidários da redução do chamado "custo Brasil". A política governa-

mental e a dos empresários, de modo geral, responsabilizam as garantias sociais dos trabalhadores como o único fator de desequilíbrio na competitividade e na eficiência das empresas. Nesse sentido a agenda de discussão, que tende a flexibilizar direitos, a introduzir o contrato temporário de trabalho e a baratear o custo da dispensa de empregados não é animadora para a classe trabalhadora. As perspectivas são de se criarem classes de trabalhadores: uns com direitos e outros descartáveis. Prevê-se, ainda mexer na estrutura sindical numa tentativa de se desarticularem as suas organizações e eximir o Estado de qualquer contribuição financeira no custeio de tais atividades.

A reforma da Previdência basicamente reduz direitos e garantias da Seguridade Social, previstas na Constituição de 1988, e introduz, de maneira gradual, no sistema previdenciário regras vinculadas ao sistema do mercado financeiro.

Outra questão de particular interesse do Executivo é a Reforma Judiciária, especialmente o chamado efeito vinculante. Este significa que decisões de Tribunais superiores, tornam-se jurisprudência para julgamentos em instâncias inferiores, o que limitará em muito o poder de decisão dos juízes.

O efeito vinculante, na forma em que foi aprovado em primeira votação no Senado, tem pontos polêmicos. Sob o pretexto de desobstruir o excesso de processos em tramitação na justiça (grande parte desses processos vem do executivo e 80% da Procuradoria Fazendária), trará pressões políticas sobre os juizes em todo país. As decisões do Supremo Tribunal Federal, correm o risco de se transformarem em lei para instâncias inferiores. Parece não ser fora de propósito a reação de muitos juristas¹⁹ a esse respeito.

19 Dalmo de Abreu Dallari, "Adeus aos direitos", Folha de São Paulo, 31/07/97, pág. 3.

Esterilização e aborto

Dois temas especialmente polêmicos agitarão o Congresso nos últimos dias. Primeiro a Câmara dos Deputados retirou o veto do Presidente Fernando Henrique ao projeto, anteriormente aprovado, que garantia o atendimento gratuito de casos de esterilização por parte da rede pública de saúde. Depois a aprovação na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara da regulamentação do artigo do Código Penal, existente desde 1940, que prevê a despenalização do aborto em casos de estupro e grave risco de vida para a mãe. O assunto ainda deve ir ao plenário da Câmara.

A regulamentação amplia a obrigação da rede pública hospitalar, ligada ao SUS, de realizar gratuitamente o que já estava previsto e não regulamentado.

É evidente que ambas as questões são preocupantes. Amplia-se a mentalidade da "cultura da morte" e não se reforça a defesa intransigente da vida.

Os pobres, especialmente, poderão ser o alvo primeiro e maior de manipulação de interesses de controle de natalidade, seja por motivos de uma política econômica neoliberal, cada vez mais presente na opinião pública nacional, seja falta de clareza das prioridades no campo ético e social, ou ainda, por motivo de manipulações políticas em épocas de eleições.

Como enfrentar pastoralmente, os dilemas cada vez mais presentes na opinião pública do País a esse respeito?

Como sair da clandestinidade dos abortos e esterilizações para uma não penalização dos casos limites, previstos em Lei, das situações humanas e das consciências, sem estimular a "cultura de morte"?

Como executar um amplo programa educativo da "cultura de vida", para aju-

dar as pessoas e os legisladores a discernir, com critérios éticos e morais?

Qual a melhor forma de encontrar caminhos e leis adequadas a essas situações limites?

Qual o melhor método de fazer o diálogo? Qual a equilibrada pressão a ser promovida junto a parlamentares e junto à opinião pública, sem cair em exageros fanáticos, quase sempre sem autocritica do ridículo?

Que pessoas, que instituições seriam melhor credenciadas? Que mobilizações se fariam necessárias e de que modo se apresentariam ao Congresso Nacional para o equilibrado diálogo e para a justa pressão?

Que atitudes, proféticas e corajosas, se fazem necessárias para denunciar a política neoliberal em curso? Não seria esta política causadora de condições cada vez mais difíceis, para as pessoas e as famílias salvaguardarem o dom precioso da vida?

Todas essas questões não deixam de ser um tremendo desafio para nós Igreja Católica, para as Igrejas em geral e para todas as pessoas de boa vontade, que estamos absolutamente convencidos do valor fundamental da vida humana.

Desqualificação do crime

Bastante polêmica a decisão da juíza Sandra De Santis Mello, desqualificando o crime do índio pataxó Galdino, morte em virtude das graves queimaduras em 20 de abril p.p. A juíza entendeu que os jovens que atearam fogo não tinham intenção de matar o índio, desqualificando o crime hediondo, reduzindo-o a lesões corporais seguida de falecimento da vítima. Com essa decisão os três maiores ficam livres do júri popular e de penas que poderiam chegar a trinta anos.

A Arquidiocese de Goânia²⁰ em nota emitida na sua reunião mensal de 14/08/97

20 Correspondência ao Procurador Geral da República, em 14/08/97, dada ao conhecimento público na mesma data.

manifestou a sua “extrema preocupação” pois “diminuir a punição desses criminosos confessos, desqualificando seu delito para lesão corporal seguida de morte, em nada contribuiria para sua regeneração, mas seguramente estimularia impunidade... e aumentaria a lamentável descrença de nosso povo nas instituições jurídicas”.

A Secretaria Geral da CNBB²¹ também se manifestou em nota aos meios de comunicação social. Dizendo-se unida “às diversas declarações públicas de pessoas e instituições manifestando apreensão pela decisão...”, esperando que “a decisão em questão não venha representar, ao final, a impunidade a qualquer tipo de tratamento desigual em face da posição social dos autores do delito”.

A Promotora Maria José Miranda deve tomar posição ofensiva e recorrer desta sentença.

Familiares e membros da tribo pataxó estiveram na sede da CNBB, juntamente com assessores do CIMI, para uma entrevista pública em 20/08/97. Na ocasião o deputado Luiz Eduardo Greenhalgh, também auxiliar de acusação junto com outros, explicou na oportunidade que a “sentença era unilateral, pois desprezou o restante das provas na instrução criminal”. “Os rapazes agiram e assumiram conscientemente o dolo eventual com possibilidade de morte. Trata-se, portanto de um caso típico de um dolo eventual, ou seja, lesão corporal com morte eventual”. “Além disso a sentença omite um fato fundamental: corrupção de menor”. Um dos jovens que participou da operação era menor.

O episódio faz lembrar a morte do Herbert José de Souza, o Betinho, já bastante homenageado e lembrado pelos meios de comunicação social.

Ninguém, porém, melhor do que Luiz Caversan²² aproximou estas duas mortes, procurando entendê-las.

“Tudo na morte é discutível, menos a própria”. Este axioma é de Betinho e encontra-se na sua última obra “A Lista de Alice”. “A morte, para Betinho, era isso: o fim da vida, indiscutível quanto inevitável”. Ele... “convivia diariamente com a morte por causa da sua doença”. “Para que sofrer, se há tantas coisas importantes para fazer?”

“Lembro-me de Betinho por dois motivos: primeiro porque ele é uma daquelas pessoas para quem nunca uma homenagem será demais. Segundo por causa da malquice que vem se tornando o julgamento dos assassinos do índio pataxó Galdino, queimado vivo para a diversão de um grupo de desocupados brasileiros”.

“A questão, como se sabe, é que a juíza do caso desqualificou o crime, atribuindo a ele uma suposta não-intenção de cometê-lo”.

“Como se isso fosse possível: ateia-se fogo em alguém para não queimá-lo, mas para se divertir”.

“Como disse o Betinho, tudo na morte, inclusive na de Galdino, é discutível. Menos que ele morreu queimado”.

“Também, quem manda ser índio...”

3. CONJUNTURA ECLESIAL

Assembléia Nacional da CPT

Realizou-se em Goiânia a XI Assembléia Nacional da CPT de 4 a 7 de agosto de 1997, cujo tema era “Terra, Direito e Utopia”. Foi eleito o novo Presidente, Dom Tomás Balduino. Ao final da Assembléia publicou o seu “Manifesto”²³, lembrando

21 Secretaria Geral da CNBB, nota redigida em 15/08/97 e divulgada em 20/08/97.

22 Luiz Caversan, “Betinho e Galdino”, Folha de São Paulo, 15/08/97, pág. 2.

23 Encarte do Boletim da CNBB, 21/08/97, nº 380.

que “A Pastoral da Terra, neste ano, celebra e abraça a luta profética e precursora de Canudos, há cem anos massacrada, e a caminhada dos povos indígenas, tão significativamente vivenciada pelo CIMI irmão, em seu 25 anos de serviço”. “Reafirma sua vocação de serviço pastoral às lutas pela terra e na terra...” “... terra que é a vida e a sua qualidade; é a implementação dos Direitos Humanos” ... “é a democracia verdadeiramente participativa e popular”.

Concluindo reafirma a sua consciência profética ao **afirmar** alguns princípios de ação, baseados em “direitos anteriores à lei”, na legítima pressão popular, na “reivindicação da função social da propriedade da terra”, urbana ou rural, e no compromisso solidário universal.

A mesma consciência profética faz a CPT **denunciar** a “violação da função social da propriedade da terra”, chamando atenção para o latifúndio no campo e especulação imobiliária na cidade, as injustiças do Poder Judiciário “na criminalização do movimento popular”, o cinismo de medidas governamentais (Decreto 2.250/97)²⁴, a repressão policial e o silêncio manipulador de certos meios de comunicação.

E conclui reafirmando a mística de entrega da CPT, alimentada na “razão de nossa Esperança Pascal, na certeza da promessa do Deus fiel: “a terra dará seu fruto, vocês comerão dele com fartura e viverão nela com segurança” (Lv 25,19).

O 9º Encontro Intereclesial

Longamente preparado, realizou-se de 15 a 19 de julho de 1997 em São Luís, MA, o encontro que reuniu as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) de 240 Dioceses e 2.359 delegados. A chamada “Carta de São Luís”²⁵, expressa a alegria

do encontro, da partilha e da celebração da caminhada ecumênica, semeada na esteira luminosa do Concílio Vaticano II, reafirmando os compromissos de “opção preferencial pelos pobres, expressa em Medellín, Puebla Santo Domingo”, “em defesa da vida rumo ao Novo Milênio”, para gerar “vida e esperança nas massas”, lema e grande estímulo do evento.

Foi um encontro da Fé com a Vida das massas, naquilo que há de mais característico e popular na cultura brasileira.

Alguns destaques fundamentais das CEBs:

- “Situam-se no seio do catolicismo popular, ... espaço onde antigas vivências se renovam”.
- Abrem-se às Religiões afro-brasileiras na certeza de que “o Espírito de Deus há de nos guiar” em questão tão complexa quanto profunda das raízes na nossa cultura.
- Dialogam, sem preconceitos, com as Igrejas Pentecostais e a Renovação Carismática, a “partir da convivência cotidiana e das ações e lutas concretas em favor do povo”.
- Unem-se na crítica à exclusão social, buscando instrumentos de denúncia profética da “grande causa da exclusão que é o neoliberalismo, projeto de morte, que só favorece o mercado e a quem pode competir, virando as costas para o sofrimento do povo”. Nessa luta “pedem aos irmãos bispos, padres, pastores, assessores e assessoras e aos movimentos apostólicos, apoio mais firme na caminhada, especialmente nos compromissos concretos e nas ações alternativas na área social e política”.
- Ressaltam a importância da cultura da massa que saiba utilizar, não só os instrumentos alternativos mas também

24 Cf. Análise de Conjuntura, junho de 1997, encarte boletim Notícias da CNBB, 03/07/97, nº 373.

25 Encarte do boletim Notícias da CNBB, 24/07/97, nº 376.

uma "política mais global de comunicação popular e libertadora".

- "Os povos indígenas continuam sendo os nossos mestres numa ecologia que brota das raízes mais profundas da sua espiritualidade". Porém estão preocupados ao ver "que a Igreja do Brasil, até agora, pouco acolheu, especialmente em sua liturgia, da grande riqueza e diversidade, das culturas e ritos indígenas". "Eles se sentem parte viva do Povo de Deus", e "... insistem que sua luta não está desligada" da sua caminhada maior.

Ampliando parcerias

Foi a tônica própria da Plenária Nacional da 3ª Semana Social Brasileira (3ª SSB), realizada em São Paulo, entre 21 e 22 de julho de 1997. A coordenação nacional tenta assim ampliar o leque de participação ao evento maior, convocando "movimentos populares, sindicatos, associações como a dos Portadores de Deficiência, pastorais e Igrejas cristãs"²⁶. Trata-se de envolver, articuladamente, o maior número possível de atores sociais no processo

de discussão, desencadeado pelos projetos da 3ª Semana Social e o Grito dos Excluídos. É importante unir forças da sociedade na luta contra a exclusão social e conhecer o que já está sendo feito por outros no resgate das dívidas sociais.

Assim se amplia o envolvimento das bases no processo de participação na 3ª SSB na esperança de que, até à sua realização em 1999, haja o maior número de iniciativas populares mobilizadas em torno do objetivo comum.

Concluindo

Estariam estes eventos eclesiais a nos mostrar novos apelos, os novos caminhos e a fortalecer a presença da Fé na Vida? Estariam redescobrando as raízes e diversidades de nossa cultura?

Uma nova mística da Fé Libertadora, uma nova caminhada, um verdadeiro processo de inculturação, por acaso, não estariam se delineando, efetivamente, rumo ao Novo Milênio?

Brasília, 26 de agosto de 1997

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

Depois da análise de cada um dos aspectos da atual conjuntura, o autor coloca várias perguntas. A partir do próprio

texto e da sua experiência, procure responder a essas perguntas em comunidade.



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de novembro de 1997

Como já lhe escrevi em outubro de 1997, está à sua disposição, na CRB Nacional ou na sede de sua CRB Regional, o livro "Para Fazer Bem o Retiro-5. **A Experiência Cristã de Deus no Retiro**". Você não vai se arrepender de adquiri-lo e usá-lo. Procure folheá-lo e lê-lo. Ler até rezar. Ler é um convite ao raciocínio, à seleção de informações, à escolha criteriosa de alternativas. A ausência do livro em nossa vida é um complicador a mais. Novos mundos se abrem a quem lê. Ler ensina a viver e incide beneficentemente no cotidiano vivido.

Este livro "A Experiência Cristã de Deus no Retiro" gira ao redor de um dia especial em todo Retiro, o dia da **Celebração Pessoal e Comunitária da Penitência**. É um dia singular na cronologia espiritual de todo Religioso. Aqui vai uma amostra apenas da proposta que este livro faz para se viver o dia da Celebração Pessoal e Comunitária da Penitência. Livro não se resume. O jeito é ler.

EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS NO RETIRO

Nove capítulos – 160 páginas

- O capítulo um traz a **Oração da Manhã** do dia da Celebração Pessoal e Comunitária da Penitência. Na primeira parte (são 14 páginas) vem uma oração comunitária serena, envolvente, generosamente interativa. A segunda parte (são sete páginas) quer ser um apoio para cada um, individualmente, sentir, na quietude, as ressonâncias desta oração matinal.
- O capítulo dois traz a **Oração das Doze Horas**. Na primeira parte (são 18 páginas), um exame de consciência comunitário para cada um esquadrihar as próprias sombras e, também, mergulhar na luz de Deus. Numa segunda parte (são 4 páginas), a percepção consciente do eco da voz de Deus na própria vida pessoal, comunitária, congregacional e eclesial.
- O capítulo três a **Oração das Quinze Horas**. São doze páginas. Trata-se de uma oração comunitária imediatamente ANTES e imediatamente DEPOIS da confissão auricular de cada um, incluindo uma solene absolvição comunitária.
- Os demais seis capítulos versam sobre os **atos clássicos indispensáveis** de quem se confessa, a saber: conversão, arrependimento, consciência, dor e propósito, confissão, reparação. O Religioso, ao se reconhecer culpado, abre as portas da misericórdia divina. Arrepende-se. Deplora suas falhas e seus pecados. Confessa ao sacerdote. E repara pela penitência e pelo espírito de penitência.

Religioso, a razão fundante de nossa Vida Consagrada é a **Experiência Cristã de Deus**, isto é, cada um sentir e experimentar Deus como Jesus o experimentou e sentiu. Um dos modos pelos quais Deus nasce na experiência de Jesus é a SANTIDADE. A santidade é o ser de Deus. A percepção de Deus como santidade inconcebível leva o Religioso a um conhecimento radical do que ele é: relatividade, limitação, pecado. E o impele a um desejo intenso de ser como Deus é: santo, santo, santo. Grau máximo: santíssimo. O pecado é incompatível com a santidade. Incompatível, portanto, com Deus.

No dia da **Celebração Pessoal e Comunitária da Penitência**, no Retiro, reconhecer-se pecador. Arrepender-se. Penitenciar-se. Desapegar-se do mal. Purificar-se. Comprometer-se só com Deus. Libertar-se de tudo o que não conduz ao essencial, de tudo o que pode falsear nossa caminhada, pode onerá-la, pode desviá-la. Os anseios de renovação, conversão, santificação, se traduzem concretamente em um **NÃO** sempre mais consciente ao pecado e em um **SIM** ainda mais decidido a Deus e os irmãos. Tudo isto é garantido pelo **Sacramento da Reconciliação**.

Adquira. Leia. Divulgue.

"Para Fazer Bem o Retiro-5: **A Experiência Cristã de Deus no Retiro**".

Publicações CRB. Ano 1997. Páginas, 160. Preço: R\$ 5,00.

Você não vai se arrepender. É livro para a vida toda.

Deus esteja PRESENTE em você. O que ele é. E Deus é tudo. Presente e AGINDO. Fazendo o que ele pode. E Deus pode tudo. **Presença e ação de Deus em nós, através de nós, apesar de nós**. É a bênção que lhe envio como ardente desejo da fé. Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente

MARCOS DE LIMA SDR